

Maria Stella de Azevedo Santos

MEU TEMPO É AGORA





ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

Mesa Diretora:

Presidente: **Marcelo Nilo**

Vice-presidente: **Rogério Andrade**

Segundo-vice-presidente: **Fernando Torres**

Terceiro-vice-presidente: **Aderbal Caldas**

Primeiro-secretário: **Roberto Carlos**

Segundo-secretário: **Júnior Magalhães**

Terceiro-secretário: **Edson Pimenta**

Quarto-secretário: **Antônia Pedrosa**

Assessoria de Comunicação Social: **Paulo Bina**

Assessor para Assuntos de Cultura: **Délio Pinheiro**

Maria Stella de Azevedo Santos

MEU TEMPO É AGORA

2ª edição



Assembleia Legislativa
do Estado da Bahia

2010

*Agradeço ao Universo a inspiração que me deu para esta nova edição, que se materializa graças à ajuda dos filhos, **Ajagun Tayobí** que digitou e **Oluborí** que com parcimônia e disponibilidade fez a leitura e ajustes valiosos.*

*Espero que gostem,
Mãe Stella*

Sumário

| | |
|-------------------------------|-----|
| PREFÁCIO, | 9 |
| AS ÌYÁ DO ÀŞẸ ÒPÓ ÀFONJÁ, | 17 |
| OS FILHOS-DE-SANTO, | 37 |
| OS OLÓYÈ, | 67 |
| SOBRE OS RITUAIS, | 89 |
| MODOS E COSTUMES, | 119 |
| VISITAS, | 133 |
| ALGUNS ASSUNTOS POLÊMICOS, | 139 |
| ILUSTRAÇÕES, | 149 |
| GLOSSÁRIO, | 163 |

PREFÁCIO

Quis o destino, num domingo de um outubro perdido na memória dos anos setenta, que, retornando de uma visita à casa de amigos moradores do antigo Beiru, eu ouvisse na noite o repicar dos atabaques que me levaram pela primeira vez ao Ilê Axé Opô Afonjá. Eu, vindo do Maranhão, recém-formado em Medicina na Bahia, sabia das minhas raízes ligadas ao Candomblé (possuía bisavó paterna que fora escrava liberta). Era como se alguma força me chamasse.

Ao entrar no Barracão, deparei-me com uma senhora, que sentada na sua cadeira, dirigia a Festa. Em certo momento, ela entrou na roda do xirê e de uma maneira altiva, majestosa e com um olhar penetrante, me fez refletir e pensar que deveria retornar àquele Terreiro para melhor conhecer aquela Religião dos Orixás. Pensei em retornar, mas não consegui. Emocionado com os acontecimentos daquela noite, fui-me embora me esquecendo de perguntar o endereço.

Passaram-se anos, até que um dia um senhor de prenome Américo procurou-me no consultório para uma

consulta. Ao final do exame, ele então me disse que haveria uma certa festa de Candomblé e que eu seria seu convidado, que eu teria que ir, que ele fazia questão da minha presença. Qual não foi minha felicidade quando ele me disse tratar-se de um xirê no Ilê Axé Opô Afonjá. Aceitei de imediato. A partir de então, passei a freqüentar as festas com assiduidade. E “seu Américo”, Américo de Oxum, como era conhecido no Terreiro, veio a se tornar meu Pai Pequeno.

Um outro dia inesquecível foi, durante as *Águas* de 1992, quando fui suspenso Ogã de Oxalá, já sendo de Oxaguiã. Ocasão marcante. A princípio, fui tomado de uma grande surpresa depois de muita alegria pela deferência do orixá manifestado à minha pessoa. No ano seguinte, durante os preparativos para a confirmação presenciei, no Barracão, ao lançamento de *Meu Tempo é Agora*.

De tiragem reduzida, a primeira edição esgotou-se rapidamente. Foram quase duas décadas de espera para que uma segunda edição se concretizasse. Só agora graças à iniciativa da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia será possível aos seguidores do Candomblé ter acesso a esta obra, que é basilar para a compreensão de como as relações se desenvolvem dentro da nossa comunidade. Sem dizer, a falta que fazia às gerações mais novas de iniciados.

Este livro é uma obra muito importante fundamental sob vários aspectos: Mãe Stella começa por abordar

as origens do Terreiro, dando ênfase principalmente às contribuições das Mães-de-Santo que a antecederam, porém sem deixar de mencionar aqueles que, ocupantes ou não de cargos, com funções religiosas ou não, contribuíram para a consolidação do Ilê Axé Opô Afonjá desde suas precárias localizações iniciais até sua instalação definitiva em 1910 na roça em São Gonçalo do Retiro onde permanece até hoje.

Com olhos e pena de cronista Mãe Stella ajuda-nos a melhor compreender as mudanças realizadas pelas Iyás e seus colaboradores ressaltando sempre o caráter edificante de todas elas. Através dela sabemos dos esforços de Mãe Aninha, Obá Biyi, para atravessar fronteiras sociais, ao mesmo tempo, trabalhando com afinco pelo que acreditava ameahando a solidariedade dos poderosos, dando importantes passos para a liberação do Culto aos Orixás em todo o País; sabemos que Mãe Bada, Olufan Deiyi, empenhou-se em aprofundar os conhecimentos religiosos, iniciando várias pessoas em outros terreiros, ela “entendia profundamente os mistérios dos Oríxa,”... era “a desempatadora oficial de questões litúrgicas, conflitantes do Candomblé desta terra”; que Mãe Senhora criou os sub-cargos de Otun e Osi para o Corpo de Obás; sabemos que “inovações positivas foram feitas por Mãezinha, coisas de valor, a exemplo da reforma na Casa de Omolú, do quarto de Oxalá, das Ayabás, e a idéia da reconstrução da Casa de Xangô”... que ela era também “boa mestra” e que orientou muita gente.

Junto com sua preocupação em registrar os “ajustes”, as “reformas” que cada Iyálorixá fez à seu tempo, tomamos assim, não apenas conhecimento de personalidades importantes para a história de nossa Casa, mas como também passamos a conhecer particularidades, intimidades, que só são possíveis dentro do âmbito da família. Da extensa família ancestral-religiosa a qual todos pertencemos. Tomamos conhecimento de personalidades tais como foi Obá Sanyá, tio Joaquim, a quem Mãe Aninha considerava como pai; como foi o Babalaô Martiniano Eliseu do Bomfim o elo do Axé com a Nigéria; o Ogã Jorge Manuel da Rocha cujos esforços rendeu-nos o Decreto nº 1212; ficamos sabendo que “os Babalorixás Procópio, Ciríaco, Bernardino freqüentavam as festividades da nossa Casa”; que Nezinho da Muritiba era grande amigo de nossa Mãe e que suas filhas Bida e Rosinha, Iyalorixás respeitadíssimas, passavam muitos dias no Axé como hóspedes de Mãe Senhora; sobre Mãe Senhora, Oxum Muiwá, que foi “Mãe Preta do Brasil” na década de sessenta e recebeu o título de principal mulher do culto a Xangô, “Iyá Naso”, das mãos do Príncipe de Oyó na Nigéria, que muito vaidosa, gostava de jóias, perfumes, talcos, adorava “Alfazema Garrão”, gostava de comer peixe e beber vinho “Reserva”; sobre Mãezinha, Iwin Tona, que nasceu no mar dentro de um navio da “Bahiana”, daí seu nome Ondina, do seu abastado pai José Theodoro Pimentel, primeiro e único Bãlé Xangô de nossa Casa; que Mãezinha era um misto de doçura e aspereza, que

possuía o talento herdado de conversar com os olhos, que desarmava qualquer um.

Numa prosa despreziosa e direta Mãe Stella vai passando pelas pessoas, falando-nos dos valores que elas preconizavam, ressaltando suas contribuições, nos dando intimidade, nos familiarizando com as origens e as tradições do nosso povo. Num determinado momento constata enaltecendo a necessidade de livros: “não é mais possível a prática da crença nos **Oríxa** sem reflexão, estudos e entrosamentos. A tradição somente oral é difícil nos tempos atuais. Até mesmo porque a aquisição da escrita pela humanidade é um ganho, e não uma perda.”

Além da preocupação com a leitura, a preocupação com a instrução, ela afirma, vem desde o tempo da fundadora, Mãe Aninha, que apesar de toda dificuldade do seu tempo queria ver seus filhos de anel no dedo, pés na terra, servindo aos Orixás. Este livro tem um alvo claro, muito bem definido: “estes escritos se destinam, particularmente, aos meus filhos **Adoşu**. Meu tempo é restrito, em virtude dos incontáveis compromissos que a vida de **Iyalorixá** me impõe. Por isso, achei indispensável transmitir a vocês, meus descendentes espirituais, algum conhecimento adquirido nos meus longos anos de experiência como **Adoşu** e **Olóyè**. A população terrestre aumentou muito, conseqüentemente a do **Axé** também, dificultando muito a transmissão do conhecimento apenas por via oral. O que se registra, por escrito, permanece! Porém, nunca é demais lembrar, apesar da

importância da escrita na comunicação, o conhecimento transmitido pela oralidade é a base da transmissão do conhecimento iniciático, pois só através dele o “Àşę dos mais velhos pode ser repassado aos mais novos”.

Além do precioso conhecimento, proveniente da melhor fonte de todas as fontes, sobre o nosso passado, os iniciados encontrarão neste livro um guia detalhado de modos e costumes que poderão lhe ajudar a entender as diversas situações de vida na comunidade do **Ilê Axé Opô Afonjá**: como se vestir, se comportar, como observar o respeito aos mais velhos, a hierarquia implícita nas relações etc. Traz também esclarecimento sobre os rituais mais significativos, fazendo menção detalhada do intrincado mundo dos cargos e funções dentro do nosso Terreiro. Conhecimento que levará o iniciado a saber precisamente seu lugar “no mundo”, como se posicionar em relação aos demais e em relação às diversas circunstâncias em sua volta.

Este livro envolve a percepção de diversos tempos e as formas de transmissão de conhecimento. A velocidade que vem tomando os acontecimentos nos nossos tempos afasta-nos cada vez mais da possibilidade de vermos mantidos os vínculos familiares tradicionais. No Candomblé isto também é verdade. Com este livro Mãe Stella cria uma nova forma de tradição na família-de-santo.

Nesta longa conversa — que é este livro — Mãe Stella dá o seu recado, chamando-nos a atenção para as

forças capazes de manter a integridade e coesão da família-de-santo em nossa sociedade, apontando para os perigos que nos rondam, de dentro e de fora. MEU TEMPO É AGORA! Ela clama.

Nos quase setenta anos de iniciada e trinta e quatro de comando no nosso Terreiro, Mãe Stella sempre tem uma palavra amiga, de compreensão, de incentivo, de carinho e acima de tudo de verdadeira Mãe. Percebemos em todos seus escritos a avidez zelosa da mãe que com empenho e determinação preocupa-se em transmitir princípios de conduta, e valores para a imensa legião dos seus filhos, ensinando-nos que o mais importante é garantirmos a permanência do Culto aos Orixás entre nós: “Deixemos o egoísmo de lado e tratemos de transmitir conhecimento como maneira de conservar o Candomblé ‘por todos os tempos’”, instiga-nos.

Que o caçador da flecha certa, Oxossi — dono do seu Eledá — que Xangô, e todos os outros orixás permaneçam ao seu lado a lhe dar coragem, saúde, e muitos anos de força para continuar nossa Mãe, orientando com sabedoria aos seus filhos do Ilê Axé Opô Afonjá.

Súre fún mi, Iyá minha querida Mãe Stella,
Seu filho, Ribamar Daniel — Olualadê
Salvador, Março, 2010.

AS ÌYÁ DO ÀŞẸ ÒPÓ ÀFONJÁ

*Enquanto eu estiver no Àiyé, este é o meu tempo.
Minhas homenagens às Ìyá que me antecederam.*

Mãe Aninha, Ọba Biyi (Eugênia Anna dos Santos), Ìyá que fundou esta Casa, conseguiu sua independência religiosa quando, inspirada por Şàngó, resolveu assumir um Ilẹ̀ Àşẹ, na rua do Camarão, onde, auxiliada por Ọba Sanyà, tornou-se Ìyáloriṣa. Daí, mudando-se para o Nordeste de Amaralina, depois para a Ladeira da Praça, até instalar-se definitivamente na estrada de São Gonçalo do Retiro, numa fazenda a que deu o nome de Ilẹ̀ Àşẹ Òpó Àfonjá — Casa de Força cujo sustentáculo é Àfonjá. Desde então, Mãe Aninha viveu numa constante progressão, cuidando não só do novo espaço sagrado, mas também de toda a sua população. Atravessando fronteiras no âmbito social, trabalhando com afinco pela sua crença, impondo respeito e adquirindo solidariedade, deu importantes passos para a libertação do Culto aos Oríṣa.

O Ilẹ̀ Àşẹ Òpó Àfonjá foi criado em 1910. Mãe Aninha era de Şàngó, Filha-de-Santo de Ìyá Marcelina — Ọba Tosi, do Candomblé do Engenho Velho,

o Àṣẹ Ìyá Naso Oká. Foi a responsável pela liberação do culto afro-brasileiro, bastante perseguido nos primórdios do século XX, pela polícia. Candomblé era coisa de “negros ignorantes, prática fetichista, a vergonha da Bahia”, diziam. **Ọba Biyi** não hesitou: no Rio de Janeiro, onde residia na época, foi ter com Getúlio Vargas, obtendo a liberdade para a prática da religião dos **Oríṣa**, pelo Decreto nº 1212. A entrevista com o Presidente foi conseguida graças à ajuda de Oswaldo Aranha — chefe da Casa Civil e amigo de Mãe Aninha e aos esforços do **Ọgá** Jorge Manuel da Rocha. Era sempre incentivada pelo Tio Joaquim, **Ọba Sanyà**, a quem considerava seu pai. **Ọba Biyi** criou nossa Casa que, com as bênçãos de **Şàngó** e fruto de muito trabalho coletivo, continua de pé, preocupada com a conservação da tradição oral, herança de nossos ancestrais.

Com dignidade, auxiliada pelo **Babaláwo** Martiniano Eliseu do Bomfim, elo de ligação do **Òpó Àfonjá** com a Nigéria, introduziu no Novo Mundo o Corpo de **Ọba** (ou **Mogbà**), aos moldes de **Ọyó**. Estes, em número de doze, são considerados os Ministros de **Şàngó**. Eles são divididos em seis **Ọtun**, os da direita, e seis **Òsi**, os da esquerda. São responsáveis pelas coisas civis da Roça. Homens que têm por dever ajudar a **Ìyá** na organização social do **Ilẹ̀ Àṣẹ**. São **Olóyè**, chamados de pai. Em 1936, Mãe Aninha criou a Sociedade Cruz Santa do **Àṣẹ Òpó Àfonjá**, preservando, assim, a continuidade de nossa Casa e evitando eventuais incidentes de sucessão, após a sua morte.

A **Ìyáloriṣa** era descendente de africanos **Grunci**, habitantes do Alto Voga. Seu pai se chamava Anió e sua mãe Azambriô. Segundo informações, este povo é raríssimo atualmente e não deixou seguidores de sua prática religiosa entre nós. Mãe Aninha segurou o culto às divindades **Grunci** como pode e até hoje elas são cultuadas aqui no **Àṣṣẹ**, de maneira discreta, na esperança de não se deixar esvaír este culto, com idioma e identidades diferenciados dos **Oríṣa Yorubá**. Ela foi iniciada no culto aos **Oríṣa Obìnrin**, correspondente a **Yemonjá** dos **Yorubá**. Outras divindades **Grunci** são cultuadas na Casa de **Ìyá**, em um culto à parte, específico. Talvez por isso esta Casa — a de **Yemonjá** — tenha uma energia tão misteriosa que faz com que nem todo Iniciado possa adentrá-la. Também foi lá que o **Ṣàngó** de Mãe Aninha se apresentou pela última vez deixando suas mensagens para os poucos presentes no momento, com algumas orientações que serviria para sua substituta e todos os membros do **Ẹgbé**. Foi na Casa de **Ìyá** que a Grande Senhora foi vista pela última vez aqui no **Àiyé**.

No tempo de Mãe Aninha o mistério estava mais presente, até na sua própria pessoa **Ṣàngó Àfonjá** sempre mostrava toda a sua força através de práticas misteriosas, como, por exemplo, fazendo **orogbo** virar pedra e pedra virar pó. Este **Ṣàngó** emanava fogo! Tantas e tantas outras coisas ele fazia... Quem conhecia os mitos dos **Oríṣa** e presenciava o que Ele fazia não tinha dúvida da veracidade das práticas inexpli-

cáveis. Também, o “Povo de Àṣẹ” era uma família plena de fé e espiritualidade e por isso merecedores deste tipo de graça. Tempos em que os Àgbá eram verdadeiros mestres. A inexistência de energia elétrica e dos atuais meios de comunicação favorecia tais eventos. A correspondência era o “correio nagô”. Os acontecimentos, agradáveis ou não, esvaíam-se no mesmo espaço (não tinha telefone disponível, *internet...*). Esse era o tempo em que se via e se vivia o mistério! Creio que nesse tempo os Oríṣa e Baba Egún estavam vinculados a nós pela fé, obediência e respeito. Não é saudosismo, é pura realidade!

Outra importante inovação realizada por Ọba Biyi foi transformar um Terreiro de Candomblé em uma espécie de África. Ela reuniu “diversas tribos africanas” em um só espaço. Mãe Aninha dedicou uma casa a cada Oríṣa, individualizando, assim, as práticas religiosas. As pessoas que não conhecem o Àṣẹ se admiram quando nos ouvem dizer: “Eu e Però somos da mesma casa”; “não gosto que falem da gente lá de casa”; “lá em casa tem de tudo — negro, mulato, loira, morena”, “o pessoal lá de casa é assim mesmo”. O estranho fica surpreso pelo fato de todos pertencerem ao Àṣẹ e conseqüentemente, à “mesma Casa”. Esta separação nossa, feita na “pilhéria”, um irmão provocando o outro, dá-se pela diferenciação de ritos religiosos de um para outro Oríṣa. Eu e Però, Ọdẹ Taiwo, somos de Ọdẹ, da “Casa de Ọdẹ”, os assentos de nossos Oríṣa estão no mesmo local, moram juntos, comunicam-

se. As expressões “lá em casa”; “o pessoal de minha casa” deve-se a Mãe Aninha, pois foi ela quem criou um espaço para cada **Oríṣa** e sua família, fomentando na gente um estreitamento de laço com os irmãos do mesmo **Oríṣa** e um saudável orgulho por pertencermos a esta ou àquela casa.

Ìyá Qba Biyi era muito zelosa com coisas de hierarquia e **awo**. Tinha um grupo de Filhas-de-Santo mais velhas, e umas tantas quantas senhoras idosas, as **Àgba** — responsáveis pela educação direta das Filhas-de-Santo. Depois da Iniciação, Mãe Aninha as deixavam aos cuidados das velhas senhoras.

Tia Cantú, **Ayrá Tola**, Filha-de-Santo de Mãe Aninha, que nasceu em 16 de março de 1900 e morreu em 27 de junho de 2004, aos 104 anos de idade, nos contou muitas histórias. Ai da Filha-de-Santo que resolvesse passar por cima da hierarquia, indo queixar-se diretamente à Mãe-de-Santo... Não tinha nem graça! O grupo de **Àgba**, a que me referi, tinha que educar as Iniciadas. Caso estas não se comportassem muito bem, a culpa era atribuída à incompetência das mestras. O professor responde pelos discípulos, não é assim mesmo? Daí o zelo das **Àgba** em transmitir conhecimentos aos mais novos. Conhecimentos estes que, por sua vez, elas tinham recebido dos seus mais velhos. Ninguém queria ser advertida pela Mãe-de-Santo. Muito pelo contrário, faziam questão de mostrar que davam conta do recado, que sabiam das coisas. Se a **Ìyáloríṣa** entregava seu Filho a uma **Ojubona** para tomar con-

ta é porque confiava naquela pessoa. Falhas da Mãe-Pequena do **Iyawó** era motivo de desmoralização da Mãe-de-Santo. Por tal motivo, Mãe Aninha procurou preencher seu **Ẹgbé** com os cargos inerentes a um **Àṣẹ**, sendo ela a mestra maior, orientou a todos com sua força de caráter e disciplina.

Mãe Aninha deixou o **Àṣẹ** em 1938, juntando-se a outros dignos ancestrais, levando consigo muito conhecimento que não teve tempo de passar. Quando faleceu, deixou um barco de **Iyawó** novíssimo, mal tinham acabado de dar o nome. Deve ter sido horrível! A cidade do Salvador parou com o falecimento de **Ìyá Qba Biyi**. Lembro-me de minha tia, muito séria, conversando com titio sobre a perda de uma jóia rara da Bahia. Nesse dia, 3 de janeiro de 1938, vi titia chorar. Eu tinha doze anos. Tia Menininha (Archanja) era **So-bálorú** do Terreiro de Mãe Aninha.

Mãe Bada, **Olufan Deiye**, idosa e doente, assumiu temporariamente os destinos do **Àṣẹ Òpó Àfonjá**, com a ajuda de Mãezinha, **Iwin Tona**, a **Ìyákékeré** da Casa, e Senhora, **Ọṣun Muiwá**, a **Òsi-Dagan**. Iniciou um barco de **Iyawó** (primeiro e único que ela iniciou nesta Casa, apesar de ter iniciado diversas pessoas em outros Candomblés) composto por **Ẓàngó** (José, filho de Honorina, **Qba Olosede** e Hilda, **Qba Tèro**); **Yemonjá** (Dulcinha, **Ìyá Qmọ Olominde** e Maria da Barra, **Ìyá Toguna**); **Ọsányìn** (Honorina, **Ọsányìn Dele**); **Ọṣun** (Senhorazinha, **Ọṣun Gere** — e **Ọṣun**

Tola); **Yánsàn** (Isabel “Queixinho”, **Ọya Bomi**); **Ọmọlu** (Antonieta, **Igi Lona**, e Fortunata, **Igi Ewe Ka**). Lembro-me de Mãe Bada, olhar altivo, bondoso, fala meio enrolada, misturando **Yorubá** com Português. Eu a chamava de avó, pois **Ìyá Ọba Biyi** a chamava de mãe. Minha avó Bada era pessoa da confiança de Mãe Aninha e uma das fundadoras do **Àṣẹ**.

A anciã era uma *expert* em coisas da religião. Entendia profundamente os mistérios dos **Oríṣa**, iniciou várias pessoas em outros Terreiros da Bahia. Naqueles tempos, o “Povo-de-Santo” era mais unido, entrosado. Havia um maior número de visitas e troca de idéias. Talvez isto fosse uma forma de proteção e resistência, por causa das constantes perseguições policiais. Os **Babalóriṣá** Procópio, Ciríaco, Bernardino freqüentavam as festividades de nossa Casa. O mesmo se deu, em tempos mais recentes, com Nezinho da Muritiba, conhecido como Nezinho de **Ògún** (com quem manteve uma larga amizade). Este, acompanhado das Filhas Bida e Rosinha, **Ìyáloriṣa** respeitadíssimas (ambas já falecidas), passava dias e dias em nosso **Àṣẹ** na condição de hóspede de Mãe Senhora.

Assim, foi Mãe Bada a “desempatadora” oficial de questões litúrgicas conflitantes do Candomblé desta terra. Seu nome era Maria da Purificação Lopes. Ocupou, antes do falecimento da fundadora, o posto de **Baró** — espécie de conselheira, “aquela que medita e aconselha”.

O “reinado” de Mãe Bada foi curto, pois a idade avançada e a doença abreviaram seu tempo no Àiyé. Partiu para o Òrun levando consigo muita força misteriosa e valiosos conhecimentos.

Passado o tempo regulamentar, o destino do Àşẹ ficou sob a orientação de Mãe Senhora. Com pulso forte e doçura de Olóşun, por mais de trinta anos se dedicou ao Òpó Àfonjá. Mãe Senhora tinha total dedicação a Şàngó e o consultava para as mínimas coisas. Ele era seu orientador e confidente. Vibrava nas festividades dedicadas ao senhor Àfonjá.

Muitas histórias sobre Şàngó me foram passadas por minha Mãe-de-Santo, nas ocasiões em que amistosamente batíamos papo. Era uma constante para mim, subir a ladeira de São Gonçalo todas as tardes, andando mais de dois quilômetros. Conversávamos sobre vários assuntos. Eram verdadeiras aulas! Para minha vida, tanto como pessoa, quanto como Ìyálorişa, as lições recebidas foram muito válidas. E digo isso sem a menor presunção, pois hoje ocupo o lugar que pertencera a minha Mãe-de-Santo.

Mãe Senhora falava muito sobre hierarquia, dando ênfase à autoridade de Mãe Aninha. Segundo minha mãe, aquela falava pouco no dia-a-dia com os Filhos-de-Santo, deixando a tarefa para a Dagan do Ègbé, dona Fortunata de Qde, que por sinal fora Ojubona de minha mãe. Era assim responsável pelos Àbúrò da Casa.

Ao assumir o posto de **Ìyáloriṣa**, além de outras inovações que serviram para o engrandecimento da Casa, Mãe Senhora criou os sub-cargos de **Òtun** e **Òsi** para o Corpo de **Ọba**. Cada **Ọba** passou a ter, então, seus auxiliares — um **Òtun** e um **Òsi**. **Ọba Odofin** teria, por exemplo, um **Òtun-Ọba Odofin** e um **Òsi-Ọba Odofin**. A formação do Corpo de **Ọba** passou assim, de doze para trinta e seis componentes, ela colocou no lugar de **Dagan** (pois Dona Fortunata falecera), a sua **Omo-Oríṣa** Antonieta. E como **Òtun** e **Òsi-Dagan**, respectivamente, Georgete e Didi. Outros **oyè** foram preenchidos. Eu era **Kólabá**, sucedendo Matilde. Além disso, Mãe Senhora confirmou muitos **Ọgá** e **Ọba**; iniciou inúmeros **Olóriṣa** e completou muitas “Obrigaçãoes” de Irmãos-de-Santo. A última Filha-de-Santo iniciada por Mãe Senhora foi Viví de **Şàngó**, **Ọba Tawo**, que foi **Ìyáloriṣa** na cidade do Rio de Janeiro. Apesar da dedicação que tinha pelo **Àṣẹ** nunca faltou às festas do Terreiro de **Egúngun**, **Ilẹ Agboula**, onde ocupava o importante posto de **Ìyá Egbé**, a chefe da sociedade feminina.

Minha mãe não costumava sair da cidade. No entanto, fora ao Rio de Janeiro algumas vezes, inclusive para receber o título de “Mãe Preta do Brasil”, na década de sessenta. Das mãos do Príncipe de **Ọyó**, Nigéria, recebeu o **oyè** de **Ìyá Naso** — a principal líder mulher do culto de **Şàngó** — a primeira de que se tem notícia após a mítica **Ìyá Naso**, fundadora do Candomblé do Engenho Velho. No Rio de Janeiro, Mãe Senhora se

hospedava em Casa de Zora Seljan e Antonio Olinto, membros do **Òpó Àfonjá**. Ela fez algumas viagens a São Paulo. Por falar em viagens, lembra-me a vaidade de Mãe Senhora: jóias, perfumes, talco eram seu forte. Gostava de comer bem, principalmente peixe. Era boa consumidora de vinho. Gostava do “Reserva”.

A vaidade de minha mãe incentivava as Filhas a se arrumarem com esmero. E como a velha era exigente com coisas de Barracão! Não tinha esta de saia mal passada; anágua murcha... Eu (Teté, como carinhosamente era chamada por ela), Haydée e Moacir éramos os acompanhantes de Mãe Senhora à Ilha de Itaparica, para o **Ilê Agboulá**. Um trio freqüente, também, aos domingos na sua casa no Engenho Velho, onde fazíamos arrumações intermináveis, regadas (secretamente, é claro) a vinho e cerveja. Mãe Senhora adorava receber, com a manha própria da gente de **Òşun**. O visitante era “loiô” ou “laiá”. Apesar da intimidade, sabia colocar as pessoas (e como!) nos seus devidos lugares. Sua última residência foi no Barbalho, no topo da Ladeira do Funil. Ao passar pela região, minha boca fica seca e os olhos brilhantes. O vento, indiferente, traz o cheiro do seu perfume: “Alfazema Garrão”.

Mãe Senhora faleceu no dia 22 de janeiro de 1967, no Terreiro. Fui chamada em casa por loiô, motorista amigo, pela manhã. Na véspera, passara por uma situação difícil de explicar: um pressentimento de perda, carência. Em plena festa de caruru, em família, no bairro

de Nazaré, tive uma incontrolável crise de choro, com uma sensação de peito apertado. Vi loiô, cedo, na porta de casa, e tive um sentimento de certeza da morte de minha Mãe Senhora. O homem foi avisando de que minha mãe estava doente, muito doente e blá, blá, blá... Muito tenso, chegava a estar lustroso. Vítima de um súbito derrame cerebral partia para o **Òrun** uma grande dama do Candomblé da Bahia.

Mais uma mudança no **Àṣẹ**. Após um ano de recesso, **Ṣàngó**, por intermédio do **Olúwo** Agenor Miranda, assistido pelo **Babalóriṣá** Nezinho da Muritiba (Nezinho de **Ògún**) foi escolhida para conduzir o destino do **Àṣẹ**, Mãezinha, como sempre fora carinhosamente chamada **Iwin Tona** (Ondina Valéria Pimentel). Ainda bem moça foi designada por Mãe Aninha para ser a **Ìyákékeré** do **Ègbé** (cargo que passou para Pinguinho, **Òṣun Fumiṣe**). Quiseram os búzios, mais uma vez consultados, que ela substituísse a falecida **Ìyá**, passando a conduzir os caminhos do **Ilè**. Ela nasceu em pleno mar, a bordo de um navio da “Bahiana”, daí o nome Ondina. Filha de pai abastado, José Theodoro Pimentel, muito ligado ao **Àṣẹ**, recebera das mãos de **Ìyá** Aninha o **oyé** de **Bálé Ṣàngó** — literalmente, chefe da tribo, aquele que segura o **Ilè**, uma espécie de administrador. O que implica dizer que antes da criação do Corpo de **Ọba**, o **Ilè** era administrado pelo ocupante deste cargo.

Mãezinha pertencia à tradicional família de culto a **Egúngun**: os Pimentel. A **Ìyá**, dando continuidade

aos ensinamentos de Mãe Aninha e valorizando a hierarquia, concedeu o cargo de **Ìyákékeré** a “Pinguinho” (Eutrópia Maria de Castro), **Òṣun Fumiṣe**, uma das **Olóyè** mais marcantes desta Casa, de inesquecível memória. Pinguinho foi uma mestra valorosa em questão de hierarquia. Severa, às vezes ríspida, implacável, muito contribuiu para a preservação dos ritos, preocupada sempre em transmitir ensinamentos.

Mãezinha, misto de doçura e aspereza, temperamento de reações imediatas, herdou dos mais velhos o gesto de conversar com os olhos. Isto desarmava qualquer um! Durante sete anos segurou os destinos do **Àṣẹ**. Creio que seu tempo foi reduzido devido ao desgaste de responder por dois Terreiros — um na Bahia, outro no Rio de Janeiro —, dobrando as suas responsabilidades. Vivía pela estrada Rio-Bahia. O Candomblé, fundado por ela, antes de ser designada **Ìyáloriṣa** de São Gonçalo, foi implantado no bairro carioca do Éden. Deixou, por lá, um número considerável de Filhos-de-Santo. Alguns continuaram as “Obrigações” comigo. Hoje, meus **Omo-Oríṣa**.

Filha de **Oṣala** e **Ṣàngó**, dedicava-se, em especial, à Casa de **Ìyá**, pela afinidade decorrente do seu nascimento no mar. Boa mestra, ela orientou muita gente procurando aprofundar seus conhecimentos religiosos cada vez mais. Por toda essa dedicação, teve que deixar precocemente as práticas da vida civil. Recebera educação aprimorada, principalmente em música, com

estudos completos de piano. Em virtude dos compromissos com a religião, fechou o piano, dedicando-se aos **Oríxa** de corpo e alma.

Inovações positivas foram feitas por Mãezinha, coisas de valor, a exemplo da reforma da Casa de **Ọmọlu**, do quarto de **Oşala**, das **Àyaba**,... E, ainda, a idéia de reconstrução do **Ilẹ Şàngó**, que infelizmente não viveu para concretizar.

Em 19 de março de 1976, partiu **Ìyá** Ondina para o **Ọrun**, deixando um grande vácuo para os **Olórixa**, seu esposo, amigos e parentes, aos quais tanto ajudou. Na mesma data, no ano seguinte, 19 de março de 1977 fui escolhida **Ìyáloríxa** do **Ilẹ Àşẹ Ọpó Àfonjá**. O jogo foi feito pelo **Olúwo** Agenor Miranda.

Dia muito estranho para mim, quando ouvi o Senhor Agenor perguntar quem era **Ọde Kayode** e o **Asogbá** Didi, confirmando num **orogbo**, dizer: é Stella. Tenho certeza que o **Oríxa** faz tudo independente de nossa vontade e paixão. Exatamente neste período estava eu me aposentando da Secretaria de Saúde (caiu bem para **Şàngó**...). Desde então procuro a perfeição.

Dedicação tem sido constante em minha vida de enfermeira aposentada, por tempo de serviço, da Secretaria de Saúde Pública do Estado da Bahia. Trocando as seringas de vacina e aulas de Educação Sanitária aos carentes, pelos apetrechos de **Ìyáloríxa**. Às vezes me vejo fazendo preleções aos Filhos, não de Educação

Sanitária, mas de Educação Espiritual, maneiras pelas quais nos conduzimos à perfeição.

Busco aprender (e continuo buscando) desde quando aqui cheguei, sem nada saber sobre uma comunidade de Candomblé. O “chamado” do **Oríxa** ocorre por diferentes maneiras, mas a aceitação tem que ser de coração. Pode acontecer que a pessoa esteja sempre insatisfeita, com sintomas de doenças, cabeça confusa, instabilidade emocional...; outra ocasião é desacerto profissional ou familiar. Às vezes o “chamado” é feito através da realização de uma pesquisa científica no Terreiro ou, simplesmente, fortes questionamentos interiores.

Rituais de **Ẹbô**, **Borí** ou Iniciação de nada valem se nosso coração e cabeça não os aceitarem. Com o **Oríxa** não se barganha! Para a espiritualidade, o caminho é a concentração, doação e aceitação, sem alienação nem fanatismo. Quem quiser se integrar em uma Casa de **Àṣẹ** tem que refletir sobre tudo isto. Existem pessoas que acham que como o seu pai e sua mãe (ou qualquer outro ancestral) pertenciam ao **Oríxa**, elas têm que ser também. Errado! Há pessoas sem essa ancestralidade que são verdadeiros **Olórixa**. Para o **Oríxa** as fronteiras são inexistentes. Todo negro não tem que ser **Omo-Oríxa**.

Por falta de reflexão sobre a importância e a responsabilidade de uma Iniciação é que muitos Iniciados estão descontraídos, perdidos mesmo. Ninguém ignora a

avalanche de livros sobre Jogo de Búzios, receitas de **Èbô**, Iniciação...Tira-se fotografias de **Ètutu**, **Oríša** manifestados e demais **awo**. Isto é profanação, involução, destruição da religião. É o jogo do inimigo. Certas leituras atrapalham o aprendizado (é uma pena que os livros não tenham selo de qualidade). E nunca é demais lembrar que leitura dá conhecimento técnico, mas nunca **Àșș**. O **Àșș** dado pela Mãe ao seu Filho-de-Santo é imprescindível no processo iniciático. Com isto não quero dizer que os livros sobre Candomblé não sejam importantes, senão não teria escrito este. Não é mais possível a prática da crença nos **Oríša** sem reflexão, estudos e entrosamentos. A tradição **somente** oral é difícil nos tempos atuais. Até mesmo porque a aquisição da escrita pela humanidade é um ganho, e não uma perda. Mas o **Àșș**, repito, é recebido pelo Iniciado através de palavras ditas pela **Ìyáloríša** e Iniciados **Àgba**. Só se pode passar o **Àșș** que se recebeu! A preocupação com o estudo vem desde o tempo da fundadora desta Casa que, além de excelente mística, tinha uma grande visão. Ela se preocupava tanto com a evolução do povo de **Àșș** que, mesmo sendo difícil o acesso à leitura no seu tempo, dizia que com fé em **Șàngó** haveria de ver seus Filhos com anel no dedo e servindo ao **Oríša**. Se vivesse mais veria. Na atualidade, o **Òpó Àfonjá** é uma heterogenia que se unifica pelo propósito do fortalecimento da fé e manutenção da essência. Sabemos que para evoluir precisamos de reformas (e estas sempre causam revolução), onde o religioso e o social nunca deixem de estar compatibilizados.

Meu “chamado” espiritual ocorreu da seguinte forma: alguém na família teria que ingressar na vida religiosa, ser **Ẹlẹ̀sẹ̀ Oríṣa**. Meu “chamado” foi, então, por hereditariedade. Talvez para chamar a atenção dos meus familiares, surgiram em mim, na infância, distúrbios físicos e emocionais que, por não encontrarem melhoras através dos meios científicos, meus parentes tiveram que recorrer à **Casa de Àṣẹ̀**. Minha vida religiosa, assim começou: saindo de casa em fins de agosto de 1939, fui para a Ilha de Itaparica, passando por uma “Obrigação”, sob o comando de Arsênio, na presença de Mãe Senhora e a **Ìyákékeré** Mãezinha. Voltamos da Ilha para o **Àṣẹ̀** e eu fui Iniciada. Tive como **Ojubona** a própria Mãe Senhora, que me entregou aos cuidados de “Mãe Velha”, **Ọ̀ṣun Funke**, a **Ọlọpondá** do Terreiro. Mãe Velha era a doçura em pessoa. Excelente orientadora, principalmente no que dizia respeito a “Obrigações” internas: **Ọ̀sẹ̀**, Assentamentos, coisas referentes a **Iyawó**, **Oríkì**... Como era bom ser **Iyawó**! A sensação era de renascimento. Tudo novo, se bem que meu tempo de **Abiyan** fora breve. O pedido de bênçãos para os meninos da minha idade, um divertimento! Tinham sido colegas de traquinagens. Um deles mais novo que eu; a outra, da mesma idade. Jogávamos bola, peteca, brincávamos de amarelinha, subíamos em árvores... Após o **Quarto-de-Àṣẹ̀**, apesar de toda a camaradagem, muita coisa mudou: “bença, **Ègbómi Ọ̀ṣun Toki**... bença **Ègbómi Olóṣédé**”... Mas a amizade continuava. Eu “comia de mão”, sentada num couro de bode. Fui Iniciada só, conseqüentemente não tinha **Àyaba** para segurar a esteira.

Meu trato com os demais era sempre na base de pedir as bênçãos para as “Tias” e Ègbómi. Fui recebida com carinho pelos mais velhos e aceitava seus ensinamentos. Mãe Velha era especialista em questões de hierarquia. Sinto muito a sua ausência! Se estivesse neste mundo, orientaria meus Filhos com toda a dignidade. Fui, aos poucos, conciliando Àṣẹ com a escola e, mais tarde, com o trabalho.

Seria uma Iyawó desligada se não fosse o interesse de ensinar de Mãe Velha e o carinho de Ègbómi Honorina, seis meses mais velha de feitura que eu e já uma mulher, mãe de Ọba Olóṣédé, também seu irmão de esteira.

Com o tempo, fui sabendo a importância de ser Olóriṣa. Fui me orientando, ordenando-me, levando minha vida, fazendo o possível para ser uma boa Adoṣu, dedicando-me a Ọdẹ e, muito especialmente, ao Oríṣa da Ìyá. Acompanhava os dezesseis dias de Ọṣun na Roça, só saindo para trabalhar. Eu fazia o percurso até o Àṣẹ a pé, pois o transporte parava distante.

Com o falecimento de Matilde, Ìyá Lóna, eu fui escolhida Kólábá. Gostava de ficar na Casa de Ṣàngó atendendo aos senhores Ọba e familiares. Servia de intérprete entre Ọṣun de Mãe Senhora e visitantes. Achava que não sabia o suficiente. Fazia as coisas por obediência, sem pretensões. Após o falecimento de minha saudosa mãe, acalentavam-me as lembranças do que aprendera.

Ao ser escolhida para Ìyáloríṣa, passado o primeiro impacto, fui ver a responsabilidade que se abatia, feito

flecha, sobre os meus ombros. Mulher, ainda jovem, que tanto gostava de viajar, de viver a vida com simplicidade, sem maiores pretensões. No colo de Mãe Menininha do *Gantois* e ao lado de suas Filhas Cleuza (já falecida também) e Carmem (atual *Ìyáloriṣa* do Terreiro do *Gantois*), fui organizando a cabeça. Passei a enxergar as coisas com mais naturalidade. Restava-me seguir em frente, arregaçar as mangas, aceitando as pessoas como são, sem grandes expectativas; reciclando-me ao máximo, para agir com dignidade e justiça. Encontrei apoio e adversidade, o que é natural.

Pedi forças a *Şàngó* e consegui segurar. Procurei ser firme, sem ser intolerante. Ainda morava com minhas irmãs, no bairro do Bonfim. Vinha ao *Àṣẹ* todas as terças-feiras, pela tarde, para o *Amalá* das quartas-feiras e retornava “à cidade” no dia seguinte.

A Casa de *Şàngó* estava “fresquinha”, recém-inaugurada. Encontrava Detinha e Maria, respectivamente *Ọba Gesi* e *Ọya Temi*, muito dedicadas, e outras desconfiadíssimas. Recebi muito apoio de Honorina e Senhora-zinha de *Ọṣun* e total estímulo por parte dos *Ọba*.

Carybé (já falecido), meu irmão de *Ọṣósi*, presidente da Sociedade Civil na época, segurou grandes “barras” comigo: ele, como presidente, eu, como *Ìyáloriṣa*. Procurando aperfeiçoar-me, pensando, pensando, pensando... comecei minha vida de Mãe-de-Santo. Além dos rituais rotineiros, fui completando Iniciações de Irmãos-de-Santo. Recolhi o primeiro barco de *Iyawó*

em 1978. Prova de fogo, entre apoio e críticas, superei tudo. A partir de então, procurei seguir os ensinamentos de minha Mãe-de-Santo, sempre pensando muito... Fiz algumas mudanças, sem subtrair as bases. Para evoluir, há necessidade de reformas. Involuntariamente, provoquei uma revolução. Jamais perdi a essência e perspectiva. O tempo é bom conselheiro. Valorizando os mais velhos, fiz de tudo para manter a supremacia histórica da *Ìyáloriṣa*; agradando e desagradando. Perdi minha prezada liberdade (parcialmente).

No retorno de uma viagem à Nigéria, auxiliada por uma *Abiyan, Oni Kowe*, achei por bem criar um museu, o *Ilẹ̀ Ohun Lailai*, com tantas coisas de valor, guardadas pelos cantos, a memória do *Àṣẹ* seria perdida. Construí algumas Casas de *Oríṣa* e reformei outras. Procurei isolar nossa Roça, murando os limites; melhorei a rede elétrica e acesso ao centro do Terreiro. As crianças e adolescentes me interessam de perto, por isso quis apoiá-los, instalando oficinas. Atualmente, a oficina de confecção do *Alaka* serve não só para manter os jovens em atividade, como para preservar esta peça de grande importância para o vestuário religioso. O Projeto *Mocan* atendia, na época, a trezentas crianças e adolescentes do *Àṣẹ* e da circunvizinhança. A Escola Fundamental Eugênia Anna dos Santos foi considerada escola referência pela Prefeitura Municipal de Salvador.

Religião é cultura. A religião estática perecerá. Daí a necessidade de palestras, debates, viagens e outros movimentos que "SACUDAM" o povo do Candomblé. Como

sinal dos tempos, não é mais possível a prática da crença nos **Oríxa** sem reflexões, estudos e entrosamentos, torno a dizer. Não podemos ficar confinados no **Àṣẹ**, a tradição **somente** oral é difícil. Os **Olórixa** têm que se alfabetizar, adquirir instrução, para não passar pelo dissabor de dizer sim à própria sentença.

A essência não se modifica, é o alicerce de tudo. Repito, só pode passar o **Àṣẹ** quem o recebeu!

OS FILHOS-DE-SANTO

*Escrevo este pequeno livro,
em especial, para os meus Filhos*

Quem são os Filhos-de-Santo?... O que é um **Omo-Oríṣa**?... De maneira ampla, podemos dizer que são aquelas pessoas que têm um compromisso com o **Oríṣa**. Este compromisso pode ocorrer em diferentes graus, em decorrência do tipo de “Obrigação” a que se submeteu o Filho-de-Santo: Iniciação — processo que dura sete anos, com as “Obrigações” de tempo completas; Assentamentos de Santo (pré-Iniciação); “Obrigação” de **Borí**.

Segundo o tipo e o tempo de “Obrigação” feita, os Filhos-de-Santo podem ser classificados como: **Abiyan**, **Iyawó**, **Ègbón** e **Olóyè**.

ABIYAN

É toda e qualquer pessoa que tenha **Oríṣa** Assentado (uma pré-Iniciação). Por motivos extras, muitas vezes uma pessoa que passou pelo ritual de **Borí**, ou simplesmente tenha uma “conta lavada”, também é considerada **Abiyan** — “aquele que tem parentesco por afinidade”.

Alguém chega em nossa “Roça”, numa quarta-feira, dia reservado ao atendimento do público. Faz uma consulta e é determinado que tenha uma conta lavada: um colar ritual de seu **Oríša**, como medida de proteção. A partir do momento que esta pessoa tenha o colar ritual, passando a freqüentar o Terreiro com maior freqüência e participando, na medida do possível, de cerimônias públicas, ela pode ser considerada **Abiyan**, quando a comunidade já percebe nela algum chamado religioso, podendo ou não vir a ter um processo iniciático. O mesmo caso serve para as pessoas que dão **Borí**.

Outra pessoa faz uma consulta e os búzios falam que ela precisa de uma proteção maior que o uso constante do fio-de-contas, que é necessário, por exemplo, que faça um **Borí**. A partir desta “Obrigação”, passa, em alguns casos, a ser considerada **Abiyan**. O **Borí** é uma “Obrigação” feita no iniciante com a intenção de fortalecer, de segurar a cabeça — o **Orí**.

Determinada pessoa precisa “Assentar o Santo”. As responsabilidades serão maiores do que as acima referidas, mas aquém daqueles que tenham que ser Iniciados como **Adoşu**. Estes terão grandes responsabilidades com o próprio **Oríša**, com os da Casa, o da Mãe-de-Santo, da **Ojubona**. Os Filhos-de-Santo Assentados são os legítimos **Abiyan**.

Os direitos e deveres são diferenciados, de acordo com a condição hierárquica do **Olóriša**. A participação na

vida litúrgica da comunidade do Filho de “conta lavada” é mínima. Diga-se o mesmo para os de **Borí**. Pode ajudar no serviço doméstico do Terreiro: varrer as Casas-de-Santo, principalmente a de **Şàngó** (onde tudo começa), local de maior movimento, sede do Terreiro; ajudar nos cafés da manhã e almoços comunitários, realizados em dias de festa de **Oríşá**; lavar louças, ajudar na arrumação, limpeza e decoração do Barracão. Enfim, em tarefas de natureza civil, sem maior envolvimento religioso. Não lhes sendo permitido participar da preparação dos alimentos destinados às divindades de **Àşé**.

Os **Abiyan** de Santo Assentado têm maiores responsabilidades: zelam pelos assentamentos individuais e pela Casa do **Oríşá** a que pertençam. Além das tarefas já descritas, podem participar da cerimônia do **Òşè**, toda primeira semana do mês, auxiliando na limpeza e ordem das Casas-de-Santo, em geral. Podem carregar água para todos os **Oríşá**, ajudando os mais velhos no trabalho de encher as quartinhas. Devem participar dos trabalhos de cozinha, no preparo das comidas dos **Oríşá**, aprendendo, desde logo, a quem pertence determinada iguaria e, também, como se tira as partes consagradas dos animais sacrificados, também chamadas de **àşę**.

O Assentamento de **Oríşá** é uma pré-Iniciação. Há pessoas que passam a vida inteira na condição de **Abiyan**; outras, após algum tempo de Assentamento, têm de ser Iniciadas. Daí a importância de o pré-

Iniciado ir preparando-se, lentamente, para a eventualidade de um dia vir a ser um **Adoşu**.

O período de **Abiyan** é de suma relevância, principalmente para os de “conta-lavada” e “Obrigação” de **Borí**. É o período de experiência, digamos assim. Pois podem refletir sobre as responsabilidades do que é ser um **Adoşu**, de maneira acurada. Ver se é isto mesmo que desejam. Vão conhecendo o **Ẹgbé**, pensando sobre a hierarquia, vivenciando o dia-a-dia do **Àşę**. Para tanto, devem observar o comportamento dos mais velhos, dos **Olóyè**; falar pouco e abrir os ouvidos. Verificar se é possível a adaptação ao **Ilẹ** e à **Ìyáloriřa**. O tempo mais significativo na vida de um Filho-de-Santo é este: o de **Abiyan**.

É temerária a Iniciação imediata devido à complicada hierarquia do Mundo do Candomblé. Daí os erros, arrependimentos e acusações. O bom **Adoşu**, na maior parte das vezes, fora um bom **Abiyan**. Hoje em dia, as pessoas têm muita pressa de se infiltrar pelos corredores de um Terreiro, sem qualquer respaldo emocional. E pior, há Iniciadores que, talvez por inexperiência, ganância e outras diferentes razões, vão logo colocando os clientes no **Quarto-de-Àşę**. Na maioria das vezes, isto não dá certo. Acaba sendo motivo de arrependimentos e frustrações para ambos os lados. Tem que haver essa vivência prévia.

No nosso **Àşę**, não dispensamos o período de **Abiyan**, salvo em casos extremados, de vida ou morte. Cada

caso é um caso. Em geral, o **Oríṣa** espera, pois sempre quer o melhor para o seu Filho. Não nos cabe julgar e, sim, orientar. “A pressa é inimiga da perfeição”.

IYAWÓ

O **Iyawó**, além dos deveres dos Filhos-de-Santo Assentados, é sujeito a outros tantos, mais complexos. É necessário que saiba tudo a respeito da vida do Terreiro: o ciclo de festas, “Obrigações” dos irmãos mais velhos, **Borí**, entrada de **Iyawó**, **Àṣṣṣé**. Deve participar, na medida do possível, de diferentes “Obrigações”, para que aprenda o máximo possível sobre coisas que lhe serão necessárias na sua vida de Sacerdote da religião dos **Oríṣa**. Tem de aprender a dançar, cantar, responder aos cânticos, comportar-se com dignidade, consideração, simpatia. Hoje é filho, amanhã, quem sabe?...

Em Iniciação não se queimam etapas. **Iyawó** que não viveu a vida de **Iyawó** será um **Ègbón** frustrado. Diga-se o mesmo para o **Abiyan**. E indispensável o desempenho das tarefas mais singelas, a exemplo de faxina, trabalho de cozinha, manutenção do parque ecológico da Roça, impedindo que alguém jogue lixo no chão.

Existem filhos que se recusam a participar de tarefas na cozinha, não querem ajudar os irmãos de idênticas condições hierárquicas na divisão da comida ritual, outros deixam de se vestir conforme as exigências. Coitados... Uns são assim por rebeldia, outros por ignorância e

falta de orientação das **Ojubona** e **Olóyè** displicentes. No **Àṣẹ**, somos civilmente iguais e hierarquicamente diferentes nas questões religiosas. Não importa o “status” lá fora. **Olòriṣá** precisa ter o “chamado”, “jogo de cintura” e vontade de adaptação. Deve lembrar que o **Candomblé** é uma religião, e como toda religião faz parte da cultura. Faz parte, mas é religião e não simplesmente cultura.

Se todos os iguais procedem de uma determinada maneira, o que é que se passa pela cabeça do Filho que se julga diferente? Vergonha de realizar trabalhos manuais, comodismo, preguiça? O “status” social é esquecido quando se chega no **Àṣẹ**. Ao novato na comunidade cabe ficar atento aos mínimos detalhes de procedimento. Das menores coisas se tira uma base do mais complicado. Um dia-a-dia num **Ilẹ̀ Àṣẹ** é muito complexo. Até o que poderia ser rotina tem detalhes diferentes. Há alguns **Olóriṣa** que têm empregados em sua casa, para a realização dos trabalhos domésticos, que trabalham o dia inteiro, sem tempo de passar nem um pano de pó nos móveis do seu lar, mas que no **Àṣẹ** é diferente! Vejo a maioria deles descalços, com balde na mão, lavando banheiro. Tudo por disciplina e, mais importante, amor! Talvez nem saibam o **Àṣẹ** que adquirem! Há aqueles, no entanto, que nada fazem: permanecem de braços cruzados, a olhar o trabalho dos irmãos tão qualificados profissionalmente (ou mais) que os descansados. Existem Filhos, por exemplo, que vêm fazer **Ọ̀ṣẹ̀** e largam seus pertences —

baldes, roupas emboladas — para que alguém cuide. Isto é o cúmulo! O que fazer com uma pessoa deste tipo?... Bom senso é transmitido ou depende da sensibilidade de cada qual? A educação doméstica é, como o próprio nome já diz, trazida de casa.

Trajes. Vestir-se adequadamente, com boa aparência e sem afetação, faz parte do aprendizado do recém-Iniciado. Por isso, vou falar sobre os trajes do Filho-de-Santo. Sei que vocês não ignoram o assunto, mas não custa repassarmos, juntos, algumas coisas. As roupas, independente da condição hierárquica, devem estar em bom estado: bem lavadas, bem passadas e conservadas.

Abiyan do sexo masculino. Usam sempre roupa de ração: calça amarrada com cordão (a exemplo de pijamas) e camisa. O tecido é morim. As contas são as mais finas (miçangas). Por desinformação, ou outro motivo que desconheço, vejo **Abiyan** usando contas grossas. É importante dizer que isto não é correto. Que contas usarão caso cheguem um dia à categoria de **Ègbón**?

Abiyan do sexo feminino. As que têm apenas “Obrigação” de “conta lavada” também deverão trajar-se sempre com roupa de ração: saia e camisu simples (não usam **ójá**). A roupa branca demonstra que estão sendo preparadas através da purificação. O pano-da-costa não deverá ainda ser usado por elas. Já as **Abiyan** de Santo Assentado podem usar uma anágua engoma-

da. Saias e pano-da-costa devem ser de morim branco e algodão colorido. O “camisu” deve ser singelo, enfeitado com rendinhas, seguindo o modelo padrão. Ójá de cabeça amarrado de maneira uniforme, tanto para Àyaba como para Olóriṣa Okunrin e o ójá de peito deve ser mais aberto para as primeiras e mais discreto (em forma de gravata) para as Okunrin. **As contas ainda finas**, pois, isto é o owo: a grossura da conta determina a responsabilidade e cargo que cada um é capaz e deve suportar.

Abiyan, tanto homens quanto mulheres, andam descalços, de cabeça baixa, marcando a condição de pré-Iniciados, podendo permanecer desta forma pelo resto da vida.

Iyawó do sexo masculino. A roupa de ração é a vestimenta adotada para a participação em rituais e nas dependências do Àṣẹ. Mas tem o direito, conforme a ocasião, de usar roupas coloridas, de acordo com a Casa do Oríṣa a que pertencem ou que desejem homenagear. O Filho-de-Santo não deve circular pelo Àṣẹ de bermudas e *short*, em especial próximo aos recintos sagrados e de grande movimento, nem deve usar camisetas de mangas cavadas. Não devem usar adereços de interpretações conflitantes, no consenso médio. No Barracão, o Filho se comporta de acordo com a sua condição hierárquica. Se for Iyawó, a camisa de ração é o ideal. Se optar pelo uso de bata, tem que ser curta. O Ègbón pode usá-la mais longa, nos moldes africanos. Qualquer Filho tem

permissão para o uso de *fila*, em “Obrigações” e festividades, devendo retirá-los ao fazer **foríbalẹ** para o **Oríṣa** ou a quem de direito. Filhos-de-Santo com “Obrigações” de três anos passam a usar chinelos no Barracão, antes é proibido. Atualmente, alguns **Iyawó** usam chinelo no dia-a-dia após um ano de Iniciado. Digo: isto está errado, não é bom para eles! Além de ser desobediência! **Iyawó** deve andar descalço. Muitos pensam que o objetivo é humilhar o novato, mas não é isto. O recém-nascido, o Iniciado, precisa ter maior contato com a Mãe Terra, que é a matéria básica da formação do nosso corpo. A terra emana energias indispensáveis para o corpo físico e espiritual. É **Oníle**, o Dono da Terra, é Ele o responsável pela emanação dessas energias.

Iyawó do sexo feminino. Podem usar, no diário, roupas coloridas. O camisu, porém, é sempre branco. A tradição de uma Casa tem de ser seguida à risca. É a sua história. Não se inova na maneira do vestir ritualístico. Até os três anos, o uso dos pano-da-costa, **ójá** de cabeça e peito são indispensáveis. As **Iyawó** devem usar suas anáguas bem engomadas e alvas, impecáveis. O uso de chinelos também só a partir da “Obrigações” de três anos. A Filha-de-Santo deve ter especial cuidado com os trajes religiosos e vesti-los de acordo com as regras e tradições. O **Ilẹ Ohun Lailai** (museu) retrata nossa história e costumes. Lá pode ser verificada a forma correta de um **Iyawó** vestir-se, segundo a tradição do **Àṣẹ**.

OBIRIN / OKUNRIN

O Filho-de-Santo também pode ser classificado segundo a energia do seu **Oríṣa** de cabeça: se é feminina ou masculina. Considero importante falar mais detalhadamente sobre as duas categorias de **Omo-Oríṣa**, segundo o “sexo” do seu **Oríṣa**: **Àyaba** e **Olóriṣa Okunrin**.

Àyaba são os Filhos-de-**Oríṣa** femininos; **Olóriṣa Okunrin** são os Filhos-de-**Oríṣa** masculinos. As funções também se diferenciam. Existem as privativas de **Àyaba**, tarefas essencialmente femininas, e outras de **Oríṣa Okunrin**.

Àyaba. As **Àyaba** são as “santas mulheres”. Quando uma mulher é de **Ọṣun**, **Yemonjá**, **Ọya**, **Nàná**, **Èwà**, **Ọbà**, costuma dizer: “Eu sou mulher duas vezes”. Após os rituais compete às **Àyaba** a limpeza dos assentos dos **Oríṣa**; servir aos convidados; estender esteiras para os irmãos de **Oríṣa Okunrin** são trabalho de **Àyaba**. A lida com esteiras cabe, em especial, às **Olọya**. Na falta dessas Filhas-de-**Yánsàn**, outras **Àyaba** suprem a necessidade. As **Olọya** estendem esteiras para o **Iyawó**, em cerimônia de Iniciação, principalmente no “Dia de **Orúko**” e em qualquer outra situação em que o uso da esteira seja exigido. Fazer camas em cerimônias de **Borí** é tarefa de **Olọya** e, por extensão, de **Àyaba**. Estas filhas seguram aves e as entregam ao **Aṣògún**, em dia de grande **Ètutu**. Antes, preparam os animais para a cerimônia, enfeitando-os, quando

necessário. Conduzem os “animais de quatro pés”, fazendo a apresentação dos mesmos ao **Oríṣa** titular do ato litúrgico. Levam à cozinha o balaio contendo as aves, objeto do sacrifício, para o preparo da comida do **Oríṣa**. É completamente proibido carregar aves fora do balaio. As **Àyaba** do sexo feminino, se quiserem, podem enfeitar os cabelos ou torsos com uma flor (principalmente se lhes for ofertada) demonstrando a inequívoca condição de “mulher duas vezes”.

De acordo com a Casa a que as **Àyaba** pertençam, têm autorização para tarefas específicas e contato direto com determinados **Oríṣa** masculinos. Nas festividades de **Oṣala** as mulheres de **Yemonjá** e **Nàná** têm todo o cartaz. Elas puxam a cabra do **Oríṣa Funfun**, seguram os bichos de pena, enfeitam a **ewuré**. Nas festas de **Ṣàngó**, Senhor do Poder, do Trovão e da Justiça, a responsabilidade é dividida entre as Filhas-de-**Ọya** e **Ọṣun**, causando “aquela rivalidade”, velha conhecida! No dia 29 de junho, durante o **Ètutu**, as “Voadoras” ficam de fora, “de olho comprido”, por causa do **àgutan** (seu terror), alimento predileto do Senhor desta casa. A vez é das “Douradas”! Zelas de suas responsabilidades enfeitam o animal com ójá e o oferecem ao “dono da festa”. A iguaria será preparada por elas, após o término das “Obrigações”, em lugar determinado. As **Olòṣun** têm prioridade de segurar o balaio que contém os bichos-de-pena, passando as aves ao **Aṣògún**. As **Olọya** se encarregam de outras comidas, na cozinha, com auxílio de irmãs de outras Casas. É

certo que as Filhas-de-Yemonjá ou qualquer outra Àyaba também auxiliam as Olòṣun, as verdadeiras encarregadas. À noite, no Barracão, a coisa muda de figura: Qya é a Àyaba da festa, inigualável em charme e imponência. Yánsàn divide com o Senhor de Óyó o fogo sagrado. A panela do ojere é apresentada ao Ègbé na cabeça de Şàngó e sua Rainha, deusa dos Ventos e Tempestades — Senhora da Transformação. Qya compartilha com seu Rei o poder sobre o elemento mágico. Às Olṣya, incumbe toda e qualquer tarefa relacionada com o Ilè Ibo Ikú e Àşèşé. Às Olòṣun e Oni-Yemonjá, cabem a manipulação com folhas misturadas com água, seu elemento, em especial a trituração de folhas, em “Obrigações” de Iniciação.

Na Casa de Qde, as Àyaba também são importantes, a despeito deste Oríṣa não gostar de receber visitas “a toda hora” (somente poucas mulheres têm acesso a seu culto). De qualquer forma, Qṣun é sua esposa; Yemonjá, a “doce namorada”; Nàná, a veneranda Àyaba da morte e profundezas, sua mãe mítica; Qya a filha adotiva querida, a “menina do caçador” e criadora de Àşèşé; Èwà e Qbà — a feiticeira — são também bem vindas.

No Ilè de Qbalúayé, Nàná, Yemonjá, Qṣun, Qya têm todo um peso, em especial Qya, a paixão do Senhor da Terra.

As “Obrigações” de Qgún são divididas com Qya, os dois são guerreiros. Ele o Asíwaju; Ela, a mulher

agàngàn, rainha do Onire. Cabe às Oloya, na festa de Ògún, carregarem o balaio dos bichos-de-pena, devidamente auxiliadas pelas demais Àyaba. Ressalta-se a importância de Yemonjá, água que pariu a terra, a Mãe de Ògún.

Filhos homens de Oríṣa Obirin também são chamados Àyaba. Apesar do sexo do filho ser masculino é a condição de Àyaba que prevalece. Os Àyaba carregam esteiras debaixo do braço, os Olóriṣa Okunrin, sobre os ombros. As Àyaba estendem as esteiras para o foríbalẹ dos irmãos de “Santo-Homem”. Somente em última hipótese — ausência de Àyaba do sexo feminino um Àyaba homem deverá estender uma esteira. Carregar flores e arrumá-las em jarros é trabalho de Àyaba mulher, assim como servir mesas, etc.

Olóriṣa Okunrin. Nós chamamos os Filhos e Filhas-de-“Santo homem” de Olóriṣa Okunrin. As Filhas-de-“Santo homem” dividem com as Àyaba as tarefas da cozinha. Sendo mulheres, podem responsabilizar-se pelo preparo da comida dos Oríṣa. Ao darem o dóbálẹ para a Ìyáloriṣa, têm o direito de receber uma esteira estendida por uma Àyaba, que após o cumprimento ritual erguerá a referida esteira. O prato das Filhas-de-“Santo homem” deve ser feito por uma Àyaba que poderá dar-lhes o laço sobre o pano-da-costa (quando as Olóriṣa Okunrin forem Iyawó ou Abiyan) e amarrar-lhes os torsos. Em cerimônias públicas, a exemplo do dia do Ìpete, cabe às Olóriṣa Okunrin retirarem os balaios das Olòṣun e tabu-

leiros das *Olọya*, após o término da distribuição dos alimentos sagrados, preparados pelas referidas *Àyaba*. As Filhas-de-“Santo Homem” devem ajudar as *Olóriṣa Obirin* a se erguerem, depois do *ikákò*, aos pés da *Ìyá* e demais autoridades, quando necessário. O *ikákò* (*iká*) é o *foríbalẹ* característico das *Àyaba* e o *dòbálẹ*, dos *Olóriṣa Okunrin*.

Os *Ológunẹdẹ* são responsáveis por despachos, após *Ètutu* grandes. Na ausência de *Ológunẹdẹ*, o ato pode ser praticado por Filhos-de-*Ọbalúayé* e *Ọdẹ*. É importante ser esclarecido que os rituais de despachos devem ser realizados por filhos dos referidos *Oríṣa Okunrin*. A primazia é dos Filhos e Filhas-de-*Ògún*, principal *Oríṣa Olọdẹ*. Apesar destas “Obrigações” serem desempenhadas de preferência por Filhos-de-“Santo homem”, é importante que pertençam ao *Oríṣa Ògún*: entre uma Filha-de-*Ògún* e um Filho-de-*Ọbalúayé*, a escolha recai sobre a Filha-de-*Ògún*, caso não haja um *Ológunẹdẹ* do sexo masculino. Na falta total de um Filho-do-*Oríṣa Olọdẹ* (*Ọbalúayé* também é *Olọdẹ*) ou uma *Olọdẹ*, uma *Olọya* faz a “Obrigações”, isto porque *Ọya Efufùlẹlẹ*, apresenta características de *Oríṣa Olọdẹ* (de rua), como nos dizem os *oríkì* desta *Àyaba*, a qual é protegida por *Ọbalúayé*.

Existem determinados *Ilẹ Oríṣa* cujo zelo cabe diretamente ao *Omo-Oríṣa Okunrin*, quer dizer, ao Filho-de-*Oríṣa* de energia masculina. Tais Casas são:

o Ilẹ̀ Ọdẹ, Ilẹ̀ Ọsányìn, Ilẹ̀ Èṣu, Ilẹ̀ Ọbalúayé, Ilẹ̀ Ọ̀gún. Mulheres jovens, que menstruam, não têm ingresso na Casa de Ọ̀sányìn, exceção feita para as filhas deste Oríṣa. A idade altera a regra: senhoras Àgba têm passagem livre em qualquer recinto sagrado, salvo no Ilẹ̀ Ibo Ikú (se não forem Olọya), cuja entrada só é permitida às mulheres em situações de extrema necessidade. É importante ser dito que, de preferência, os homens de Ọ̀gún, Ọbalúayé e Ọdẹ é que são os indicados para trabalhos no Ilẹ̀ Èṣu, os demais Olóriṣa, só em casos de grande necessidade. Na falta dos mencionados Olọdẹ a opção recai nos Filhos-de-Oríṣa Ibo — Ọ̀sányìn.

Existem brincadeiras entre as Àyaba e Olóriṣa Okunrin: as famosíssimas multas. Se um Filho-de-“Santo homem” tropeça ou cai, uma Àyaba se atira a seus pés, cobrando uma multa. A cobrança é feita entre todos os Okunrin presentes. É multado o Filho-de-Oríṣa Okunrin que carregar uma esteira debaixo do braço, sentar-se ou deitar-se de lado, carregar flores (ou ajeitar flores em jarros), colocar flor nos cabelos ou torsos (mesmo sendo mulher), usar ójá “de orelha”, estender ou levantar esteiras. A multa pode ser imposta à Àyaba que atravessar contas, carregar a esteira no ombro, usar ójá sobre o pano-da-costa em forma de gravata, usar saias curtas, com o tornozelo à mostra.

Uso das Contas. Existem peças do vestuário religioso cujo uso se diferencia pelo fato do Olóriṣa ser Okun-

rin ou ser **Obirin/Àyaba**: a maneira de usar as contas depende se é **Okunrin** — contas em forma de colares ou atravessadas; se é **Obirin** — as contas só devem ser usadas como se usa colar; as **Àyaba** usam anáguas com mais roda que as **Olóriṣa Okunrin**; **Àyaba**, os laços são feitos em forma de “borboletas”, mais abertos, com graciosidade, caso contrário, serão dados em forma de gravata de uma só banda; as **Àyaba** devem usar argolas (brincos), como símbolo de feminilidade, o que não é permitido às demais, exceção feita às Filhas de **Oṣala**, **Ṣàngó**, **Lógunḗḗ** e **Òṣumare** (búzios, para as últimas), em virtude dos **oríkì** destes **Oríṣa**; as **Àyaba** usam pulseiras e anéis (pulseiras são usadas por Filhas de **Oṣala** e **Lógunḗḗ**, as de **Òṣumare**, braceletes de búzios). Adquirem o direito ao uso de chinelos após o **Ètutu** de três anos. **Àyaba** usa torso ajeitado com as pontas para fora, à mostra, o que lhes traz charme, ressaltando a condição de **Olóriṣa Obirin**. Já falei a vocês, meus Filhos, que há categoria de **Olóriṣa** que podem usar brincos, particularmente as **Àyaba**. Estes, porém, devem ser discretos, em harmonia com a ocasião e trajes rituais, de preferência as chamadas “argolas de baianas”, tradicionais ao longo de muitas gerações de Iniciadas. Bom gosto e bom senso se casam. Há argolas chamadas “pitanga”, outras de coral, **monjolo**, firmas, contas, **sègi**, marfim, etc. Ouro ou prata, de acordo ao **Oríṣa** “dono da cabeça”. É importante dizer que Filhos e Filhas de **Oṣala** não podem usar ouro, metal que Ele não permite ser usado pois faz parte de sua mais profunda essência. Pelo mesmo

motivo, é proibido o uso do ouro por qualquer Filho no período das “Águas de Oṣala”. As saias, de todos os grupos, não importando a hierarquia, têm de ter um comprimento determinado, devendo cobrir os tornozelos. É deselegante o uso de saias curtas, no meio da perna ou pouco abaixo. Principalmente com anáguas de goma!

ADOṢU: OLÓRIṢA

São senhores de enormes responsabilidades, deveres e direitos! Todos nós Iniciados somos Aḍoṣu e nossa idade é contada pelo tempo de Oríṣa. Uma pessoa, por exemplo, que tenha apenas quinze anos de idade, já pode ser considerada “velha no Santo”, caso ela tenha sido iniciada aos dois anos de idade. O Aḍoṣu é detentor de grande awo, que é a base que sustenta a religião. Toda religião tem seu segredo, **por isso mesmo os seus seguidores não devem sair por aí se exibindo, mostrando conhecimento. O bom Olóriṣa mostra sua responsabilidade com o awo executando-o, e não polemizando. É isto que o faz forte. O verdadeiro sábio pouco se expõe.** O Oríṣa está acima de qualquer mesquinharia. Todo aquele que teve como graça ser veículo de comunicação com o sagrado é digno de respeito. É uma pessoa especial. Não quero dizer que seja uma pessoa melhor do que as outras, pois para o Oríṣa todos somos iguais.

Estes escritos se destinam, particularmente, aos meus filhos Aḍoṣu. Meu tempo é restrito, em virtude dos

incontáveis compromissos que a vida de **Ìyáloriṣa** me impõe. Por isso, achei indispensável transmitir a vocês, meus descendentes espirituais, algum conhecimento adquirido nos meus longos anos de experiência como **Adoṣu** e **Olóyè**. A população terrestre aumentou muito, conseqüentemente a do **Àṣẹ** também, dificultando muito a transmissão do conhecimento apenas por via oral. O que se registra, por escrito, permanece! Porém, nunca é demais lembrar, apesar da importância da escrita na comunicação, o conhecimento transmitido pela oralidade é a base da transmissão do conhecimento iniciático, pois só através dele o **Àṣẹ** dos mais velhos pode ser repassado aos mais novos.

Todos os Iniciados têm de conscientizar-se que são a essência desta religião milenar, tão deturpada por quem não conhece a sua liturgia, ritos, mitos e símbolos. Os Iniciados são os Sacerdotes do **Oríṣa**, seu templo, a religião do **Òrun** com a Terra: passado, presente e futuro.

O **Adoṣu** é o Filho-de-Santo que passou pelo processo de Iniciação. Ritual pelo qual o novato, em reclusão temporária, submete-se a várias “Obrigações”, adquirindo **Àṣẹ**. A primeira etapa da Iniciação culmina com a festa do “Dia do **Orúko**” — dia em que o **Oríṣa** revela o nome pelo qual o Iniciado passará a ser chamado. Como nós sabemos, a Iniciação é o princípio de uma nova vida, conseqüentemente um novo nome será adquirido.

Cada **Oríṣa** tem a sua família e cada Iniciado que pertence a esta família terá o seu próprio nome, pelo qual deverá ser conhecido e chamado, a partir de então, dentro da comunidade religiosa. Exemplo: a pessoa é filha de **Ṣàngó Aganjú** (**Aganjú** que é uma qualidade de **Ṣàngó**), o próprio **Aganjú**, manifestado em seu filho, dirá o nome pelo qual o mesmo passará a ser chamado, que poderia ser **Ọba Dele**, **Ọba Tosi**, **Ọba Tèro**... O **orúko** determina a função do **Oríṣa** na vida do seu filho. O **orúko** de Mãe Aninha era **Ọba Biyi** — O Rei que Nasceu Aqui —, daí o destino desta **Ìyáloríṣa**, que renascida com este nome criou o **Ilẹ Àṣẹ Ọpó Àfonjà**, cujo dono é **Ṣàngó**.

O processo iniciático de um **Adoṣu** é finalizado com a completude dos **Ètutu**. Este deve ser considerado completo com a realização da “Obrigação” de sete anos, contados a partir da data de “Feitura do Santo”. Neste intervalo, deverá ser feito o **Ètutu** de três anos. Reparem bem: o tempo se completa com a “Obrigação” de sete anos (pelo menos no nosso Terreiro). Recomendo a todos que façam suas “Obrigações” no tempo certo: o filho completa três anos de Iniciado e faz a “Obrigação” correspondente, não deixa para fazê-la aos vinte... Se um **Olóriṣa** tem quarenta anos de Iniciado, com apenas “Obrigação” de três anos, é considerado com três anos de **Oríṣa**. Isto não quer dizer que na roda do Barracão tenha que dançar atrás de um **Adoṣu** com sete anos de feitura e “Obrigações” completas. E sim, que o mais velho terá seu campo de

participação bastante restrito. É **Iyawó** de quarenta anos de **Oríṣa**. A “Obrigação” de sete anos é a mais importante de todas. Já disse que a “Obrigação” de sete anos é a confirmação da “Feitura do **Oríṣa**”, é o término da Iniciação. Com a “Obrigação” de sete anos, espera-se que a relação entre o Filho-de-Santo e o seu **Oríṣa** esteja amadurecida.

Não devemos queimar etapas, e sim andar passo a passo. Só depois de sete anos de Iniciação é que se espera que o **Adoṣu** esteja pronto, pois é quando recebe credencial (**Àṣẹ**) para exercer a função de Pai ou Mãe-de-Santo. Até a “Obrigação” de sete anos — **Odu Méje** —, o Filho ainda não está independente. Depois passa a ser denominado **Ègbón** — “mais velho, mais maduro e experiente”. É bom dizer meu **Ègbómi**, pois estará dizendo meu mais velho. O certo é dizer **Ègbómi** ou meu **Ègbón**. O **Ègbón** está, de direito, apto a ser um Iniciador. Mas em nossa Casa, para ser um Iniciador, isto é, uma **Ìyáloriṣa** ou **Babalóriṣá** não basta apenas completar a Iniciação, precisa “ter caminho”, conhecimentos teóricos e práticos, vasta vivência na vida comunitária e, principalmente, DOM. O **Ègbón** também pode participar do corpo dos **Olóyè** do Terreiro e do Conselho Religioso, o qual é convocado quando alguma questão precisa ser resolvida em conjunto, usando-se a sabedoria adquirida com o tempo pelas pessoas mais experientes do Terreiro. As **Ojubona** são **Ègbón** apontadas para criar **Iyawó** no **Quarto-de-Àṣẹ**. É importantíssimo o trabalho delas, são as “Mães-

Criadeiras” do Iniciado, responsáveis pelo aprendizado desenvolvido, em princípio, nos sete anos. Elas agem como intermediárias entre o *Iyawó* e a *Ìyálorìṣa*.

Hierarquia é tudo: princípio, meio e fim. Sem ela, caos, trevas, desinteligência, falta de comando, anarquia. Não é certo, pela hierarquia, que um *Oloriṣà* vá ter com a *Ìyá*, desprezando bons conselhos da *Ojubona*, a menos que esteja havendo alguma coisa grave entre eles. Se a confiança que *Şàngó* e que a sua representante depositaram na Mãe Pequena do Filho não estiver sendo correspondida é preciso acertar tudo, o que é constrangedor e triste.

Não tem sentido um *Adoṣu* sem educação, ignorante, bruto, de nariz em pé, senhor da situação e da verdade. Existem três espécies de *Adoṣu* às avessas. O cabeça-dura, o rebelde e o desinformado (mal-orientado). O cabeça-dura é aquele que insiste em não aprender o que lhe é ensinado, falta-lhe concentração, disciplina e, principalmente, interesse. O rebelde sofrerá muito, vítima de si mesmo, estará entregue à própria sorte. O desinformado poderá estar sendo vítima de trama diabólica: a sonegação de informações e de disciplina, como forma de agressão dos insatisfeitos e falsos à figura da *Ìyálàṣe*, estes costumam dizer: “Estão vendo os Filhos de Fulana? Não têm a mínima educação... Por mim... Eu mesmo! No meu tempo... e blá, blá, blá”.

O mais velho irresponsável também estará entregue à própria sorte. As conseqüências podem ser terríveis

para o omissos, maldoso ou covarde. Existe um dia, único dia, sem retorno, no qual ele, por mais sábio que seja, depende de outros. E aí, o julgamento é atroz.

ÈGBÓN

Arrumam-se de maneira diferente. Têm o direito ao uso da bata sobre o camisu, substituindo, assim, o laço sobre o pano-da-costa. Destacam-se, das demais Olóriṣa, pela bata, símbolo de maioria religiosa. Não é adotado o uso de bata em cima da pele. O camisu é indispensável. Mãe Aninha, senhora de sabedoria ímpar, determinou que todas as Filhas passassem a vestir bata após o término da "Obrigação" de sete anos. E tal ordem deve ser seguida à risca. Somos um espelho para os Àbúrò. Estes pautam seu comportamento pelo exemplo que lhes damos. Existem Ègbón que torcem o nariz ao ver Ègbón, suas Àbúrò, vestindo bata, e dizem: "Querem ser Mãe-de-Santo... Por mim, ai, ai..." Essas mais velhas preferem circular todo o tempo, pelo Terreiro, de camisu, sem bata ou sem o pano-da-costa, como substituto. Não sabem o desserviço que causam à nossa causa, o desrespeito à memória da fundadora do Àṣẹ, que já se preocupava com a hierarquia em todos os seus meandros, a começar pelas roupas das mais velhas. A ignorância de muitos, sinônimo de insatisfação, só faz macular nossa comunidade. Temos que respeitar os mais velhos, mas estes têm que se dar ao respeito. E a maneira como se vestem demonstra o nível de conhecimento religioso que possuem.

Existem Casas de Culto, também de origem **Yorubá**, consagradas pela tradição, nas quais o uso da bata é reservado apenas às altas autoridades do **Ẹgbé**. E não é tudo! Saibam vocês que as Filhas-de-Santo comuns vão ao Barracão, em dias de festa, descalças! Isto mesmo... Sem chinelos, vestindo-se de camisu e pano-da-costa, laços, etc, independente do tempo de Iniciação. Esta é a tradição delas, devendo ser respeitada.

As tradições de um Terreiro formam a sua história. Mãe Aninha determinou o uso de bata para todas as **Adoṣu** "maiores". Esta ordem tem de ser seguida. É parte da história do **Àṣẹ Òpó Àfonjá**. Falsa humildade gera indisciplina. Isto é um passo para a anarquia.

Ficou claro que as **Ẹgbón** devem usar bata. O pano-da-costa é ajeitado na cintura elegantemente, ou enrolado no peito. Jamais enrolado feito uma faixa ou **ójá**, na cintura. Fica antiestético e errado para nós. Toda **Olóriṣa** tem de usar uma anágua "mole", sem goma, sob a saia, o que compõe muito melhor o traje tradicional. E de nenhuma **Ẹgbón Àgba**, em especial, é tolerável a omissão desses comportamentos.

Para que situações embaraçosas sejam evitadas, a **Ẹgbón** não deve ir para o Barracão calçada com sandálias de salto alto, nada de maquiagem que se faça notar e esmaltes com cores berrantes, especialmente se não for **Àyaba**.

Sobre o pano-da-costa. O pano-da-costa é a peça de maior significado para uma Iniciada na religião dos

Oríṣa, a qual deverá saber usá-lo corretamente, conforme a ocasião. Em primeiro lugar, é necessário que a mulher saiba escolher, adequadamente, o tecido para a confecção da referida peça. Este deve ser de boa consistência, lembrando os tradicionais panos africanos. É errado e antiestético pano-da-costa feito de panos leves, como a seda. O pano-da-costa de tecido liso deve ser de cores claras: branco, rosa-suave, bege, azulzinho... Nada de cores berrantes! O pano-da-costa pode ser de listras, quadros, a exemplo dos tradicionais modelos nigerianos, de nossas ancestrais. Pano-da-costa estampado, de cor forte, fino, causariam risos e “diz-que-diz-que” entre as nossas avós.

O uso do pano-da-costa tem a ver com a ocasião. As diferenciações, em geral, dizem respeito às **Ègbón**, em virtude da bata. Lembro-me, com saudade, das senhoras antigas me dando verdadeiras aulas sobre a referida peça do vestuário feminino. Se não segurarmos esses ensinamentos, quem perde é a história. Pano-da-costa na cintura, ou no peito, é demonstração de trabalho: usa-se desta maneira nas festas no Barracão e durante outros rituais. Enfim, quando em função religiosa. Caso contrário, o pano-da-costa é jogado no ombro direito, sendo este o uso tradicional adotado pelas africanas no dia-a-dia delas. Nós usamos o pano-da-costa no ombro, fora de trabalho, para visitas, passeios e atos civis no Terreiro. Dou um exemplo: se houver um acontecimento importante, aqui no **Àṣẹ**, de caráter não-religioso, o pano-da-costa deverá ser usado no ombro. No dia

do “Presente para Yemonjá” o pano-da-costa é usado também no ombro. Ao sentar-se, a Ègbón o coloca no colo. Em cerimônias de Àṣṣèṣé, as Olóriṣa usam o pano-da-costa feito uma estola, com uma das pontas do pano cobrindo o pescoço. Esta maneira de envergar a peça, em iguais condições para todas, significa humildade: todos somos iguais perante a morte. Recordemos de que, à primeira aparição para o Ègbé, a Iyawó traz o pano-da-costa aos moldes da cerimônia fúnebre. Nascimento e morte: renascimento. Antigamente, uma Iyawó que visitava outro Àṣṣe para as bênçãos, junto a sua Ojubona, ia devidamente trajada, da forma tradicional, tendo o pano-da-costa enrolado no pescoço. No ombro, só para as Ègbón.

O uso do pano-da-costa é obrigatório no Àṣṣe: saia, camisu e pano-da-costa são inseparáveis. A Iyawó vestida de saia, camisu, mas sem o pano-da-costa deixa muito a desejar. Iyawó não usa o pano na cintura, mas, sim, enrolado no peito. Se estiver trabalhando na cozinha ou em faxina não precisa usar o laço, o qual é reservado para o Barracão e para aquelas pessoas que estejam de “Obrigação”. Nestas duas últimas hipóteses o uso do laço sobre o pano-da-costa é indispensável. E a Ègbón que se compreenda e quiser dar o exemplo às Àbúrò, deve usar o pano-da-costa em qualquer ato litúrgico, a começar pela cozinha, pois cozinhar para uma divindade é um importante ato sagrado.

O pano-da-costa é a peça feminina de maior significado histórico. Em conjunto com o torso, faz parte do

vestuário da africana, sobrevivência da *Terra Mater*, já que a saia, camisu e anáguas são heranças européias, de séculos passados. O “Povo-de-Santo” se visita. Ao chegar em outro Àṣẹ é comum o oferecimento de um pano-da-costa. Como proceder em tais situações?... Imediatamente, enrolá-lo no peito, em consideração e homenagem à reverência feita. Atitude contrária poderá ser interpretada como desfeita e falta de preparo. Daí, o papel fundamental como educadores dos Ègbón e das Ojubona.

Sobre o torso (ójà de cabeça). Mãe Aninha determinou para as Olóriṣa o uso do torso, (denominado, em nossa cultura, “ójà de cabeça”) como complemento das vestes religiosas. As Filhas-de-Santo têm de usar ójà no Barracão e rituais que exijam a mencionada peça, a exemplo do Àṣẹṣé, Ìpadé, “Obrigação” no Ilẹ Ibo Ikú. Em Iniciações e “Obrigações” de Folha o ójà não deve ser usado. Em alguns importantes Terreiros da Bahia, o ójà só pode ser usado por Olóyè (a exemplo da bata) como símbolo de autoridade. Eu já disse que cada Àṣẹ tem uma história, uma tradição a ser preservada. Nós adotamos, para todas, inclusive Abiyan de Santo Assentado, o uso do torso, em ocasiões especiais. E a Olóriṣa tem de saber usar o ójà de forma correta e não a seu “bel prazer”. Coisa mais sem graça é “cabelo para fora”, seja crespo, liso, quer em forma de trança, rabo-de-cavalo ou solto. Existem livros acerca dos “turbantes”, pesquisas sérias. Há arrumações de ójà elegantes em outras situações,

mas não para serem seguidas no Àṣẹ. Torso elaborado com criatividade, fora dos padrões, fere a tradição, tornando-se inconveniente. A Iyawó, ainda que tenha “Obrigação” de três anos, deve cobrir a cabeça, protegê-la, ajeitar o ójá de maneira que o cabelo fique “por dentro”, sem aparecer. A nuca é escondida pelo pano. E nada de fivelas, laços ou adereços. As Filhas que possuem cabelos compridos que os prendam. E outro detalhe, o ójá não cobre a testa!

Como toda peça do vestuário que é usado no Àṣẹ, o torço tem seus códigos. Ójá é uma peça cuja função é proteger o Orí (cabeça). A linguagem está na forma de amarrá-lo. No diário apenas enrola-se a cabeça. No Bṛí e em outras “Obrigações” do Oríṣa amarra-se também de forma simples. Quando se vai saudar o Oríṣa ou a Ìyáloríṣa, desamarra-se a cabeça, assim como na roda do Barracão, quando se canta para Şàngó. O torso da Ìyá é sempre mais imponente.

O modo de amarrar o torso diferencia as Àyaba das Olóriṣa Okunrin. De qualquer forma, há padrões a serem seguidos por todas. Os ójá de Iyawó devem ser mais discretos. Às Àyaba Ègbón é permitido o uso do torso com as pontas para cima, “as orelhas”, chamadas “borboletas”. Se as Olóriṣa Okunrin quiserem, ajeitam os torsos, deixando à mostra só uma “orelha” discreta. As Ègbón podem amarrá-los com maior elegância e realce. Se desejarem, deixam aparecer parte do cabelo trançado, ou em “coque”.

Em tempos anteriores, durante o dia no Àṣẹ, na intimidade, o uso do ójá servia como código de comunicação: uma mulher com o cabelo atrás aparecendo, sugere que a mesma é desimpedida; o torso em forma de triângulo, como um lenço, mostra que a mulher está realizando um trabalho mais pesado; quando é enrolado como um capacete, meio de banda, sugere flerte. É uma pena que comportamentos tradicionais, tão lúdicos, estejam sendo “engolidos” pela correria da sociedade atual. De nossa parte, no entanto, tudo faremos para que as brincadeiras sadias não desapareçam na nossa comunidade, dando lugar a um mau humor generalizado e crônico.

TRATAMENTO

Tratamento é algo interessante, no Candomblé. Há uma relação espiritual fina entre filhos de determinados Oríṣa para com outros. Filhos de Ògún chamam as Oni-Yemonjá de “mainha”, “minha mãe”, devotando atenção especial a elas. Os de Ṣàngó também assim as chamam, já que Ṣàngó também é Seu filho. O mesmo se diga para os Omo-Ọbalúayé, Yemonjá os criou, e estes têm carinho por Nàná, Sua mãe verdadeira, considerando os filhos de Òṣumare seus irmãos. De Ológunèdẹ para Olode é “meu irmão pra cá, meu irmão pra lá”, e dizem: “onde Ògún tira o pé Ọṣòsì coloca”. É freqüente o tratamento de “pai”, “esposo”, “minha Àyaba”, “meu rei”, “minha mãe”, “minha avó”, “minha sogra”... de um irmão para o ou-

tro, conforme o **Oríṣa** a que pertença a sua cabeça. As filhas de **Nàná** são “vovó ou minha avó”; de **Yemonjá**, “mãe”, “minha sogra”, “minha esposa”; de **Oṣala**, “pai”, “meu avô”; de **Ṣàngó**, “rei”, “três coroas”; de **Ọḍe**, “caçador”, “atirador”; de **Ọbalúayé**, “baba”, “velho”; de **Ọṣumare**, “cobra”, “cobrinha”.

Ṣàngó é conhecido como “o Senhor das Mulheres”. E seus Filhos tiram partido disso, contando vantagens aos outros **Oríṣa Okunrin**, seus pseudo-rivais. Tratam as **Olọya** e **Olòṣun** de “minha **Àyaba**”, “minha rainha”... divertindo-se com a disputa pela preferência entre suas mulheres. É importante lembrar que no culto a **Ṣàngó** as pessoas de sexo feminino têm a primazia. Dirigem Sua Casa, que Ele gosta de ver movimentada, sempre em festa, cheia de gente. Aprecia ser visitado a qualquer hora (ao contrário de outros **Oríṣa Okunrin**), principalmente às quartas-feiras, seu dia e de sua esposa **Ọya**. Quem chegar ao **Àṣẹ Ọpó Àfonjá** tem de ver **Ṣàngó** e render-Lhe as devidas homenagens. **Ṣàngó** se recusa a comer só. Sua comida tem de ser dividida entre as pessoas, para que Ele receba a iguaria, as homenagens e distribua o **Àṣẹ**. Aprecia ver as **Àyaba** muito bem vestidas em suas festas. Cabe a elas o oferecimento do **Amalá** no Barracão, que vão buscar em Sua Casa, a seus pés, sendo distribuído no recinto das festividades públicas pelas **Olọya** e **Olòṣun**.

Os Filhos-de-**Oṣala** não chamam **Yemonjá** de mãe, e sim de “minha esposa”. Eles recebem carinho especial do **Ẹgbé**. São os “papais”. Apesar de **Oṣala** ser

um **Oríṣa Okunrin** (já falei sobre isso) seus Filhos podem usar argolas de **sègi**, marfim e **idè** de prata. Necessariamente o **dòbálè** destes Filhos é feito sobre uma esteira, **ójá**, tapete, etc, nunca no chão puro, em sinal de deferência ao **Oríṣa Funfun**. Os **Oloṣala** costumam chamar os irmãos de meus filhos, independente do tempo de Iniciação, assumindo a posição de pai. Pessoas **Àgba** trocam as bênçãos com os **Omo-Oṣala**, considerando os **oríkì** do referido **Oríṣa**. É freqüente acontecer de um **Oni-Şàngó, Ológunḗḗ, Oloṣya**, mais velho que um **Oloṣala** ter a iniciativa do cumprimento religioso, hipótese de exceção à regra de senioridade. Não estou dizendo que isto seja certo ou errado, é apenas questão de consideração pessoal, demonstração de carinho.

As pessoas de **Oṣala** têm por obrigação o uso freqüente da cor branca. Não devem usar roupas pretas, vermelhas ou de cores berrantes, sob pena de multa. É comum no período de dezesseis dias das “Águas de **Oṣala**” que os Filhos-do-**Oríṣa** fiquem de caderneta e lápis na mão a espera de alguém, na Roça, que esteja vestindo cores berrantes, para multar. Se o infrator for um Irmão-de-Santo, eles só aceitam o uso do branco mesmo, o que está certo. No período das “Águas”, temos que nos vestir os dezesseis dias com roupas brancas, quer dentro ou fora do Terreiro, em deferência a **Oṣala**. É importante ser dito que o Filho-de-**Oṣala** tem que dar o exemplo quanto às suas roupas. Não se admite o “branco encardido”, uso de remendos e vestes rasgadas.

OS OLÓYÈ

Todos os cargos são vitalícios, pois todos são dados por ordem do **Oríṣa**. O que é sagrado merece respeito. O dono do **oyè** tem obrigação moral e espiritual de se impor. Respeito se adquire respeitando os outros. Humildade não é subserviência. A simplicidade é plena de **Àṣẹ**.

Falarei algo para vocês, meus Filhos, sobre a estrutura hierárquica do **Ẹgbé**: os **Olóyè** e suas responsabilidades. Receber um cargo dado pelo **Oríṣa** é prêmio e não castigo. O **Oríṣa** considerou que a pessoa escolhida é digna de servi-Lo e servir aos deuses é uma honra que poucas pessoas recebem. A responsabilidade é muita, reconheço, e dá medo, gera ciúme, inveja, mas tudo isso é muito pouco diante da glória e do prazer de servir.

Existem duas categorias de **Olóyè**: os **Adoṣu** e os **Olóyè "não" Adoṣu**.

Os principais **Olóyè** ocupados por componentes **Adoṣu**, do **Ẹgbé** de nossa Casa, são:

ÌYÁLORÌŞA

Em nossa Casa, a *Ìyáloriṣa* reúne as condições de mãe do *Oríṣa* e mãe do *Àṣẹ*, na acepção de elemento sagrado. É quem une o homem ao *Oríṣa* pelo processo de Iniciação e quem distribui o *Àṣẹ*. Só ela tem o direito de iniciar e completar o ciclo de Iniciação. Mas é ela também quem responde e zela pelo seu *Egbé*, na condição de porta-voz de *Şàngó*. É o elemento catalisador, a “regente da orquestra”. Cabe à *Ìyáloriṣa* escolher os *Olóyè* de acordo com as determinações “superiores” (e superior à *Ìyáloriṣa*, no Terreiro, só os deuses).

Existem muitos Terreiros de Candomblé, cada um com sua *Ìyáloriṣa* e corpo de *Olóyè*. Se uma *Ìyá*, chefe suprema de determinada comunidade, se encontra com outra, tem de saber saudar esta *Ìyáloriṣa* de acordo com os padrões. À mais velha de iniciação, cabe a iniciativa do *jùbà*, expressão que significa admitir o outro como superior, é uma expressão usada para o cumprimento utilizado entre dois religiosos do mesmo grau. Cabe à mais velha o *jùbà* e à mais nova os atos que se seguem a este tipo de cumprimento. Quem “cruza as mãos” é a mais velha das duas *Ìyá*, estejam as duas Mães-de-Santo em qualquer lugar. A exceção da iniciativa ocorre apenas quando a Casa for da mais nova, aí então esta inicia o *jùbà*, esperando que a veterana corresponda e “cruze as mãos”.

Há regras de comportamento semelhantes para as Casas de Culto de uma mesma “Nação”. Ao ser cantado

o “*Ara Ketu, ê*”, por exemplo, todos se levantam e se abraçam. É a hora da confraternização dos presentes. Assim também se procede quando é entoado o hino *ALAKETU*, em louvor à referida nação *Yorubá*. O mundo do Candomblé é complexo.

ÌYÁ ẸGBÉ

É a segunda pessoa em hierarquia. É a conselheira do *Ẹgbé*, responsável pela manutenção da ordem, tradição e hierarquia. O posto de *Ìyá Ẹgbé* segue paralelo ao da *Ìyáloriṣa*. A primeira e única *Ìyá Ẹgbé* do *Ilê Àṣẹ̀ Ọ̀pó Afonjá* foi *Ayra Tọ́lá* (Cantulina Garcia Pacheco). Tomou posto em 1927, dado por *Ìyá Qba Biyi*, sua Mãe-de-Santo. Tia Cantú era neta de *Qba Sanyà*, um dos fundadores desta Casa. Sua mãe carnal, Maria do O, foi iniciada no *Àṣẹ̀ Ìyá Nasọ* (Engenho Velho), no final do século passado e era filha de *Oṣala*. Cantulina nasceu no dia 16 de março de 1900. Após a morte de Agripina de *Ẓàngó* (a primeira Iniciada em São Gonçalo, por Mãe Aninha), *Ìyá Cantulina* ascendeu ao posto de *Ìyáloròriṣa* no *Ilê Àṣẹ̀ Ọ̀pó Afonjá* do Rio de Janeiro (fundado por Mãe Aninha), situado em Coelho da Rocha. Quis *Ẓàngó* que ela, após décadas de ausência, voltasse efetivamente a reinar na Bahia, como *Ìyá Ẹgbé*, auxiliando esta sua sobrinha, filha de *Ọ̀ṣọ̀si*, para o fortalecimento de nossas tradições e sorte de quem pôde desfrutar de sua companhia e receber bons ensinamentos, pois nos deixou, para reinar junto aos nossos ancestrais.

Muitos dignificam e singularizam os cargos que ocupam. Tia Cantu foi um exemplo dessa assertiva. Filha de Ayrá, Ìyá Cantulina foi um “arquivo vivo”, como costume dizer. Falante, charmosa, com muito jogode-cintura, tia Cantu nos contava casos de emocionar. Conviveu com Mãe Aninha desde criança. Conheceu, de perto, personalidades famosas do mundo do Candomblé, pessoas que, quando nasci, já não mais faziam parte do Àiyé. Senhora de “linha”, firme e atenciosa, tia Cantu foi excelente mestra, incapaz de comportamentos dúbios e maliciosos.

ÌYÁKÉKERÉ

É a Mãe-Pequena da comunidade. O que a Ojubona faz em particular com seus Filhos, a Ìyákékeré deve fazer com todo o Egbé. Reúne os atributos de mestra e fiscalizadora dos ensinamentos ancestrais e determinações da Ìyáloriṣa. Divide com a Mãe-de-Santo, ombro a ombro, as responsabilidades civis e religiosas. Ela deve ser o cartão de visitas do Àṣe. No impedimento ou ausência da Ìyáloriṣa responde pelos destinos do Terreiro. Assim como a Ìyáloriṣa é a porta-voz de Şàngó, perante a comunidade, a Ìyákékeré é a porta-voz da Ìyálàṣe. Eyin Oṣun (Georgete Helena dos Santos) foi escolhida por mim para ser Ìyákékeré do Ilê Òpó Afonjá, após o “passamento” de Pinguinho, Oṣun Fumìṣe. Georgete faleceu em 24 de maio de 2008.

ÌYÁ MORO

É a Olóyè responsável pelo Ìpadé. Junto à Ìyájí-mùdá e Àgba Ìjiná realiza a referida cerimônia. Responde, também, por grandes “obrigações” junto aos Ancestrais. Iji Tunde (Deyse) é a Ìyá Moro do Àṣẹ, em substituição à inesquecível Iji Tolu (Clarice) de saudosa memória para todos nós. Iji Tunde é a titular do cargo, mas por motivo de saúde Qdẹ Bowa (Ivalda) minha segunda Filha-de-Santo passou a exercer a função. Após o falecimento de Qdẹ Bowa em 2007, a função de Ìyá Moro passou a ser exercida por Iji Fana (Genivaldo). No tempo de Mãe Aninha um homem também já tinha atuado nesta função.

ÌYÁ ẸFUN

É a responsável por determinada cerimônia de grande fundamento litúrgico, realizada durante a Iniciação de Iyawó. Ọsányìn Delé (Honorina) ocupou o referido posto que hoje é ocupado por Maria de Yánsàn, Qyá Temi.

DAGAN

É a Sacerdotisa que auxilia diretamente a Ìyá Moro (e vice-versa). Dentre outros atos litúrgicos, é também responsável pelo Ìpadé. Os postos possuem dois sub-postos diretos: Ọtun e Ọsi: Ọtun (o da direita) é o imediato do Olóyè, Ọsi (o da esquerda) é o imedia-

to da **Òtun**. Há, portanto, os sub-postos de **Òtun-Dagan** e **Òsi-Dagan**, Mundinha, **Ògún Ede**, é a **Dagan**; Cida de **Nàná** é a **Òtun** e **Òşun Ominiwe** (Jane Montes) a **Òsi**.

O CONSELHO RELIGIOSO

Os **Oyè** de **Ìyálorişa**, **Ìyá Egbé**, **Ìyákékeré**, **Ìyá Moró** e **Dagan** formam o Grande Conselho Religioso, responsável pelo destino do **Àşę**. Daí, em geral, os mencionados **Oyè** serem dados a pessoas **Àgba**, com tempo de sacerdócio e experiência. Esse Conselho Religioso **Àgba** é o alicerce da Casa. Com amizade e confiança, não devendo ter rivalidade, as pessoas integrantes deste Conselho orientam os **Àbúrò** da melhor forma possível, lutando pela comunidade do **Àşę**, por muitas e muitas gerações. Os **Olórişa** devem tratar o Grande Conselho **Àgba** com respeito, reverência e consideração. A educação dos membros do **Àşę** da “entrada” (Iniciação) até o fim de seus dias, processo natural, está diretamente ligada ao conjunto das referidas **Olóyè**, por todo conhecimento e sabedoria que possuem.

Assim, vimos os principais **oyè** que formam o **Egbé** do **Ilè Àşę Òpó Àfonjá**, pedindo a **Şàngó** que dê vida, saúde, prosperidade a seus titulares e, cada vez mais, conscientização de suas responsabilidades com o **Àşę** e com o **Àiyé**, como um todo.

Passo, agora, a elencar os demais cargos religiosos. Os **Olóyè** apresentam em seus caminhos espirituais o dever

de servir ao Àṣẹ (em sentido amplo), de maneira profunda e total dedicação. Alguns desses cargos são ocupados por gerações de Olòrìṣá, outros eu criei, de acordo com a tradição e a necessidade do Àṣẹ. Vejamos então:

MAYÈ

Pessoa designada para tratar das coisas secretas de Àṣẹ. Posto ligado à Iniciação de Adoṣu. Atualmente vago, após a morte de Iwin Muiwá, Patu.

AGBENI

Significa, quem divide a mesma causa.

ỌGÁLÁ

A dona dos cânticos. Em outras Casas, de tradição também Yorubá, se diz Ìyá Tebeṣe. Esta Olóyè deve reunir grandes conhecimentos de cantigas, danças e liturgia, bem como toques de atabaques, já que trabalhará diretamente com o Alabẹ. Ajagum Tundé (Noêmia), era a referida Olóyè, desde a época de Mãe Aninha, sua Mãe-de-Santo. Tutuca, Ọya Toki, que era Ọṭun passou a ser Ọgálá, após o falecimento de Noêmia.

ỌLỌPỌNDÁ

Cargo de grande responsabilidade em Iniciação, de âmbito altamente secreto. Ọṣun Tọlọlá (Cremilda) foi

a **Ọlọpọndá** desta Casa. Exemplo de **Olóyè!** Senhora de grande respeito, responsabilidade, conhecimentos litúrgicos e discrição.

ÌYÁ LABAKÈ

A responsável pela alimentação dos Iniciandos, enquanto estão em "Obrigação". A **Ìyákékeré** Georgete também ocupou o referido posto, atualmente também vago, como o do **Ìyákékeré**.

KÓLÀBÁ

Um dos importantes **Oyè** na Casa de **Şàngó**. A **Kólàbá** é a responsável pelo **Làbá** de **Şàngó**. Sua presença é indispensável em "Obrigações" de Iniciação de Filhos de **Şàngó**: **Ọşun Fumilayọ** (Haydéé), ocupa o posto de **Kólàbá**, antes por mim exercido, no tempo de Mãe Senhora e de Mãezinha.

ÌYÁJÍMÙDÁ

Oyè relacionado com a "Obrigação" de **Ìpadé**, de grande responsabilidade.

ÌYÁ TOJUỌMỌ

A responsável pelas crianças do **Àşẹ**. Posto que foi ocupado por Senhorazinha, **Ọşun Gere** e que hoje está vago.

ÌYÁ SIHÀ

A Àyaba que segura o estandarte de Oṣala, em ritual dedicada ao referido Oríṣa. Posto ocupado por Qya Tomilà (Ayda).

QMQLÀRA

Posto de confiança ocupado por Però, Qḁ Tayo desde os tempos de Mãe-Senhora, sua Mãe-de-Santo e que hoje também está vago.

SARAPEGBẸ

O mensageiro de coisas civis. Oyè exercido por Qya Toji (Eurides Ribeiro da Silva).

AKQWÉ IIÈ ṢÀNGÓ

Oyè ocupado por Detinha, Qba Gesi (Valdete Ribeiro da Silva). É a secretária da Casa de Ṣàngó, responsável pelo zelo do IIè e coisas relacionadas com Ètutu na Casa de Ṣàngó, além de orientações e compras de materiais necessários para “Obrigações”.

ÌYÁBASE

É a mulher responsável pelo preparo dos alimentos sagrados. Deve possuir grande conhecimento acerca da culinária sagrada, sendo auxiliada no preparo da

iguaria dos **Oríṣa** por todas as **Olóríṣa**. Entretanto, ela deve ser a mestra das demais, respondendo por qualquer falha eventual.

ÀYABA SEM NOME ESPECÍFICO

Existem postos de **Àyaba** que embora sem nome específico não são menos importantes:

Àyaba que tem suas funções específicas nas “Obrigações” de oferendas de animais quadrúpedes consagrados aos Oríṣa. **Ìyá Tomin** (Maria Alice) é a **Olóyè**. **Ditinha**, **Ìyá Lana**, a **Òṭun**.

Àyaba responsável por determinados atos em “Obrigações” de “cantar folhas”. É um posto, em geral, atribuído à **Olòṣun**.

OLÓYÈ NÃO ADOṢU

Os principais **Olóyè não Adoṣu**, componente do **Ègbé** de nossa Casa, são os **Ọba de Ṣàngó**, os **Ọgá** e as **Ajóié**.

ỌBA DE ṢÀNGÓ

Auxiliada pelo professor Martiniano Eliseu do Bonfim, uma das figuras negras do início do século XX mais impressionantes da Bahia, Mãe Aninha introduziu no **Ilê Àṣẹ̀ Òpó Àfonjá** o corpo dos **Ọba**: seis da direita

(Òtun) e seis da esquerda (Òsi). Os Qba da direita têm direito a voz e voto; os da esquerda, somente à voz. Aos Qba foi entregue o destino civil do Àşę. Eles são os Ministros de Şàngó, seus representantes.

Nosso Àşę é o pioneiro na criação do corpo dos Qba. Pioneiro no Novo Mundo.

Qba **Kakanfó** (Antonio Albérico de Santana), Filho carnal de Qba **Aré** (Miguel Santana) é o decano dos Qba. Seu posto também foi recebido pelas mãos de Şàngó **Àfonjá** (Şàngó de Mãe Aninha), no ano de 1936. Foi “entronizado” garoto, legitimando o ditado que diz: “É filho de peixe”. Miguel Santana, cantado em prosa e verso, emprestando o nome a famoso teatro, foi uma das figuras mais conhecidas desta Bahia. “Antonio **Kakanfó**” é o primeiro e único titular de seu posto. Homem viajado, poliglota, é também um “arquivo vivo”, que nos conta muitos casos da época de Mãe Aninha. Foi discípulo de Martiniano Eliseu do Bonfim, seu padrinho em “coisas de magia” e língua Yorubá. Filho de **Lógunèdę**, dileto de Şàngó, seu generalíssimo, **Kakanfó** é também Sacerdote no Culto de **Egúngun**. Miguel Santana consagrou este culto aos antepassados. Antonio leva avante a tarefa de seu inesquecível pai.

Ao falar sobre Mãe Senhora, eu disse que ela criou os subtítulos de **Òtun** e **Òsi** para os referidos sacerdotes de **Şàngó**, unindo forças. Os Qba da atualidade são:

Ọba da direita:

Abiodun — Sinval da Costa Lima, confirmado por Mãe Senhora. Adrianinho (filho de Adriano Azevedo, meu irmão) foi confirmado **Ọtun-Abiodun** em 1991, aos onze anos de idade. Foi suspenso pequenino; **Aré** — o escritor Antonio Olinto, confirmado por mim logo no começo de minha gestão. **Ọsi-Aré** é o jornalista Ildásio Tavares, Ọgá de Ọşun; **Kakanfó** — Antonio Albérico de Santana. Seu filho Antonio Carlos é **Ọtun-Kakanfó**, é também Olóyè, aquecendo a tradição da família; **Téla** — Mario Bastos, confirmado por Mãe Senhora. Luís Domingos de Souza, filho da famosa Maria de São Pedro, de saudosa memória, é **Ọtun-Téla**. Foi confirmado por mim, mas freqüenta o Àşę desde os tempos de Mãe Senhora, gozando do afeto da Ìyáloriřa, que o tinha na conta de um filho; **Àrólu** — cargo que foi do escritor Jorge Amado, Filho de Ọşósi. O **Ọtun-Àrólu** é Henrique Serra. O **Ọsi-Àrólu** foi o livreiro Demeval Chaves; **Ọdofin** — Vivaldo da Costa Lima, também Ọgá de Oşala, com o nome de Eļęmařo. Ubirajara, discípulo de Ọba Kakanfó, é **Ọtun-Ọdofin**, confirmado em nossa gestão.

Ọba da esquerda:

Ọnaṣọkun — cargo que foi ocupado brilhantemente pelo artista plástico Carybé, inesquecível como Presidente da Sociedade Civil, também Filho de Ọdẹ, foi confirmado por Mãe Senhora. O **Ọtun-Ọnaṣọkun** é Antonio Luís Calmon Teixeira; **Areṣá** — ocupado por Camafeu de Ọṣọsi, velho “Camafa”, confirmado na época de Mãe Senhora, que após a sua morte o substituiu Muniz Sodré. Seu **Ọtun-Areṣá** é Miguel Franco; **Eleryin** — Tadeu Alves de Souza, confirmado por Mãe Senhora e uma grande força na minha gestão. Tem como **Ọtun-Eleryin** o Ọba Fernando; **Oni Koyi** — o compositor e cantor Dorival Caymmi, também confirmado na época de minha Mãe-de-Santo. Seu **Ọtun-Oni Koyi** é Gilberto Gil; **Olugbom** — Augusto Costa Conceição; **Ṣòrun** — Santiago Codes.

Ressalto que os Ọba da direita têm o direito de pegar o Ẹre de Ẹàngó, em atos realizados no Barracão, em louvação ao referido Oríṣa. Os Ọba são especialmente chamados de “pai”, pelos Filhos de Ẹàngó. Como Ministros de Rei, sentam-se ao lado da Ìyáloríṣa, a qual é a representante de Ẹàngó no Àiyé. Trocam o jùbà com a Ìyáloríṣa e demais autoridades religiosas, recebendo pedidos de bênçãos, por parte do

Ègbé. São os representantes de direito da Sociedade Civil, incumbindo-lhes a tarefa de, junto a **Ìyá** e Conselho Administrativo, conduzir os bons caminhos do **Àṣẹ**, zelando, também, pela manutenção das tradições da Casa.

ỌGÁ

Em geral, numa festa pública o **Oríṣa** de um **Ègbón** aponta alguém como **Ọgá**. O primeiro passo é a entrega das ferramentas do **Oríṣa** ao escolhido. O **Oríṣa**, de braço dado com o recém-nascido **Olóyè**, o apresenta à **Ìyáloríṣa**, **Ìyákékeré**, **Ègbón Àgba** do Terreiro e demais membros, percorrendo, com o novo “pai”, os lugares sagrados do Barracão. A uma ordem da **Ìyá**, ou **Ìyákékeré** na ausência da primeira, os demais **Ọgá** da Casa “suspendem” o neófito, ao som de toques e cânticos adequados para a ocasião, e o sentam em uma cadeira: a consolidação do ritual. Nasce o **Ọgá** a partir do momento em que é apontado, suspenso e sentado na cadeira, que poderá ou não ser de propriedade do Filho do **Oríṣa** que o designou, fazendo-o **Olóyè**.

Depois vem a chamada “Confirmação”. Após determinado tempo de recolhimento, menor que o tempo de reclusão dos **Adoṣu**, equivalente ao dos Filhos-de-Santo Assentados, em dia de festa é feita a confirmação do **Ọgá**. O **Oríṣa** então proclama, para que todos ouçam, o **Orúko** de seu pai. Em nossa Casa, é

de praxe a apresentação de novo **Ọgá**, antes do momento do **Orúko**. Em geral, esta é feita por um **Ọgá** veterano, confirmado para a “mesma Casa”. Se o **Ọgá** está sendo confirmado para **Ọmọlu**, quem costuma fazer a apresentação é um outro **Ọgá** de **Ọmọlu**. No dia da confirmação os **Oríṣa** entram no Barracão em fila indiana, considerando-se o tempo de Iniciação dos **Adoṣu**. É dispensável dizer que estão paramentados, com vestes de gala. Por último vem o **Oríṣa** responsável pela confirmação do **Ọgá** e ao seu lado, o próprio dono da festa. Atrás dele os **Ọgá** da Casa à qual ele passa a pertencer, sucedidos pelos demais **Ọgá** do Terreiro que, nestes dias de festa, costumam usar a faixa de confirmação. O novo **Ọgá** também apresenta uma faixa, com as cores do **Oríṣa** que o escolheu.

Pode acontecer de um Filho contar muitos anos de “Santo Assentado” e ser suspenso **Ọgá**, no dia do evento perde a condição de **Abiyan**. No nosso **Àṣẹ** não costumamos permitir a confirmação imediata de **Ọgá**: “suspende hoje, confirma amanhã”. Em geral, no mínimo, há o intervalo de um ano entre os dois atos, tempo necessário para reflexões sobre as imensas responsabilidades para o neófito, já que responderá pela Casa do **Oríṣa** “seu filho”, pela Casa do seu próprio **Oríṣa** (se pertencer a outra) e pelo **Àṣẹ** em geral. Precisa viver o dia-a-dia do Terreiro para aprender a importância do **Oyè** adquirido, sob pena de ser um eterno desinformado, sentado em sua cadeira, estreada no dia da confirmação, a exigir que lhe tomem as bênçãos, como se estivesse no século XVIII... Daí é que

certos **Ọgá** são chamados de “**Ọgá de bença**”. **Ọgá** é pai espiritual e deve entender a grandiosidade do **Oyè** que recebeu. Este não será “**Ọgá de bença**”, mas um **Olóyè** de primeira linha.

O **Ọgá** deve dedicar-se ao máximo ao Filho-do-**Oríṣa** que o suspendeu e ao **Àṣẹ**, como um todo, na medida de suas possibilidades. Há cadeiras quebradas, goteiras no telhado... Ele pode consertá-las, ou responsabilizar-se pelo conserto. Se for médico, pode orientar os irmãos em questões de saúde, etc. É o encarregado de coisas no âmbito civil do **Àṣẹ**: coordenador do Barracão, recepcionista de visitantes, mantenedor da ordem. Tais funções não o excluem de participar dos atos religiosos, na sua condição de **Ọgá**.

Se uma autoridade de outra Casa chega ao Terreiro, o **Alabẹ** tem de lhe prestar as devidas homenagens, “dobrando o **Ìlu**”. O **Ọgá** tem por “Obrigação” controlar a chegada desses ilustres visitantes, a fim de que “gafes” sejam evitadas. Caso necessário, o **Ọgá** deve colocar sua cadeira à disposição, para que seja ocupada por autoridades visitantes e **Oríṣa** manifestados em seus Filhos. Têm por dever conservar os olhos bem abertos durante as festividades. Os **Ọgá** que queiram realmente ajudar a **Ìyáloríṣa** têm de se revezar, durante as festividades, para ver “o que se passa lá fora”, zelando pela segurança dos Filhos: Isso é que é saber ser pai. Assim como fora dito a respeito do desempenho da **Ìyákékeré**, os **Ọgá** também são o cartão de visitas de uma Casa de Candomblé.

É importante dizer: na tradição do Candomblé Qgá não pode ser Babalórişá. Como sempre digo, só se transmite o que um dia se recebeu. Qgá não é Adoşu, como então pode dar Àşę de Adoşu?

AŞÒGÚN

Do corpo dos Qgá são escolhidos outros Oyè, de suma importância para os ritos do Candomblé: o Aşògún (com Òtun e Òsi) é o responsável pelos sacrifícios. “Traz o Àşę de Ògún”, passando a ter um pacto direto com o Senhor dos Caminhos. Trabalha em conjunto com a İyálorişá. É o responsável direto pelos sacrifícios, do começo ao fim do ato, sendo soberano nestes rituais. É quem se comunica com o Oríşá para quem se destina o Ètutu, transmitindo à İyálàşę as respostas obtidas e mandamentos. Os filhos do Àşę deve chamá-lo de pai, rendendo-lhe as devidas homenagens.

ALABĘ (também com Òtun e Òsi)

É responsável pela comunicação entre os Oríşá e o Egbé, o que é feito através de toques e cânticos. Por isso, o mesmo respeito deve ser estendido às referidas Adoşu que trazem o posto de Qgálá. Os Alabę devem ser responsáveis pela preservação dos İlu e demais instrumentos sagrados. Toca para os Oríşá dos Filhos em geral, sem exceção. O posto de Alabę

é de muita dedicação, renúncias e, às vezes, ingrati-
dão de alguns.

Os toques seguem a tradição de muitas gerações. É difícil a escolha de cantiga adequada que venha a agrada-
dar a todos. No ciclo de festas, o **Alabẹ** tem que se
levantar todos os dias de madrugada para que “faça
a alvorada”, o que dura, em média, mais de quarenta
minutos. E depois sair para o trabalho!

É importante que o **Alabẹ** e equipe saibam toques e
cânticos de todas as nações, bem como tocar todos os
três **Ìlu**. O **Alabẹ** merece o tratamento de pai e de-
vidas homenagens. Darinho é o atual **Alabẹ** do **Àșe**,
vindo a suceder Nezinho.

É indispensável que o **Alabẹ** tenha uma educação re-
ligiosa acurada e entenda as sutilezas do “Mundo dos
Candomblés”. Ao chegar uma autoridade de outra
Casa no Terreiro, por exemplo, o **Alabẹ** precisa saber
que ele deve “dobrar o **Ìlu**”.

Existem “Obrigações”, “Águas de **Oșala**”, por exem-
plo, nas quais o **Ẹgbẹ** se organiza por tempo de Ini-
ciação, na seguinte seqüência: primeiro a **Ìyálorișa**,
até o último **Adoșu**. **Ọba**, **Ọgá** e **Ajóié** (por tempo
de confirmação). Assim, um **Ọba** pode ser seguido por
um **Ọgá** (e vice-versa) ou **Ajóié**. Após estes, os demais
Olóyè (não **Adoșu**), por tempo de **Oyè**, sendo, final-
mente, seguidos pelos **Abiyan** de “Santo Assentado”
(conforme o tempo de “Obrigaçã”) e demais “paren-
tes por afinidade”.

AJÓIÉ

É considerada, carinhosamente, uma espécie de “Mãe” do **Oríṣa** que a escolheu e confirmou. Assim como os demais **Olóyè**, têm direito a uma cadeira no Barracão, embora quase não se sente durante as festividades, em virtude das funções desempenhadas. Deve ser chamada de mãe pelos componentes da Casa do **Oríṣa**, seu Filho. Os comportamentos determinados para os **Oḡá** devem ser seguidos pelas **Ajóié**. Em dias de festas, a **Ajóié** poderá vestir-se com trajes civis: vestido ou saia (só não calças compridas, bermudas, etc), contas rituais e, se desejar, um ójá na cabeça, trazendo, no ombro, a inseparável toalha, sua principal ferramenta de trabalho no Barracão, símbolo do **Oyè** que ocupa. A toalha se destina a enxugar o rosto dos **Olóríṣa** manifestados, independente da importância e “tempo de **Oríṣa**” do **Adoṣu**, já que ela recebeu **Àṣẹ** para estes misteres. **Olòrìṣá Okunrin** não carrega toalha, salvo se for **Ajóié**.

A **Ajóié** é responsável pela arrumação e organização das roupas de gala do **Oríṣa** seu filho, **Oríṣa** da **Ìyáloríṣa** e de quem se fizer necessário. Tem prioridade em vestir os **Oríṣa**, acima de qualquer outro **Omo-Oríṣa**, já que, vale a pena repetir, foi preparada para estas tarefas. E, também, de tirar a roupa do **Oríṣa** e demais atos que se seguem no término das comemorações, devendo deixar as roupas do **Oríṣa** dobradas, guardadas, etc. Deve ficar atenta a tudo o

que se passa no Barracão (ou Casa de Oṣala), somente deixando o recinto em caso de extrema necessidade. Sua preocupação deve ser com a chegada do Oríṣa, seja este qual for, recolhendo e guardando sandálias, óculos, etc. Portanto, tem de estar presente no Barracão do começo ao término da festa. É, também, fiscalizadora do Barracão, "pau-para-toda-obra". Daí, ser muito mais prático o uso de trajes civis, nos dias de festas, o que lhe proporciona maior liberdade de movimentos. Em outros rituais, ela pode vestir-se como as Ègbón: saia, camisa, bata, pano-da-costa. Só que não usa anágua de "goma". Pode vestir uma, sem goma, o que a diferencia, em qualquer situação, das Filhas-de-Santo "mais velhas". Reparem bem: se a Ajóíé quiser ir para o Barracão de saia (e bata), nos moldes acima descritos, nada impede. Só que acho pouco prático.

As tarefas da Ajóíé não se restringem (necessariamente) a enxugar rostos de Oríṣa, cuidar de roupas, etc. Assim como o Oḡá, ela é a porta-voz do Oríṣa, "na Terra". Deve ser conselheira, orientadora e amiga de seus Filhos e de suas irmãs mais novas. E deve ter boa vontade para receber ensinamentos, orientações e bons conselhos dos mais velhos. Tem de caminhar lado a lado com o Filho do Oríṣa que a consagrou no posto, para honra do Àṣẹ. Digo sempre que a pessoa é quem dignifica o Oyè ocupado. Isto também vale para as Ajóíé.

No Candomblé do Engenho Velho (Casa Branca), as Ajóíé são chamadas de Ekedes. No Terreiro do Gan-

tois, são denominadas **Ìyárobá**. **Ekede**, nome de origem “Jeje”, que se popularizou, é o nome mais conhecido em todas as Casas de Candomblé do Brasil, pertencam a que nação for. Dou um exemplo: na Nação de Angola o nome é “*Makota de Anguzo*”, contudo, as referidas **Olóyè** se intitulam **Ekedes**, haja vista a consagração do referido nome.

A hierarquia é fundamental para o bom andamento da comunidade religiosa. A própria **Ìyáloriṣa** se submete às regras da hierarquia, apesar de ser a maior autoridade do **Ẹgbé**. Tem de conhecer os mecanismos da disciplina e comportar-se de maneira impecável.

Veremos, agora, alguns **Oyè** ligados a determinadas “Casas de **Oríṣa**”, ocupados por pessoas que não são **Adoṣu**:

Ilè Ṣàngó: Ojú Ọba (com **Ọtun** e **Òsi**) — posto de honra da Casa de **Ṣàngó**; **Teobolá** — aquela que acompanha os **Ọba** de **Ṣàngó**; **Ṣobalóju** — O olheiro de **Ṣàngó**.

Ilè Ògún: Balógún, aquele que segura a Casa de **Ògún**, juntamente com os **Ọgá** da Casa deste **Oríṣa**.

Ilè Oṣala: Ẹlẹmaṣo e Iwin Dunsi.

Ilè Ọsányìn: Kaweó e Jinsi, responsável por colher as folhas e por alguns segredos desta Casa.

Ilê Ọ̀ṣun: **Ọ̀gọ̀tun**.

Ilê Ọ̀mọ̀lu: **Asogbà**, ocupado por Mestre Didi, desde os tempos de **Ìyá Ọ̀ba Biyi**, o **Alapini** do Culto de Egúngun, responsável pelo Terreiro **Aṣipa**, Filho único de Mãe Senhora. Carybé, que também era **Ọ̀ba** de **Şàngó**, era titular do posto **Apokan**, na referida Casa. **Ìyájímùdá** também é Oyè da Casa de **Ọ̀mọ̀lu**, diretamente ligado a Ọ̀ya.

SOBRE OS RITUAIS

Todos os nossos rituais visam cultuar nossas divindades, tendo como consequência aquisição de Àṣẹ. A palavra Àṣẹ em nossa religião passou a ter vários significados: o local de culto tem esta denominação (“amanhã vou para o Àṣẹ”); a resposta recebida quando se deseja algo de bom para o outro, como se fosse “que assim aconteça”; tornou-se até a representação da música baiana — “Axé Music”. Mas, para os Iniciados do Candomblé, Àṣẹ significa, principalmente, força, poder, energia. E é este o objetivo maior do Iniciado, adquirir cada vez mais Àṣẹ, para melhor praticar a Lei Universal do Serviço, para melhor servir ao mundo.

Para ficar pleno de Àṣẹ, o Filho-de-Santo deve ter atitudes e praticar atividades que estão inseridas no contexto da comunidade. Muitas vezes, o novato não dá o devido valor aos pequenos detalhes da nossa religião, porém o mais velho não se negligencia: por isso ele ficou velho, adquiriu Àṣẹ suficiente para viver no mundo o maior tempo possível e assim fazer e deixar sua história.

Vamos, então, às atitudes que reforçam o Àṣẹ adquirido com a Iniciação:

Não adianta aprender apenas com leitura de livros, assim como roubar anotações de quem as tem, pois na prática do roubo se perde Àṣẹ e se ganha baixo-astral. É fundamental o conhecimento transmitido de maneira oral. E não é só pela manutenção da tradição, nem pelo guardar dos mistérios, mas, principalmente, porque o conhecimento passado por um mais velho está cheio de emoções, sentimentos e, consequentemente, Àṣẹ.

Comer de mão para o povo africano é uma constante. Sem contar que aos escravos brasileiros não eram oferecidos talheres para as suas refeições. Como a cultura sempre se funde com a religião, corre-se o risco de pensar que comer com as mãos as comidas no Terreiro seja apenas um hábito cultural. Enganado está quem assim pensa. A comida levada à boca com as mãos tem muito mais Àṣẹ.

Partindo do princípio que gestos muito simples e cotidianos, quando praticados com disponibilidade, são atos sagrados, notaremos a necessidade do Filho-de-Santo realizar atividades como: varrer a Casa do Oríṣa e o quintal; servir a mesa para outro irmão, ceder o lugar ou carregar um pacote, cozinhar, arrumar e enfeitar uma Casa. Toda essa energia usada nos afazeres mais simples é transformado em força, benção, em Àṣẹ! Atividades que devem ser praticadas com o má-

ximo de concentração, atitude mental que será fundamental para quando o Iniciado tiver mais tempo de sacerdócio. É aconselhável que cada **Oloriṣa** sinta-se dono da Casa do seu **Oríṣa** (nos mínimos detalhes) e, conseqüentemente, responsável por ela.

As horas livres devem ser ocupadas com assuntos relacionados com a nossa religião. É hora de aprender, de aprender brincando. O bom humor deve ser nosso aliado para combater as adversidades da existência humana.

O nosso coração e nossa cabeça livres da inveja, ódio, usura, egoísmo nos abre novos caminhos para o bem.

Alguns ditados usados pelos mais velhos para orientar os mais novos nos demonstram comportamentos que devemos ter para adquirir **Àṣẹ**: “Quem planta vento colhe tempestade”; “Não faça aos outros o que não querem que lhe façam”; “Os maus por si se destroem”; “A fruta só dá no seu tempo”; “Cantiga que menino canta, gente grande já cantou”...

Quando chegamos a ser **Ẹlẹ̀sẹ̀ Oríṣa** devemos estar sempre com bons pensamentos. Não precisamos provar força prejudicando os outros, cada um faz o seu caminho. Não devemos estragar nosso **Àṣẹ** com pensamentos negativos. O que nós levamos aos pés do **Oríṣa** é sagrado.

O **Iyawó** deve sentar-se bem próximo ao chão, na esteira, para adquirir mais energia. Só após a “Obri-

gação” de três anos, ele sentará em um banquinho. Apenas quando receber um cargo estará autorizado a sentar em cadeira, nos rituais. Na presença da Mãe de Santo apenas sentam na mesma altura que ela as pessoas de posto e as **Àgba**. Quem age ao contrário está sendo desrespeitoso.

Os lugares que freqüentamos têm muita influência sobre nosso **Àşę** pessoal, assim como também o nosso comportamento. **Àşę** não combina com tóxicos e álcool em excesso. É degradante ver num ambiente que temos como sagrado, pessoas que estão com a cabeça e a consciência tomada por estes elementos. O mundo é imenso. Há tempo e lugar para tudo, sem falsa moral.

A fala do Iniciado é carregada de **Àşę**. Por isso ele precisa falar pouco, a fim de concentrar a sua energia. Deve policiar sua linguagem. Pensamentos bons geram boas palavras, as quais não são para serem jogadas ao vento. Devemos preservar todo o esforço de nossos ancestrais, sempre através do bem e da verdade. Todos que atuam num **Ilê Àşę** devem ter como principal razão a espiritualidade, que nos conduz à unidade, com as nossas diversas partes e com os diversos mundos.

ŞIRÉ

A palavra **Şiré** é usada por nós significando festa. Festa sagrada que homenageia, reverencia um **Oríşá**. Barracão limpo e decorado com os símbolos referentes à divindade cultuada. É um grande momento para o

Filho daquele **Oríṣa**. Cada um vestido adequadamente, de acordo com o seu grau hierárquico.

A roda é feita no sentido anti-horário. Um momento em que todos devem estar entregues de corpo e pensamento ao seu **Oríṣa**.

Devemos saudar os ancestrais na porta de entrada, saudar os atabaques, a **Ìyáloríṣa** (momento em que devem ser tirados o **ójá** e chinelos). Logo em seguida, devem ser saudadas a **Ìyákékeré** e a **Ajubona**. Não se deve sair da roda do **Şiré**, a não ser por um motivo muito justo. Não se deve interromper o ritmo da roda para cumprimentar pessoas que chegaram depois (o que pode ser feito no intervalo), pois quebra a concentração, consequentemente a corrente energética. O Filho-de-Santo não deve andar pelo espaço externo do Barracão, nem conversar com amigos nos intervalos do **Şiré**.

Quando durante o **Şiré**, canta-se para o nosso **Èlédá**, que para nós é o **Oríṣa** dono de nossa cabeça, o filho põe a testa no chão e ao passar pela Mãe-de-Santo pede-lhe a bênção. Quando se canta no **Şiré** para um **Oríṣa**, coloca-se a mão no chão e na testa. É uma maneira de saudar cada **Oríṣa**. **Não precisa fazer este gesto para cada música, e sim para cada Oríṣa.**

Nem precisa ser dito que no **Şiré Oríṣa** nosso olhar deve estar dirigido para o chão, os ouvidos atentos aos atabaques, escutado o ritmo e a voz de quem tira as cantigas, e a boca ocupada em responder os cânticos, tornando a festa mais alegre e harmônica.

É um momento alegre e de muita força. A entrega deve ser total. Por isso as mais lindas roupas, corpo limpo e contas de acordo com o **Oríṣa** e a hierarquia. Neste momento, as mentes devem estar em sintonia com o sagrado, através dos cânticos e som dos atabaques no Barracão, por isso devemos cantar sabendo o que e para quem estamos cantando. É uma oração. Nesta hora é que devemos ter consciência de que somos veículo, transportando uma energia sagrada.

Quando se canta para **Ṣàngó**, o nosso patrono, todos devem deixar a cabeça descoberta, não só como sinal de respeito, mas também para receber a sua energia. Cada Terreiro tem um patrono a quem chamamos de dono ou dona da Casa.

Tenho certeza que o **Oríṣa** está conosco. Por isso, é indispensável toda preparação em atos, pensamentos e palavras. Ao sermos Iniciados devemos nos policiar, a fim de recebermos a graça do **Oríṣa**. Não é uma apresentação teatral. Para o **Oríṣa** todos são seus Filhos: homens, mulheres, brancos e negros. Todo **Omo-Oríṣa** tem o dever de ser feliz, pois tem o **Àṣẹ** do próprio **Oríṣa** que nos completa e respondem às nossas carências.

Ao chegar um visitante convidado pela **Ìyáloríṣa**, é dever acomodá-lo em um lugar de honra. O mesmo deve ser feito com as pessoas **Àgbá** de outros Terreiros.

Na hora do **Ṣiré**, as **Ajóíé** e **Ọgá** devem estar atentos aos que dançam, o que não impede que os demais

Olóriṣa também cuidem do irmão na hora em que o **Oríṣa** se manifesta nos Filhos presentes.

No momento em que a comida é servida no Barracão, a atitude correta é primeiro servir a **Ìyáloriṣa**, e em seguida a **Ìyákékeré**, os **Ọba**, os **Ọgá**, os **Ègbón Àgba** e visitantes convidados. Todos devem permanecer sentados, aguardando o seu momento. É, no mínimo, deselegante o **Olóriṣa** sair do seu lugar, como se estivesse faminto, para buscar comida. Além do que, atrapalha bastante o serviço dos **Abiyan** que estão encarregados de executar o serviço.

O **Ṣiré** é uma “Obrigação” séria, de grande fundamento. Por esta razão, todos devem recolher-se em seus aposentos, no Terreiro, quando o ritual é encerrado. A desobediência a esta ordem, que atualmente tem ficado comum, muito me desagradou, fazendo-me deixar o desobediente por sua conta e risco, entregue às energias que estão soltas e lhes são compatíveis.

Em toda Casa que segue a tradição, o **Oríṣa** da **Ìyáloriṣa** atual terá sempre um trato diferenciado. O que não diminui o cuidado e uma deferência carinhosa com o da **Ìyáloriṣa** anterior.

ÒSÈ

O dia destinado à limpeza da Casa e pertences simbólicos de cada **Oríṣa** chama-se **ÒSÈ**, que literalmente quer dizer dia de folga, que se entende como dia des-

tinado ao sagrado. A Casa do **Oríṣa** deve estar sempre limpa. No entanto, na primeira semana de cada mês esta limpeza é mais minuciosa. Trocam-se as águas, oferendas e toda a ornamentação. Deve ser feita nas primeiras horas do amanhecer, com muita disciplina. Depois do banho ritual, o **Omo-Oríṣa** se dirige à Casa do **Oríṣa**, em jejum. É um ritual que deve ser feito com calma, alegria e SILÊNCIO. Hora em que as pessoas, as quais devem ter dormido no **Àṣẹ**, comunicam-se com o **Oríṣa**, através do **obì** ou **orogbo**, ou até mesmo dos búzios. Depois o tempo é livre. Existem Casas onde os Filhos de determinado **Oríṣa** fazem um bom café da manhã, como forma de confraternização. Neste momento não se radicaliza a hierarquia. **Ilẹ̀ Àṣẹ** é comunidade, os individualistas ficam isolados, fazendo perder o sentido de unidade. É comunidade porque tem um objetivo comum: cultivar **Oríṣa**.

PADÉ — ÌPADÉ

A palavra **Ìpadé** significa também “encontrar com”, “reunir”, mas na língua **Yorubá**, quando se coloca a letra “I” junto ao verbo este se transforma em substantivo, por esta razão, é comum chamar-se de **Ìpadé** este ritual, significando então reunião. O **Ìpadé** é um dos rituais mais importantes de nossa religião, indispensável após **Ètutu**: Iniciações, festas de calendário, “Obrigações” de três e sete anos, **Àṣèsé**, **Ètutu** de Filhos-de-Santo maiores (quando “dão comida” a seus

Oríṣa, com sacrifícios de maiores proporções). Seja realizado no Barracão de festas ou na Casa de **Oṣala**, o comportamento dos **Omo-Oríṣa** deve ser impecável, demonstrando responsabilidade e entendimento sobre esta cerimônia. O **Ìpadé** acontece entre quatro e cinco horas da tarde, entre o entardecer e o crepúsculo (exceção feita quanto tem cerimônias fúnebres).

Nossos rituais são executados no idioma de sua origem, que é africana. Por isso é necessário saber o **Yorubá**, língua dos nossos ancestrais, mesmo porque é certo que o peso do idioma dos **Oríṣa** dá força à oração. É mágico! Nada mais forte e bonito do que um canto ou um **oríkì** dito com as palavras certas, na língua mãe. Vamos estudar e tentar fazer tudo certo. Vamos dar importância aos ensinamentos e esclarecimentos, a fim de evitar distorções, as quais quebram o **Àṣẹ**. Quanto mais transmitimos conhecimentos, mais nos fortalecemos, o que é bom para a nossa religião. Mas é bom lembrar que os conhecimentos são transmitidos de Iniciados para Iniciados, dos mais velhos para os mais novos. Já que a nossa religião não tem um código formal de procedimento, “a união faz a força”. Fortes, seremos invencíveis, pela fé que possuímos e com as graças dos **Oríṣa**. **Àṣẹ** se adquire pela disciplina, sacrifícios e renúncias. Tendo a certeza de que somos pessoas diferenciadas (nem melhores nem piores, apenas diferentes), com múltiplas responsabilidades, tanto perante aos ancestrais, como para com os mais novos.

Os Filhos-de-Santo devem apresentar-se no lugar do ritual devidamente trajados, munidos de suas esteiras e banquinhos (neste caso, após a “Obrigação” de sete anos). O Filho-de-Santo deve ajoelhar-se com a testa no chão, protegida pelas mãos. Só não se ajoelham a **Ìyáloriṣa**, **Ìyakékeré**, senhoras **Àgba** — as quais, em virtude da idade, não têm mais condições — e pessoas com problemas sérios de saúde. **Ọgá**, **Ọba** e **Ajóíé** também participam sentados: são considerados respeitosamente como pais e mães, portanto, dispensados do dever de se ajoelhar. O **Ègbé**, em sua quase totalidade, permanece de joelhos (sobre esteiras) até quase o encerramento do **Ìpadé**, isso porque a “Obrigação” se destina a homenagear o mensageiro dos **Oríṣa Èṣu** — e os ancestrais, de modo geral, ressaltando-se a importância das **Ìyámi Àgba**, daí o sentido da reverência. Só se deve sair do recinto sagrado depois do encerramento total e absoluto. Pessoas emancipadas se ajoelham, tendo o direito de apoiar os braços num banquinho; **Iyawó** e **Abiyan** têm de se ajoelhar com a cabeça baixa, em homenagem e respeito aos ancestrais que estão sendo evocados, mas também ressaltando a hierarquia. A arrumação das esteiras tem de respeitar a hierarquia, não devendo ter espaço entre elas. É por isso que pessoas de condição diferente não devem ajoelhar-se numa mesma esteira, principalmente junto à **Ojubona** (isto em qualquer “Obrigação”!). Comportamentos contrários demonstram ignorância, pior, insubordinação. Ajoelhar no **Ìpadé** não é humilhação — repito — ou repressão,

mas, sim, respeito perante a dignidade da cerimônia, perante os ancestrais convocados, para que a “Obrigação” decorra de modo impecável. Mas não podemos esquecer que “toda regra tem exceção”, a *Ìyáloriṣa* ordena tudo o que acima foi dito, mas a autoridade não se caracteriza pela humilhação e sofrimento do outro. Por isso, uma *Iyawó* enferma ou de idade avançada deve ser liberada da esteira. Todo o *Ègbé* tem de se ajoelhar logo após a arrumação do *Ìpadé*, antes da *Ìyájímùdá*.

Nessa ocasião, o *Omo-Oríṣa* deve estar vestido com roupas simples, não dispensando o pano-da-costa, *ójá* e chinelos. São fundamentais o uso do pano-da-costa e laços, os últimos também, para *Iyawó* e *Abiyan*; bata e pano-da-costa para as mais velhas que, vestidas corretamente, valorizam muito mais a “Obrigação” e a si mesmas. Quando digo que o pano-da-costa é indispensável para o *Ìpadé* é porque é mesmo! Não se dança sem esta peça, necessária a todo e qualquer ato religioso, como já falei. A cabeça tem de estar coberta. Mulheres usam torsos; homens, fila. Cobrir a cabeça é proteger o *Orí* da diversidade de energias que estão no *Ìpadé*. Falo da diversidade de energia e não de energia ruim. Se estiver trabalhando na cozinha, mas puder participar da “Obrigação”, deve procurar apresentar-se o mais limpo possível. E é imprescindível que todos os que tenham participado do ritual de sacrifício compareçam ao *Ìpadé*, principalmente os filhos de cabeça do *Oríṣa* homenageado. O *Ègbé* só

tem permissão de deixar o recinto sagrado depois do encerramento absoluto da referida "Obrigação", após os toques e louvações ao **Orísa** senhor do **Ètutu**, que motivou o ritual religioso. Assim, o ato litúrgico se completa, atingindo sua finalidade.

Há rituais que não devem ser interrompidos, quer no princípio, quer no fim, sob pena de desagrado às entidades para quem se destinam. Dou este importante esclarecimento, a fim de que mal entendidos sejam evitados, dispensando-se reprimendas ou a omissão maldosa (pior tipo de falha em qualquer magistério). Somos responsáveis por nossos atos. Se o ensinamento não é transmitido, por maldade, esquecimento ou falta de conhecimento, esse ato extrapola o limite de quem o praticou, atingindo toda a comunidade.

BQRÍ

O **Bqrí** é uma cerimônia de grande significado. É a adoração à cabeça, realizada pelo conjunto de oferendas, cânticos e louvações. É importante a participação do **Olóriša** em cerimônia de **Bqrí**, já que se estabelece a comunhão com a cabeça do "outro" e acontece uma troca de **Àșe**. Quanto mais pessoas houver para louvação de nossa cabeça, para comer a comida do **Bqrí**, tanto melhor. Os alimentos divididos no ritual são fortalecidos por **Oníle** e pelo **orí** de todos os presentes. Comer dessas comidas é ganho de **Àșe**, renovação de nossas forças. Mas o **Àșe** não é adquirido apenas fazendo uso do alimento servido. É

necessário que o Filho se coloque à disposição do Terreiro, participando como possa e seja necessário para o referido **Ètutu**: a arrumação do **Borí**, a exemplo do preparo dos alimentos, arrumação de camas, despachos, etc. A celebração é feita pela **Ìyáloriṣa**, auxiliada pela **Ìyákékeré** e outras **Olóyè** qualificadas. Na falta de **Olóyè**, qualquer **Omo-Oríṣa** pode auxiliar a **Ìyáloriṣa**. Filhos-de-Santo do sexo masculino podem ajudar o **Aṣògún** nos sacrifícios, em especial Filhos de **Ògún**, **Ọbalúayé**, **Ọdẹ**. Durante a cerimônia do **Borí** não se ajoelha, nem se senta. Fica-se em pé, em atitude de respeito e seriedade. O Filho deve responder às cantigas específicas, o que é de grande importância.

Importante: a comida do **Borí** tem que ser ingerida junto com o “borizado”. Este ato é de grande fundamento. E, por descaso ou comodismo, está sendo perdido.

O **Borí** da **Ìyáloriṣa** é diferenciado pela pompa e deferência. Ainda assim, o filho deverá permanecer em pé, com a cabeça inclinada, levemente abaixada, demonstrando respeito à Mãe da Comunidade. Quanto mais a cabeça da **Ìyáloriṣa** revigorar as forças, melhor para todos, já que ela é quem distribui o **Àṣẹ**. No **Borí** da Mãe-de-Santo, ao fim da primeira parte do ato religioso, cada Filho canta e dança individualmente em sua homenagem, enquanto parte dos alimentos é preparada na cozinha. Usualmente, uma **Àgba** se encarrega de tirar as cantigas: cânticos específicos de **Borí** e de **Oríṣa**. O Filho que não estiver dançando, permanece, neste momento, sentado em esteira, já que sua mãe está dei-

tada numa esteira. Antes de dançar, o Filho-de-Santo deverá fazer **foríbalẹ** para o **Oríṣa** dono da Casa — local do **Borí**: **Ṣàngó** ou **Oṣala** — e para a **Ìyáloriṣa**. Dança-se de acordo com o princípio da senioridade, por tempo de Iniciação. Em geral, quem principia a dança é a **Ìyákékeré** ou **Ìyá Egbé**. Se a cerimônia destinar-se a **Ìyáloriṣa** ou **Ojubona** do **Olóriṣa**, este não deve, naquela noite, deitar-se em cama, mas sim em esteira. Afinal, sua Mãe está deitada em uma esteira e ele não poderá se colocar mais alto que ela.

Falando sobre as cantigas de **Borí**, eu disse que em geral uma **Àgba** se encarrega de tirá-las, já que aprendemos, ou nos reciclamos, com nossos velhos, os quais, às vezes, se lembram de cânticos esquecidos há décadas. Viver é aprender. Isso não “desbanca” ninguém. Ensina quem pode e aprende quem for inteligente, humilde, sábio, e tiver boa vontade. Os velhos são arquivos vivos, testemunhas de fatos emocionantes. Aprender e ensinar são atos constantes da vida. Ensina e aprendemos sempre. É importantíssima a transmissão do conhecimento. Para que haja essa passagem, é preciso existir a freqüência nos rituais. Como é que alguém que não freqüenta uma cerimônia de **Borí** quer saber as cantigas? E também é preciso que as tarefas sejam revezadas: hoje um grupo de Filhas vai à cozinha, amanhã permanece junto à **Ìyáloriṣa** e assim por diante.

Necessário se faz que tenhamos um conhecimento amplo de tudo o que diga respeito à religião. Claro que

uns têm pendor para uma coisa, outros, para outras. Quem quer aprender a cantar, cante; a dançar, dance. Só se aprende a viver vivendo! Somos sujeitos individualizados. Cada Filho tem suas características espirituais, em decorrência do caminho que traz e **Oríša** de cabeça. Seja no que for, a perfeição deve ser perseguida. Temos que tentar “duzentos por cento” para atingir “oitenta”. Indispensável é lutar, lutar, querer fazer a coisa certa até alcançar. Só pega peixe quem está na beira do ribeirão. Façamos nossa parte. O comodismo é repulsivo. A omissão, fruto da covardia com a maldade, é comissiva. Façamos o que nos cabe com serenidade. Ninguém agrada a todos. Isso não existe! Tentativa e tentação são inseparáveis. Continuemos tentando, caindo e levantando, sabendo diferenciar as coisas da vida. Nossa condição de seres especiais extrapola a própria individualidade. Se a **Ìyá**, por exemplo, começa a fazer discursos levianos, a omitir-se maldosamente, por covardia ou comodismo, maculará, com certeza, o **oyè** que recebeu, o que é um tremendo desrespeito à memória de todas as **Ìyá** ancestrais, um desrespeito aos mais velhos e mais moços e, pior, à religião como um todo. Antes a renúncia digna, por incapacidade, ou falta “de pulso”, que discursos e ações indignos. É fundamental que todo e qualquer **Olóyè** saiba a importância histórica de seu posto, as grandes responsabilidades e sacrifícios que o esperam.

Num **Borí** existem práticas que passam despercebidas para o **Olóriša** que dificilmente está presente. Por isso

não adianta ter muito tempo de Iniciação, se deixa escapar certos detalhes. São awo que só vendo para aprender. Nem sempre “antiguidade é posto”, como as pessoas gostam de dizer. O culto aos Oríṣa só se aprende participando. Mas também de nada adianta participar apenas para aprender. A pessoa tem que se doar. Participar por fé é diferente de participar por curiosidade. Quem participa por curiosidade pode até adquirir conhecimento, mas não recebe o principal, Àṣẹ. Candomblé é uma religião de experiência, só se aprende vivendo.

Num Ilẹ̀ Àṣẹ se deve aprender de tudo. Existe Olóriṣa que, talvez por falsa humildade, diz: para que saber isso, não quero ser Mãe-de-Santo. Errado! Temos que aprender sim, mas sem nenhuma pretensão. O dia de amanhã não nos pertence. Quando somos Ẹlẹ̀sẹ̀ Oríṣa devemos estar preparados para atender ao chamado do Oríṣa. E nunca sabemos quando e para que serviço o Oríṣa vai nos solicitar!

ÀṢÈSÉ

VIDA, MORTE, TRANSFORMAÇÃO

Ao longo destas páginas falamos sobre o Filho-de-Santo, no sentido estrito e amplo. Vamos comentar algumas coisas sobre a morte, já que nascimento espiritual e morte são convergentes.

Conta a tradição Yorubá que um Grande Ọḍẹ, Chefe de uma linhagem Ilustre de caçadores e pai ancestral

dos **Qde**, tomou uma meninazinha para criar. De tão ligeira, esperta e alegre que era a criança, recebeu do Caçador o nome de **Qya**. Este **Olú Qde** era chamado **Odùlékè**. O predestinado a ser superior era o Senhor de Terras **Ketu**. A filha adotiva, **Qya**, vinha de outras plagas: era natural de **Irá**, região **Nupe**. Apesar de estrangeira, ela era a menina predileta do velho Caçador, passando a ser respeitada. O **Olú Qde** era casado com **Qsun**, sua **Àyaba** e madrasta de **Qya**.

A criança cresceu, transformando-se numa jovem charmosa, inteligente, a própria imagem da alegria. Sua voz, de tão sonora, confundia-se com o som dos pássaros, fazendo a velhice do poderoso Chefe mais doce. Por todos os cantos da Casa de **Odùlékè** se espalhava seu canto e riso. A jovem era ativa, voluntariosa e temperamental ao extremo, mas generosa, justa e dedicada ao Velho Caçador, seu pai. Com Ele aprendeu as manhas da caça e as artes de feitiçaria. **Olú Qde** era um famoso feiticeiro versado nas artes da cura. Alegre, sagaz, de atitudes ousadas, nem tanto refletidas, a jovem era a “menina dos olhos” do Chefe Caçador.

Velho, alquebrado, a morte subitamente levou **Odùlékè**. **Qya**, de coração partido, resolveu prestar ao generoso pai a melhor homenagem possível. Para tanto, reuniu os pertences de caça de **Olú Qde**, enrolando-os num pano por ela bordado. Preparou as iguarias prediletas do **Nla Qde**, após ter convidado todos os Chefes Caçadores, dançou e cantou, por sete dias, carregando na cabeça os pertences de caça tão importantes,

em vida, para **Odùlékè**. O vento, elemento mágico da jovem de **Irá**, levou aos sete cantos sua voz, trazendo, de todas as regiões, multidões de caçadores. Ao fim da sétima noite, **Ọya** acompanhada pelos **Ọdẹ**, foi depositar as ferramentas de caça de **Odùlékè** nas profundas matas, ao pé de uma árvore sagrada. O pássaro **agbè**, de penas azuis e brilhantes, deixou o galho da árvore, voando para o firmamento. **Ọlọrum**, emocionado, concedeu a **Ọya** o poder de transportar os recém-nascidos numa outra vida, os espíritos, do **Àiyé** para o **Ọrun**, transformando o **Olú Ọdẹ** em **Oríša** e **Ọya** na mãe dos espaços sagrados. Ela retornou a **Irá**, sentando-se no trono que lhe era de direito. Estava criada a cerimônia do **Àjẹjé**, “a vigília do caçador”. O referido ato fúnebre era inicialmente praticado apenas para caçadores. Com o tempo, estendeu-se a todos os homens e mulheres, recebendo o nome (talvez por corruptela lingüística) de **Àșèșé**. Ritual religioso indispensável para todo e qualquer **Adoșu** e **Olóyè**. — **Heepa hei! Ki lè nfi Ọya pè.**

No início da cerimônia do **Àșèșé** há uma cantiga (sempre dançada pela **Ìyáloríša**) que nos faz pensar sobre a história do **Olú Ọdẹ** e **Ọya**, lembrando-nos os antigos **Àșèșé**, em honra aos caçadores mortos. Se o **Olóriša** for um **Ègbón**, a cerimônia dura sete dias (em nossa Casa, seis noites e o arremate, no dia seguinte). Caso contrário, três noites. O mesmo vale para **Olóyè**.

Se for **Àgba**, o **Àșèșé** dura sete dias. Poderá ser apenas um dia, se dedicado a **Adoșu Iyawó**, sem “Obri-

gações” de três anos. A cerimônia do *Àṣṣèṣè* principia pelo *Ìpadé* fúnebre, ligeiramente diferenciado dos demais. O Filho-de-Santo só deverá sentar-se (depois do *Ìpadé*) em sua hora, pelo tempo de Iniciação, já que as danças são individuais, de acordo com a senioridade iniciática. Enquanto o mais velho estiver prestando, pela dança, homenagens ao recém-nascido numa outra vida, o *Àbúrò* tem de permanecer em pé, em atitude de respeito e reverência. Quando a Mãe-de-Santo ou *Ojubona* do *Olóriṣa*, estiver dançando, este é obrigado a ajoelhar-se numa esteira, independentemente de seu tempo de Iniciação e grau hierárquico. As pessoas devem cobrir as cabeças: torsos para as mulheres e fila para os membros do sexo masculino. As mulheres se enrolam com os panos-da-costa, cobrindo o pescoço. A roupa tem necessariamente de ser de morim, alva e discreta. Nada de outros tecidos para a mencionada cerimônia, sempre o morim.

A tradição nos diz que a pessoa que participar do primeiro dia de *Àṣṣèṣè* deve acompanhar os demais. Aquele que for ao último dia é obrigado a permanecer para o “arremate”. Só se deixa o recinto em caso de extrema necessidade. E é importante que os Filhos-de-Santo tenham conhecimentos de toques, danças e cânticos de *Àṣṣèṣè* das outras nações. O *Àṣṣèṣè* é chamado de “*Sirrum*” no *Jeje-Mahi*. No *Jeje-Mina*, do Maranhão, é também chamado de “*Sirrum*”, “*Tāmbor-de-Choro*” e “*Zelim*”. No *Jeje-Mahi* também é conhecido por “*Zerim*”, ou “*Azerim*”. A denominação *Angójá-Conguense* é

“*Sigum*”, “*Camucondo*”, “*Mucondo*” e “*Zerim*”, uma possível assimilação da nação *Jeje*. Existe uma grande união entre os povos *Banto* e *Jeje*, em questões de rituais. É necessário entendermos, pelo menos um pouco, sobre as outras nações, já que na cerimônia do *Àṣṣèṣé* louvamos os ancestrais de todos os tempos e nações. Costuma-se dizer que “*Egún* não tem bandeira”.

Dadas as ligações de Mãe Senhora com o *Ilê Baba Agboula* (Casa de Culto aos *Egúngun*, localizada em Amoreira, Itaparica), onde ocupava o importante *oyè* de *Ìyá Egbé*, as “Obrigações” de *Àṣṣèṣé* no *Àṣṣé* são auxiliadas pelos *Olóyè* — Sacerdotes do Culto de *Egúngun*, como todos vocês sabem. Daí, determinadas “Obrigações” serem feitas no *Ilê Ibo Ikú* e não no local onde se dança o *Àṣṣèṣé*. Melhor até, “o que os olhos não vêem, o coração não sente”. Quem já participou de um *Àṣṣèṣé* em outras Casas de nação *Ketu* sabe a que me refiro. Muitos perguntam por que a participação dos *Olóyè*. Respondo, porque são especialistas no trato com a morte. O trabalho dos referidos Sacerdotes é de uma responsabilidade imensa. Sob os auspícios de *Ọya*, convocam e transportam o espírito para o *Ọrun*.

O *Àṣṣèṣé*, apesar de ser cerimônia fúnebre, de passagem, não deixa de ser uma celebração a uma nova vida. Morte não é fim, mas princípio, transformação, o que não nos retira o sentimento de perda do ente amado, humanos que somos. O *Àṣṣèṣé* traduz a essência do *Àjèjé* do *Olú Ọḍe*: morte, transformação, renascimento.

Por tratar-se de uma cerimônia de passagem, o instrumento de percussão utilizado é a cabaça. Quando um **Olóriṣa** nasce para a vida espiritual, no **Àiyé**, o ato é comemorado ao toque dos **Ìlu**. Durante o **Àṣṣèṣé**, por cabaças. No arremate o som vem dos **Ìlu**. O ciclo já está completo: atingida a finalidade.

SOBRE ALGUNS DETALHES

ÉWỌ

Existem as famosas quizilas (ou quizilias), palavra quimbundo incorporada no “português brasileiro”. Em nossa religião, de origem **Yorubá**, costuma-se dizer **éwọ**. O **éwọ** é a proibição, não só no que diz respeito a comportamentos, como também à alimentação. Filhos de determinada Casa não podem comer abóbora; pessoas que trazem determinado caminho são proibidas de comer quiabo; outras, de usar roupas berrantes, ou de determinados padrões; há pessoas que não devem freqüentar ambientes com muita gente; comprar briga dos outros e assim por diante.

A maioria das pessoas pensa que a transgressão do **éwọ** traz um prejuízo imediato, de ordem física. Isso é ingenuidade! Antes a resposta rápida para o transgressor — o mal-estar físico! Alguém que não possa comer determinada comida, às vezes come com delícia e “tudo bem”, a digestão é ótima. Não acontece coisa alguma. E o Filho passa a achar que o **éwọ** é superstição, produto da fobia de velhas ignorantes. As

conseqüências espirituais são terríveis, irreversíveis, na maioria dos casos. A vida do **Olóriṣa** começa a ficar complicada, surgem angústias, atrapalhões de cabeça, falta de sentido nas coisas e aí vem as célebres frases: “Fiz minha “Obrigação”, vou ao **Àṣẹ**, faço meus **Òṣẹ**, participo das festas e não paro no emprego, sinto-me doente”, etc., etc., etc. Ou então: “O **Oríṣa** não me ajuda... Não dou sorte na vida... Meu irmão tem o mesmo Santo que eu, o mesmo caminho e para ele as coisas são diferentes, será que fizeram alguma coisa para mim?...” E mais: “Será que fizeram minha “Obrigação” errado? Vai ver que faltou alguma folha... Minha Mãe-de-Santo nunca tem tempo para me dar atenção... Bem que **Èḡbómí** fulano tem razão... Acho que vou consultar o Pai Beltrano...” Ora, ora, ora...

Felizes os que sofrem conseqüências físicas. Para a ignorância existe o perdão, o que não acontece é quando o **éwò** é quebrado por “auto-suficiência” ou por rebeldia do **Omo-Oríṣa**. Nosso procedimento tem de ser limpo, reto, respeitoso. Mais uma vez eu ressalto a importância dos **Ojubona** e mais velhos, no papel de orientadores.

Mãe Aninha delegava a educação direta das **Iyawó** às **Olójè**, as quais, salvo ilustres exceções, eram as **Àḡba** do Terreiro. Se o novato errasse ou procedesse em desacordo às normas e tradições, a experiente **Ìyáloríṣa** repreendia, com veemência, a responsável pela educação do Filho. Isso é hierarquia. Se o batalhão é comandado pelo Major, o General o repreende, caso os subordinados não se comportem segundo os padrões.

A **Ojubona** é a mãe-criadeira, pessoa escolhida pela **Ìyáloriṣa** (sendo a escolha referendada por **Ṣàngó**). A **Ìyá** não impõe sua vontade ao Senhor deste **Àṣẹ**. **Ṣàngó** é quem indica o responsável por qualquer ato religioso, a começar da **Ìyálàṣẹ**, a zeladora de sua Casa. Pessoas responsáveis, serenas, de bom caráter, dispostas a transmitir e receber ensinamentos, acatam sua escolha para determinada função, com disciplina. Existe a compreensão — de que **Ṣàngó** é quem manda e não gosta de ser contrariado em suas decisões. Qualquer falha poderá ser motivo para sua ira: terrível e temida. Assim, a escolha da **Ojubona** é feita de maneira meticulosa. Há vezes em que aponto o nome de determinada pessoa e este é recusado, ainda que contra a minha vontade.

Os insatisfeitos vivem dizendo: “Em meu tempo era diferente...” Os **Iyawó** de hoje metem vergonha... Ai de mim se minha Mãe-de-Santo espirrasse e eu não lhe tomasse a bença”. Esses personagens se esquecem de que estão vivos, seu tempo é presente. Por isto eu digo: MEU TEMPO É AGORA! Por que estas mais velhas, tão repressoras, não passam o conhecimento que têm? Por que não ensinar os procedimentos aos **Àbúrò**? Agindo assim estão admitindo, por seu discurso, que em seu tempo de **Iyawó** as então **Ègbón** eram pessoas de boa vontade ou detentoras de um maior conhecimento da religião dos **Oríṣa** do que elas próprias. Vivemos o tempo presente, nosso tempo é hoje, já, agora! Só pode falar “em meu tempo” alguém que

já não mais faça parte deste tempo, que já atravessou a porteira do tempo. Quem está vivo é deste tempo: de agora! E quem critica é porque conhece, mas não ensina. Deixemos o egoísmo de lado e tratemos de transmitir conhecimento como maneira de conservar o Candomblé “por todos os tempos”.

Conforme dissera, as **Ojubona** zelam pelos Filhos-de-Santo. Nada mais sublime que a Mãe-Pequena consciente de sua importante função de criadeira! Nada mais gratificante que a compreensão do Filho-Pequeno para com a **Ojubona**, principalmente quando a condição de mestra é evidente.

Um dia desses, uma **Olòṣun** me procurou querendo me falar sobre sua Mãe-Pequena. Contou-me que, em plena festa (Barracão lotado), a **Ojubona**, atravessando o Barracão, ministrou-lhe determinado conhecimento, ignorado (não me lembro bem) ou esquecido pela novata. Ao me contar o caso, a **Olóriṣa** tinha lágrimas nos olhos: “Minha Mãe Stella, me senti importante... Entendo por que **Ṣàngó** a escolheu para tomar conta de mim...”

Este é um exemplo de um verdadeiro encontro: a vontade de ensinar com o desejo de aprender. Que **Ṣàngó** abençoe a todas as duas: minha filha mais velha e a **Iyawó**.

Há comportamentos singelos e valiosíssimos que a **Ojubona** transmite aos Filhos-Pequenos: toda vez que a **Iyáloriṣa** oferecer um alimento, um brinde, passar

uma reprimenda ou ensinamento ao Filho-de-Santo, espirrar, este tem de lhe pedir as bênçãos, valendo a lição, também, para os mais velhos e, em especial, para a própria Mãe-Pequena do Iniciando, falo assim porque a Iniciação dura sete anos, conforme já verificamos. Não se toma de pé, ainda que com inclinação do corpo, a bênção da **Ojubona!** Se o **Omo-Oríṣa** cumprimentar a **Ojubona** antes da **Ìyálorìṣa**, deve esta corrigi-lo, incontinentemente, ministrando-lhe os ensinamentos adequados. A primazia é da Mãe-de-Santo. Se um mais velho espirrar, o **Àbúrò** deve pedir-lhe que o abençoe. Não se recusa nada das mãos da **Ìyálorìṣa**, principalmente comida. Ao receber a guloseima ou brinde, o Filho tem que estender ambas as mãos. Não se apanha a regalia com uma só mão. Não se põe bebida alcoólica em copo de mais velhos, ainda que este ordene, principalmente se for alta personalidade no culto. A garrafa é colocada no chão, próximo ao **Ègbön**. Não se fuma na presença de pessoas mais velhas, assim como não se acende cigarro de mais velhos, não se oferece molho de pimenta a **Ègbön**, nem este deve ser recebido na mão. Facas e objetos cortantes não são dados, diretamente, nas mãos das pessoas. **obì** e **orogbo** não são recebidos, nem dados nas mãos.

Ao receber lições da **Ìyá**, **Ojubona**, **Ìyákékeré** e **Àgba**, o **Àbúrò** tem de se abaixar. A comida que sobra no prato da **Ìyálorìṣa** contém **Àṣe**, não deve ser jogada fora. Deve ser dividida entre os filhos presentes,

por aquele que retirar o prato, ainda que seja dado a um determinado **Olóriṣa**. É uma forma de dividir o **Àṣẹ** e, assim, fortalecer a irmandade. O Filho-Pequeno também se responsabiliza pela mala e pertences de sua **Ojubona**, devendo recolher seus sapatos ou sandálias, quando necessário (e ninguém ignora o que quero dizer). Para o Filho-Pequeno, em matéria de hierarquia, a **Ojubona** só está aquém da **Ìyálàṣẹ** da Casa e da **Ìyákékeré**. Sua palavra é lei. Errado o Filho que, para agradar alguém mais velho que a própria Mãe-Pequena, não siga os seus ensinamentos (mas isto tem limites). E mais errado é o mais velho que ensina o **Àbúrò** a ser errado.

O éwò è um dos sustentáculos da nossa religião.

MULTA

A tradição de uma Casa tem que ser mantida na sua base. A tradição de um **Ilẹ̀ Àṣẹ** é que faz a sua história, por isso devemos segurá-la. Às vezes temos que atualizar alguns detalhes de acordo com o tempo, mas outros existem cuja manutenção é imprescindível. Tal é o famoso caso das multas, que é uma forma interessante de chamar a atenção e cobrar um procedimento correto, ou, melhor dizendo, adequado à comunidade e aos preceitos religiosos. O procedimento que chamamos de multa é uma forma de alertar para o erro cometido e cobrarmos, de forma alegre, o procedimento adequado. Exemplo: em todas as sextas-feiras e nos

dezesseis dias da cerimônia consagrada a **Oṣala** — **Águas de Oṣala** — quem entrar no Terreiro com roupa colorida terá deitado aos seus pés um grupo de **Àyaba**. Este instituirá a multa, que pode ser uma galinha ou um outro presente para **Oṣala**. Nesse momento, se a pessoa não tiver condições financeiras necessárias para assumir, sozinha, o pagamento da multa, as pessoas de **Oríṣa Okunrin** ajudam no pagamento, o qual poderá ser também em dinheiro, ou até mesmo em serviço. Cobrança de multa é atividade exclusiva de **Àyaba!** Estas só se levantam, atitude que demonstra que o “prisioneiro” já pode ser libertado, após o mesmo pagar a multa instituída, ou se comprometer em pagá-la. Na nossa religião “promessa é dívida”. Aí, então, as **Àyaba** cantam, dançam, ou fazem uma “presepada” qualquer em agradecimento. Afinal, é um momento de alegria.

A multa é uma maneira alegre de educar. É uma brincadeira educativa, mas é acima de tudo uma brincadeira. O bom humor purifica a alma e sintoniza o Filho com o seu **Oríṣa**. Aí está o seu grande fundamento. A nossa religião é considerada lúdica por muitos detalhes: Cantamos, dançamos e comemos em momentos marcantes da nossa vida religiosa: no nascimento do **Oríṣa**, isto é, na Iniciação do seu Filho, em Casamento, morte (Ritual de **Àṣṣèṣé**) e em outras ocasiões, como é o caso cotidiano das multas.

Cito alguns comportamentos que levam as **Àyaba** a se deitarem no chão para multar alguém: um Filho-de-

Santo que pertence a um **Oríṣa** feminino não poderá colocar contas atravessadas no pescoço, em hipótese nenhuma. Servir mesa, arrumar flores, carregar buquê de flores, esteira de baixo do braço, fazer cama de **Borí**, deitar como sereia, colocar flor no cabelo... são comportamentos para **Àyaba**. Se uma pessoa de **Oríṣa Okunrin** fizer algumas dessas atividades, será multada. E não tem exceção. Não existem desculpas. Como a de dizer que o Filho-de-Santo é de **Oṣala** e não se multa pai, ou que Mãe-de-Santo está livre das multas. Errou, tem que pagar! Esta é uma lei nossa, e como toda lei deve ser cumprida por qualquer um. Eu mesma, já na condição de **Ìyáloríṣa**, só por brincadeira, coloquei uma flor no cabelo (na verdade, eu queria manter a tradição das multas) e as **Àyaba** não tiveram cerimônia, simplesmente me multaram. Por sorte, ou por prevenção (já que o caso foi estudado), eu tinha dinheiro em mãos e joguei no chão para elas, que logo o recolheram para depois pularem de alegria. Meu caso foi proposital, mas **Ọba** antigos da Casa já foram multados por displicência. Carybé, por exemplo, esqueceu que estava no ciclo de **Oṣala** e acostumado a usar vermelho, a cor de **Ṣàngó**, apareceu no **Àṣẹ** com uma camisa nesta cor. Foi multado e, é claro, pagou a multa: uma cabra para **Oṣala**.

Na hora da refeição, **Omo-Oríṣa Okunrin** tem direito a comer o peito, a coxa, enfim, a carne do animal. O Filho-de-Santo de **Oríṣa** masculino pode, inclusive, tomar do prato de uma **Àyaba** (com delica-

deza e bom humor, é claro) a carne e entregar a ela a carcaça. Se a **Àyaba** recusar, poderá ser multada por outras **Àyaba**.

Olóriṣa Okunrin é multado quando usa brinco, exceto os Filhos-de-**Ṣàngó** e **Oṣala**.

A multa, como falei, é uma espécie de técnica educativa, que precisa ser adaptada aos tempos. Hoje, por exemplo, já existe a multa para as pessoas que ficam com celular ligado dentro da Casa do **Oríṣa**. Esta multa é nova pelas razões óbvias. Mas outras já deixaram de ser necessárias, como é o caso da multa cobrada, antigamente, às mulheres que colocavam dinheiro no prato dos tocadores. Ato que tem o objetivo de estimular os tocadores, para que estes animem melhor a festa. Não temos quizila e muito menos idolatramos o dinheiro, ele é a parte material da principal Lei Universal que tanto é seguida no Candomblé: a Lei da Troca. No passado, o fato de mulher ser proibida de estimular financeiramente os **Alabê** era exigido para evitar constrangimentos para os homens, pois naquela época não era comum mulher desembolsar dinheiro na presença masculina. Por falar neste tema, relembro que em tempos atrás, no intervalo em que os **Oríṣa** vão vestir sua indumentária própria, as **Àyaba** dançavam e os visitantes colocavam dinheiro dentro do pano-da-costa usado por elas.

Temo que uma tradição com tanto fundamento e tão necessária para a manutenção da ordem no Terreiro se

perca totalmente. Pois um pouco dela já está se perdendo. É comum se ver no Ilê Àṣẹ pessoas de Ògún, Òṣósi, Ọmọlu, usando brinco e ninguém dá atenção, ou pior, tem medo de multar e criar uma confusão. Que pena, o que antes era motivo de riso, hoje é motivo de briga. Por isso, tudo farei para que este pequeno, mais valioso “ritual”, não se perca (pelo menos na nossa Casa). Afinal, a violência externa não pode chegar até ao nosso interior.

MODOS E COSTUMES

Vou falar alguma coisa sobre os deveres do Filho ao chegar no Àșe, com a certeza de que muitos sabem os procedimentos. Como proceder ao chegar ao Terreiro? Deve logo entrar no quarto de Șàngó? Ou ir ver a Ìyálorișa para as saudações costumeiras? Não! O ambiente de um Ilê Àșe é sagrado. Ao sairmos de casa para o Àșe nosso corpo e nossa alma devem estar cientes do ambiente em que se vai penetrar. Ao chegar no Àșe, o Filho tem que descansar o “pó da estrada”. A primeira coisa a ser feita é tomar um banho de folhas, vestir-se adequadamente (pois a roupa é ritualística) e, depois, cumprimentar Șàngó. Estando então revigorado, deverá saudar os mais velhos, a começar pela Mãe-de-Santo e demais autoridades presentes.

Sempre há de encontrar, pelo caminho, alguns mais velhos antes de estar preparado para os cumprimentos. Na tentativa de evitar mal-entendidos, não custa nada esclarecer que ainda não saudou Șàngó e a Ìyálorișa (não é mais fácil agir assim?). Isso tudo com a cabe-

ça baixa, sorriso nos lábios, boas maneiras, atraindo simpatias. Após os cumprimentos (**foríbalé** para a Mãe-de-Santo, a **Ìyákékeré** e a **Ojubona**), passa-se a pedir as bênçãos para os demais, com ligeira curvatura do corpo em se tratando de **Àgba**, **Ègbón** e **Olóyè**. Só se cumprimenta alguém completamente de pé e de cabeça alta, em igualdade de condição hierárquica: **Abiyan** com **Abiyan**, **Iyawó** para **Iyawó**, as **Ègbón** de um mesmo período de Iniciação, **Olóyè** para **Olóyè**. Enfim, os iguais trocam saudações, o que não ocorre se houver diferenciação hierárquica, salvo se o **Àbúrò** for **Olóyè**.

Muitos querem saber como é que se toma a bênção. A preocupação é justa. Quando falei sobre minha gestão, no primeiro capítulo, deixei claro que modificações para melhor, de acordo com as bases, conservando-se a essência, devem ser feitas. Uma delas é o cumprimento ritual em língua portuguesa, o que é estranho, haja vista o uso difundido do **Yorubá** litúrgico. Instituí o pedido de “**Súre fún mi**”, como saudação de vocês, meus filhos, para mim. Nenhum de vocês ignora a resposta é “**Qdẹ Súre fun o**”. Muitos de vocês criticaram, com total razão, a saudação para os demais em português. Por isso propus que dissessem aos mais velhos e iguais: “**Motumbá**”; a resposta é “**Motumbá Àşẹ**”. A saudação em **Yorubá** é perfeita e de acordo com nossa cultura e tradição.

Pude perceber o espanto de reacionários, que não desconhecem, e por isto é triste, o que significa “**Mo-**

tumbá mi". Estes dizem: "Aqui se diz a *bença*"... ora, ora, ora, se fosse por aí não usaríamos água encanada, luz elétrica, as Casas de **Oríṣa** seriam de taipa, moinho... Aprendo, também, com os mais novos. A troca de idéias é tudo. Ninguém sabe tanto a ponto de dispensar debates sadios. Por que os reacionários não passam suas roupas com ferro a carvão? Saudações fazem parte de nossos deveres e direitos. O pedido de bênçãos, no mesmo instante que é dever, torna-se um direito. O **Àbúrò** tem o dever de tomá-la e o direito de ser abençoado; o mais velho, o direito de recebê-la e abençoar o mais novo com dignidade. A troca de pedidos de bênçãos é regra e uma ordem minha neste **Àṣẹ**. Há **Àbúrò** (**Iyawó**, inclusive, de meses de Início) que passam pelo **Ègbón** e quando muito, dizem: "oi, Nani, como vai?", dispensando, por conta e risco, a saudação necessária. Isto ocorre por antipatia ou qualquer outra razão. Que fazer com esse tipo de gente?... Nada! Não merece a minha atenção (até porque, parece que é isto exatamente o que querem: chamar a atenção). **Mas há Ègbón que não trocam a bênção com o seu mais novo. Só ele perde com isso: perde de ser abençoado.**

Aqui não adoto repressões, castigos violentos, bate boca. Os tempos são outros. "Quem semeia vento, colhe tempestade" diz o ditado. Um **Iyawó** tem de tomar as bênçãos a TODOS os mais velhos. Nossa condição de irmãos poderia tornar a coisa mais tranqüila. Castigos violentos não são admitidos, mas as reclama-

ções que visem orientar os mais novos são sempre bem vistas por mim. Acontece que, com a mudança nas relações da sociedade em geral, as relações hierárquicas no Àṣẹ também estão mudando: o novato não aceita as reclamações dos mais velhos e estes, em represália, não gostam mais de orientá-los. Mudanças são necessárias, mas sem perda de essência. O Candomblé é uma religião baseada na hierarquia. Quanto mais velha a pessoa é, tanto de idade quanto de Oríṣa, mais Àṣẹ ela possui. Por isso, quando um mais novo ouve uma reclamação de um mais velho deve, simplesmente, ouvir calado e em seguida pedir a benção. Caso a reclamação seja injusta, o mais velho pode ser procurado depois para receber as devidas explicações sobre o fato (nunca no mesmo momento da reclamação).

Nós, Ìyáloríṣa, a partir da segunda desta Casa, somos irmãs-mães. A irmã, ao tomar a responsabilidade de mãe, fica solitária, anda na corda bamba, apoiando-se no cajado de Oṣala, defendendo-se com o arco de Ọḍẹ, dormindo sob a capa de Ṣàngó e, assim, vai vencendo as adversidades. Sentiram vocês o drama daquele que não quer saudar o Ègbón, levando tudo por conta de suas emoções? Deve sentir-se infeliz por não ser abençoado e, também, por não se fazer notar por mim.

O Oríṣa paira acima de qualquer mesquinharia. Existem vezes em que a Ìyáloríṣa quer seguir determinado caminho e não pode, tem que retroceder, curvando-se à Vontade do Supremo. Se a Mãe-de-Santo fosse agir somente a favor de seus sentimentos, o que ocorreria

com o Àṣẹ? Ela é instrumento do **Oríṣa**, a mensageira e porta-voz. Aqui tudo é manifestação da Vontade de **Şàngó**, o Soberano. O que me causa espanto, confesso, é a ingenuidade daqueles que misturam tudo, querendo ser “mais reais do que o Rei”.

Os que permanecem dentro de nossos muros é por Vontade de **Şàngó**. São seus filhos; todos irmãos. Não se troca a forma pelo conteúdo. A fé há de ser inabalável, sólida. Caímos algumas vezes, isto é da condição humana, como é também tentar levantar. Somos importantes para o Àṣẹ, cada qual com a sua função e caminho.

Após as saudações rituais, o **Olóriṣa** deve procurar algo com que se ocupar, ajudando no atendimento às pessoas que nos procuram em busca de auxílio espiritual. Varrer a Casa, verificar o que precisa ser feito, ser disponível, demonstrar boa vontade. É só freqüentando a Roça que se aprende sobre a religião. E se aprende no desempenho das tarefas mais singelas. Coisa mais triste é o **Omo-Oríṣa** ausente, de tanto tempo de Iniciado e tão pouco saber. Como diz Detinha: “Tão grande a bata e tão grande a burrice”.

O saber sentar-se é necessário. Não deve sentar-se em igualdade de condições e mesma altura que um irmão hierarquicamente superior, em especial se for um **Ègbón**, **Olóyè** ou a **Ojubona**. Se esta estiver sentada em cadeira, o filho terá de se abaixar quando estiver ao seu lado. A cadeira, na religião, indica “status”.

Tem direito a sentar-se em cadeira o Olóyè (no Baracão) e Àgba (Ègbón "novas" devem sentar-se em bancos). Não fica bem o Ègbón sentar-se na esteira junto com um Iyawó. Isto não é incentivo, ao contrário, é confusão. Se o irmão mais velho fizer valer a condição de Ègbón, estará incentivando o Àbúrò. Quando este alcançar o estado de Ègbón, se sentirá promovido, diplomado. Isto é hierarquia! Saber ser mais velho, mas com simplicidade.

Nascemos, somos alimentados, engatinhamos, andamos, corremos, dirigimos veículos... Tudo em seu tempo. Às vezes, vejo Ègbón sentadas em esteiras junto aos Àbúrò-Iyawó (até Abiyan) e me questiono se sabem o que estão fazendo. Isto não é humildade, mas falta de conhecimento da hierarquia. E depois reclamam se não são respeitadas. Como podem, se não se colocam em seu devido lugar? Sempre há alguém mais velho que o outro. Saber ser mais velho é fundamental para a religião, pois o mais moço precisa ter um exemplo a seguir. Detesto o comodismo! Se aprendi é porque me transmitiram conhecimentos, com palavras e ações. Há mais novos insubordinados e mais velhos responsáveis pela insubordinação.

O tratamento do Iyawó para o Ègbón é "Ègbómi Fulano", e não fulano. Só o igual se trata como igual. Caso contrário, o tratamento formal se impõe. O Filho que tenha que passar entre duas pessoas deve pedir licença, inclinando-se e dizendo, "àgò". Vivemos uma vida diferenciada aqui. E digo por experiência própria:

o **Àbùrò** gosta de ser orientado, de sentir segurança e afeto, de se lembrar do mais velho quando estiver sendo mais velho para seu **Àbùrò**. **Iyawó** só deve dar opiniões públicas na frente de seus **Ègbón** quando solicitado. É constrangedor o **Iyawó** sabido, tirado a conhecedor. O tempo é o maior mestre. Não se volta para trás na estrada da vida. Por isso, ocorrem os grandes arrependimentos, sem retorno.

O **Omo-Oríṣa** tem que saber comer, principalmente nas festividades de calendário, ocasiões de cafés e almoços comunitários. O Filho se responsabiliza por sua alimentação, enquanto estiver nas dependências da Roça, devendo ajudar os irmãos de menores recursos financeiros. Alguns **Olóriṣa** têm aposentos próprios no Terreiro. Outros se utilizam da cozinha de **Şàngó** e **Oşala**. Após o uso dessas dependências coletivas, devem lavar a louça e guardá-la; limpar o fogão, que se destina ao preparo da comida dos **Oríṣa**; procurar saber quanto custa o gás. A pia tem que ficar impecável, recebendo os cuidados devidos.

Os Filhos-de-Santo se responsabilizam em igualdade de condições pelas Casas de **Şàngó** e **Oşala**, por motivos que dispensam comentários. Nos dias de **Òsè** só é permitido comer após o “oferecimento” do mesmo. O Filho deve levantar-se antes do nascer do sol, tomar banho e, convenientemente trajado, dirigir-se à Casa do **Oríṣa**, levando o balde e demais apetrechos usuais. Tem permissão para beber água, ou um **èkọ**, se não puder permanecer em jejum por algum tempo.

O sentido maior é a comunhão com o Oríṣa. É o momento em que se vai receber Àṣẹ. Ter comido, antes, quebra esta força. **O silêncio é obrigatório, para que não se corra o risco de, ao invés de ganhar, perder Àṣẹ.**

O referido procedimento para Òṣẹ também deve ser seguido à risca em dias de Ètutu. Esta é a razão dos cafés da manhã comunitários que acontecem depois dos rituais. É uma forma de confraternização e também de facilitar a vida dos que estarão trabalhando na cozinha. Torna-se importante, a presença dos Filhos nesta refeição comunitária. A ausência deles descaracteriza o espírito de confraternização e celebração. É um dos poucos momentos que temos tempo para ficarmos juntos, de forma descontraída. Nessas refeições a hierarquia é também relevante, porém um pouco mais descontraída. Participam da mesa, junto a Ìyáloríṣa, Àgba, Olóyè Adoṣu (ou não), as Ègbón, e convidados. Em seguida, os demais Filhos, pelo tempo de Iniciação. Há vezes em que convido qualquer Filho, independente da sua condição hierárquica, para sentar-se à mesa. Mas este não deve achar-se no direito de sentar-se à mesa outro dia, sem ser convidado. Bom seria se existisse uma mesa gigante que abrigasse todo o Ègbẹ.

As Àyaba são encarregadas de servir os presentes, principalmente Àyaba mulher. Como falei anteriormente, há tarefas privativas de Filhos de Oríṣa Okunrin; outras, de Olóriṣa Obirin. Independente do

Oríṣa a que o Filho esteja vinculado, há tarefas específicas para mulheres (encarregar-se, por exemplo, da comida dos **Oríṣa**) e tarefas específicas de homens, como desempenhar trabalhos pesados, a exemplo da faxina do Barracão e arrumação e limpeza do Terreiro, trato dos jardins, escolha de folhas para os rituais e tarefas que dependam do uso do pilão e do moinho.

Os presentes devem servir-se com fartura, mas com parcimônia. A refeição é para ser consumida no local de confraternização, por pessoas que lá se encontram. Estou sendo clara?

Durante a festa do **Oríṣa**, à noite, é feita a distribuição da comida ritual, dando-se preferência às visitas, destacando-se personalidades de outros Terreiros, que nos honrem. Depois destas, a refeição é servida para as famílias dos **Ọba** e **Ọgá**, seus convidados e demais membros da comunidade, que já desfrutaram o prazer de outras refeições, naquele mesmo dia, com os irmãos e a **Ìyáloríṣa**. Ao serem servidos os alimentos, durante as festividades, os membros do **Ẹgbé** deverão abster-se de recebê-los logo, dando prioridade às visitas. A **Ìyáloríṣa**, por ser a anfitriã e a representante de **Şàngó**, tem de ser servida em primeiro lugar.

A maneira como recebemos um visitante se transforma num cartão de visitas. Alguns de vocês comentam comigo a acolhida magnífica que recebem em outros **Àṣẹ**, precisamos retribuir com a mesma honra. Nossa religião é uma só. Todos somos irmãos.

Nos dias de festas deve ser totalmente evitado o excesso de bebidas alcoólicas. É desnecessário dizer que os Filhos dos **Oríṣa** homenageados estão de preceito, não podem ingerir álcool. O bom andamento dos rituais depende do comportamento coeso dos **Olóṣiṣa**, respeito mútuo e concentração.

Abiyan e **Iyawó** devem comportar-se, nos recintos públicos, em especial nas festas, com **discrissão e vista baixa**, sem olhar diretamente para os demais, em especial seus convidados. Devem abaixar o corpo toda vez que passarem pela Cadeira da **Ìyáloríṣa**. O **Iyawó** deve ensinar seus **Àbúrò**, sempre atento para os ensinamentos dos mais velhos. Deve transmitir conhecimentos com serenidade e equilíbrio. Sempre tenho o maior cuidado com isso. Não me altero com vocês. Portanto, não permito que se alterem uns com os outros. Para que eu fale de maneira mais ríspida é preciso que algo muito grave aconteça, às vezes não há retorno. Não admito, nem admitirei que vocês tratem seus mais novos com desrespeito. Saibam ser os mais velhos! Transmitindo conhecimentos é que se aprende. É lamentável um **Iyawó** isolado dos demais, em virtude de seu comportamento reprovável, em desacordo às condições de **Adoṣu**. O novato é sempre novato na religião e tem que aprender o "bê-á-bá". A hierarquia e a disciplina têm que ser mantidas. O respeito aos **Àgba** é a essência da cultura dos **Yorubá**; as mesuras, saudações rituais, etc. Quem ama o **Àṣẹ** deve evitar que pereça. Somos responsáveis por nossos atos.

O Barracão de festas rituais é local sagrado, espaço onde temos o privilégio de louvar os **Oríṣa**, manifestados em seus Filhos. Após ter tomado seu banho e se arrumado, o **Olóriṣa** ao entrar no Barracão procura ocupar o seu devido lugar e espera a chegada da **Ìyáloriṣa**. Pessoas sem “Obrigação” de três anos se sentam em esteiras; **Iyawó** de três anos de “feita” têm autorização para sentar em bancos baixos; **Ègbón**, em bancos individuais ou do Barracão (mais altos); **Olóyè** em cadeiras. O sentar em esteira não é repressão, é disciplina. No chão, estamos próximos a **Oníle**, recebendo o seu **Àṣẹ**. Caso a pessoa **Àgba** seja **Iyawó**, pode sentar-se num banquinho. Os **Àgba** têm tratamento diferenciado em nossa cultura, uma vez que o respeito aos **Lailai** é parte do Culto. São respeitados pela idade e pela experiência que têm. Bancos são permitidos para **Ègbón** (nunca é demais tornar a dizer); cadeiras, para **Olóyè** e **Àgba-Ègbón**. As cadeiras são arrumadas no Barracão em atenção aos **Oyè** e senioridade iniciáticas.

Após a chegada da **Ìyáloriṣa**, de acordo com a hierarquia, todos cumprimentam a porta em homenagem aos ancestrais, os atabaques, a **Ìyáloriṣa** e a **Íyakékeré**, nesta ordem. É obrigatório o **foríbalẹ** para a Mãe-de-Santo, **Íyakékeré**, **Ojubona**. Não é permitida para os **Adoṣu** a saída do Barracão sem motivo relevante. Em situações de necessidade, a **Ìyáloriṣa** deve ser participada pela **Íyakékeré** ou demais autoridades.

A roda de **Şiré** é então formada. A arrumação da roda segue a hierarquia, devendo o **Aboríşa** procurar seu lugar, esquecendo-se de que tem amigos e conhecidos no Barracão. A dança é ritual. Saber dançar é um dever do **Olórişa**. Pelos movimentos da dança, repetimos passagens da vida dos **Oríşa**. Os **orin** e **oríkì** têm de estar em harmonia com o bailado. Os **Iyawó** participam o tempo todo da roda. As **Ègbón** (em especial as **Àgba**) participam em momentos importantes: Roda-de-**Şàngó**, Roda-de-**Òdùdúwà**, louvações a **Ọde**, a seu próprio **Oríşa**, etc.

A Roda de **Şàngó** é o momento supremo do **Şiré**. Todos os Iniciados devem participar da dança. O **Ègbé** feminino, sem exceção, tem de tirar o **ójá** da cabeça, colocá-lo no pescoço e dirigir-se à roda, em respeito ao Senhor do Terreiro. Os homens também descobrem a cabeça. A ausência do **Olórişa** na Roda-de-**Şàngó** só é perdoada por motivo de doença ou impossibilidade de locomoção. Vocês não ignoram o sentido desta hora ritual: o **Ara**, do Senhor de **Ọyọ** é convidado a dançar. Daí que, em todas as tradicionais Casas de Culto da Bahia, de tradição **Yorubá**, as mulheres tiram os torsos, colocam a cabeça no chão e vão participar do **oro**. O **Ègbé** deve levantar-se quando feitas saudações a **Şàngó**, **Ọde** (**Oríşa** da representante de **Şàngó**), **Yemonjá** — a mãe de todos; quando cantados **orin** ou recitados **oríkì** de grande fundamento litúrgico, como saudação a nação de **Ketu**, cântico de confraternização geral, louvação aos **Láilái**, **Olóyè**, etc. Se

a **Ìyáloriṣa** se levanta para dançar, todos têm de se erguer e homenageá-la, com as mãos estendidas. Este comportamento deve ser adotado até mesmo pelos **Olóyè**, a exemplo da **Ìyá Ègbé**. Os Filhos-de-Santo da **Ìyá**, no entanto, têm que se abaixar enquanto esta estiver dançando. Quando a **Ìyáloriṣa** estiver sentada em sua cadeira e os Filhos precisarem passar por ela, estes devem curvar-se em sinal de respeito. O respeito hierárquico é a segurança da harmonia comunitária.

Existem danças que só podem e devem ser executadas por pessoas **Àgba** ou grandes **Olóyè**. Para que o **Olóriṣa** possa distinguir essas ocasiões, é preciso que freqüente o **Àṣẹ**. Só se aprende os detalhes dessa milenar religião através da experiência vivida. Ao acabar o **Ṣiré**, o Filho-de-Santo procura ajudar no que for possível. Sempre há muito a ser feito. A ninguém é dado ignorar isso. E não é possível que o trabalho seja constantemente desempenhado pelo mesmo grupo de pessoas.

VISITAS

O Terreiro Ilê Àṣẹ̀ Òpó Àfọnjá é visitado anualmente por centenas de turistas nacionais e internacionais, que vêm em busca de um conhecimento mais abrangente da cultura afro-descendente. O Candomblé é uma religião. Uma religião iniciática que, como tal, não tem interesse em atrair curiosos. Mas, ao mesmo tempo, é uma religião aberta que não pode excluir ninguém que a procura. Quando os turistas visitam o Ilê Àṣẹ̀ Òpó Àfọnjá eles geralmente não vêm em busca de um contato com o sagrado. Eles vêm com o desejo de presenciar manifestações de transe e visualizar indumentárias exóticas. Infelizmente, a orientação inadequada dada por alguns guias-turísticos faz com que os visitantes tenham uma visão distorcida da complexidade da religião, levando-os a confundir o Candomblé com manifestação folclórica e pitoresca. Não se nega a grande importância do folclore enquanto manifestação popular, mas o Candomblé é uma religião constitucional que possui cosmologia, cosmogonia, liturgia, rituais e dogmas próprios e é assim que precisa ser conhecido.

Assim, necessário se faz:

Ampliar o conhecimento dos guias de turismo e estudantes da área, sobre a cultura afro-descendente e a religião dos **Oríxa**.

Criar uma relação responsável e direta entre as Agências de Turismo e o **Ilê Àṣẹ̀ Òpó Àfonjá**.

Capacitar os guias-turísticos para que eles possam informar aos visitantes sobre a complexidade da religião, no que diz respeito ao comportamento e vestuário, no cotidiano do Terreiro e nos rituais abertos ao público.

Introduzir o estudante de Turismo no mundo cultural e religioso do afro-descendente que tanto interessa aos turistas nacionais e internacionais.

Toda e qualquer pessoa, ao entrar em um **Àṣẹ̀** pela primeira vez, fica atordoada quanto ao procedimento a seguir. Principalmente aquelas que têm vontade de se integrar à comunidade. Aí está o “x” do problema. Um ônibus traz dezenas de turistas e os “descarrega” no Barracão de festas. O turista fica zonzinho... Chega sem maiores compromissos, cabendo ao guia-turístico e a nós a orientação sobre a postura adequada. A coisa se complica quando o turista chega de *short*, bermuda, mini blusa... (até de *biquini* com saída de praia de renda já chegou turista no **Àṣẹ̀**), trazendo gravadores,

filmadoras, máquinas fotográficas. Há inclusive aqueles que desejam participar das danças. A resolução do impasse tem que ser imediata e segura. Os **Ọgá** geralmente conseguem solucionar as questões com maestria, fazendo com que os recém-chegados entendam a seriedade da “Obrigação” realizada. No entanto, no dia-a-dia do **Àṣẹ**, surgem outras situações.

Darei alguns exemplos:

Şàngó, o dono da Casa, não gosta de vestimenta de cor preta, na verdade, nunca se deve entrar num **Ilẹ Oríṣa** com roupas pretas.

Não se penetra em Casas e quartos de **Oríṣa** sem o convite da **Ìyáloríṣa** ou **Olóyè** responsável, com poderes para isso. A intimidação do **Ilẹ Àṣẹ** é reservada aos Iniciados.

Em ocasiões de “Obrigações” iniciáticas, ou qualquer culto interno, não se permite participação de neófitos.

Os que recebem permissão para a permanência em algum tipo de “Obrigação”, a exemplo de **Ọṣẹ**, devem ficar em lugares mais afastados e não na frente de pessoas Iniciadas, membros do **Ẹgbé**. Devem procurar lugares discretos.

Todos sabem que para participar de um **Ọṣẹ**, deve-se dormir na Roça: ao acordar, antes do nascer do sol, cada qual toma seu banho,

troca adequadamente de roupa, aos moldes explicados e procura o seu devido lugar, sendo que, do despertar até o término da “Obrigação”, fala-se apenas o mínimo necessário. O silêncio é parte integrante do ritual. Comentários e discussões devem ser deixados para depois.

Pessoas não-Iniciadas não podem pegar em objetos sagrados do culto, como também segurar ou querer cuidar de alguém em transe.

A primazia do visitante está na hora de serem servidos os alimentos e distribuídas lembranças da festa, pois os donos da Casa terão seu quinhão na hora designada: primeiro as visitas.

A área reservada às visitas leigas, no Barracão, são as arquibancadas. Há um lado para os homens e outro para as senhoras, a menos que se trate de alguém convidado pela *Ìyáloriṣa* para que tenha assento em lugares destinados às famílias dos *Ọgá* e *Ọba*.

O visitante não deve prevalecer-se de desfrutar da amizade particular da Mãe-de-Santo ou algum membro do Terreiro (*Omo-Oríṣa*, *Ọgá*, *Ọba*, *Ajóíé*), “passando dos limites”. Tem de esperar o convite, sob pena de ser considerado um “penetra” e “convidado” a retirar-se.

Uma vez que um não-Iniciado queira fazer uma oferenda para determinado **Oríṣa**, deverá, antecipadamente, conversar com uma pessoa “mais velha” para que esta participe a intenção à **Ìyáloríṣa**, que, com toda a certeza, chamará o simpatizante na hora adequada.

Nos velhos tempos, muitas pessoas interessadas em obter conhecimentos conseguiam “comprar a boa vontade do Povo-de-Santo”, queimando etapas. Daí, então, a existência de livros com tantas inverdades e até certa zombaria. Tenho alguma resistência quanto à presença de pessoas estranhas pelas cercanias do **Àṣẹ**, em hora de “Obrigaçãõ”. Até mesmo em certas consultas aos búzios tenho muito cuidado para não ser traída, o que faria de mim uma traidora de minha fé e, por conseqüência, do próprio **Oríṣa**. Há pessoas que sabem ser envolventes e, infelizmente, possuem o dom da distorção do que se diz.

Nossa religião é tão forte e misteriosa que aguça a curiosidade daqueles que estão de fora. Pensam que um turbilhão de perguntas curiosas, às vezes imperinentes, é sinônimo de sabedoria. Tais caminhos são perigosos, levam a resultados funestos, verdadeiros labirintos. Dou um conselho aos visitantes e amigos do **Àṣẹ**: não perguntem, observem! Faço questão de que esta posição seja analisada por muitos, até além de nossas fronteiras.

O que mais vale num Ilê Àṣẹ é a doação, a gratuidade. Muitas pessoas de fé, com amor no coração, sem preceitos rituais cooperam com a sua energia dentro das possibilidades. Um Ilê Àṣẹ é sempre uma escola. Devemos dar gratuitamente, sem nenhuma intenção.

Primeiro se dá, para depois, às vezes muito depois, receber.

ALGUNS ASSUNTOS POLÊMICOS

Em nossa religião há assuntos polêmicos, muitas vezes evitados. Vejamos algo sobre alguns temas, que têm suscitado diferentes interpretações.

Assumi o cargo de **Ìyáloriṣa** aos cinqüenta e dois anos de vida e trinta e sete de Iniciada. Após o impacto do primeiro momento, tomei consciência do que me esperava. Minha meta principal foi manter uma boa amizade com os Filhos-de-Santo, até então meus irmãos e tão órfãos quanto eu. Procurei ser carinhosa ao máximo, já que violência gera violência. Não me dei mal. Superei, creio eu, as adversidades e consegui manter o **Àṣe** coeso. Procuo me fazer entender, mesmo em casos extremos. Uma **Ìyáloriṣa** deve ter a certeza de que não é possível agradar a todos; daí a necessidade de saber conviver com os insatisfeitos. Na medida do possível dou abertura aos Filhos, com os ouvidos abertos para críticas, aceitando-as e procurando corrigir as falhas. Somos mutáveis. Minha forma de ser é, por vezes, questionada, principalmente pelos mais velhos. Fui uma **Omo-Oríṣa** feliz. Quero passar

essa felicidade. Quando falo em abertura ou quando dizem que sou liberal demais, é porque aceito sugestões de pessoas sob minha responsabilidade: mais novas e mais velhas. Tem dado certo.

Eu tenho transmitido conhecimento e recebido ensinamentos. A inspiração de escrever *Meu Tempo é Agora* nada mais é do que aquilo que diria a cada um em separado. O Àṣẹ está crescendo. Às vezes o vento leva o que se diz, havendo a necessidade de registros. E uma coisa é certa: aprendo mais a cada dia que ensino. Alguns de vocês questionam: “Por que não entro no Quarto-de-Àṣẹ e meu irmão, com menos tempo de Casa, entra?” Já ouvi esta pergunta e retruquei: “Seu irmão tem caminho para isso!” Cada um de nós tem caminho e jeito para determinada coisa, no Àṣẹ. Há ocasiões em que o Olóyè designado para determinada função não se encontra presente. Se não tiver Òtun ou Òsi, chama-se alguém credenciado para suprir a ausência. Isso não “desbanca” o titular. Todas as pessoas credenciadas devem estar aptas para o desempenho de qualquer tarefa, dentro de suas possibilidades pessoais e caminho espiritual.

Algo que muito se pergunta é: “Tenho minhas “Obrigações” completas, sou uma Ègbón, serei uma Ìyáloriṣa?” Respondo que nem todos têm caminho de Mãe-de-Santo. Ao caminho espiritual se soma a vivência no Àṣẹ, o conhecimento adquirido, interpretado, pensado e transmitido ao longo de anos e anos! Livros ensinam esboços de rituais, graças a Olóyè

inescrupulosos, oportunistas, gananciosos, ambiciosos, etc., que faturam com a prática desonesta de vender segredos. Os estudiosos não têm nenhuma parcela de culpa. São profissionais, pesquisadores que fazem seu trabalho. Aqueles que têm sensibilidade e consciência do sagrado e percebem o que é o *awo*, deixam de tornar públicas determinadas cerimônias secretas às quais tiveram acesso, graças à indecência de sacerdotes charlatães. A essência de nossa religião é o *Àṣẹ* (a magia que acontece), transmitido em práticas secretas por quem o recebera. Prática e teoria se completam, mas a força transmitida, como é que fica? Quem não recebeu *Àṣẹ* não pode passá-lo (insisto em repetir), por mais conhecimento prático e teórico que possua. É como se alguém pegasse o livro de receitas, confeitasse um bolo, muito bonito, e no conteúdo houvesse veneno. No Candomblé não se queimam etapas. Tudo deve acontecer no tempo certo. Sempre digo aos Iniciados: “Não tenham pressa, curtam seu tempo de *Iyawó*”.

Um assunto verdadeiramente polêmico é: “Minha Mãe, pertença ou não a este *Àṣẹ*?”. Têm aparecido pessoas aqui para uma consulta, um pedido ao *Oríṣa*, um aconselhamento. Nós as recebemos. Atendemos pessoas de todas as procedências, matizes, culturas... As pessoas ficam satisfeitas e se consideram Filhos da Casa. Um dizer de minha *Ìyáloríṣa*, que transmitia o que ouvira de Mãe Aninha: “ENTROU POR AQUELA PORTEIRA, TODOS SÃO FILHOS DE *ŞÀNGÓ*!” Eu tenho Irmãos-de-Santo que tiveram a sorte de comple-

tar suas “Obrigações” com a senhora que os iniciou. Tive esta sorte. Outros, por diversos motivos, vieram a completar com as sucessoras de sua Ìyá. Como são classificados? São Filhos-de-Santo, também, de quem completou (sublinho) suas “Obrigações”. De quem fechou com a chave perdida a Iniciação. Esta só se completa com a “Obrigaçãõ” de sete anos. Daí, sim, ele é um Iniciado. E o que mais entristece uma Ìyáloriṣa consciente de seus atos são frases maldosas de pessoas para quem tenha feito “obrigaçãõ” de sete anos, completando o ciclo, tais como: — “Minha Mãe-de-Santo eu conheço, devo favores a Dona Fulana, mas sei muito bem quem foi minha Ìyáloriṣa...” Ora, ora, ora... Será que pensam que a Ìyáloriṣa que completou suas “Obrigações” é o quê? Objeto descartável? Ainda pior é ouvir frases como: “Os Filhos-de-Santo de Mãe Cicrana são isso e aquilo...” O que pensam estas pessoas? É evidente que não se consideram Filhos da pessoa que os completou e estão, eles mesmos, discriminando-se. Não venham, depois, querer falar em diferenciações, fale de carinho, amor, etc.. Para mim, Ọḍẹ Kayode, todas as pessoas que têm minha mão na cabeça são iguais; no que diz respeito à condição de meus Filhos. O bem-querer é algo muito pessoal, depende do comportamento de cada um e da afinidade energética.

Existem Olóriṣa que aqui chegaram, com as primeiras “Obrigações” realizadas em Àṣẹ diferentes e eu (ou outra intercessora) completei a Iniciação. Evidente que são meus Filhos, tanto quanto qualquer outro

que tenha começado o “bê-á-bá” comigo! A mão é a mesma. Não uso luvas de borracha para uns é as tiro para colocar as mãos “puras” na cabeça de outros. Existem muitos preconceitos (quem os ignora?), frutos da imaginação de pessoas mal-esclarecidas, maldosas, ciumentas, insatisfeitas que, na primeira oportunidade, botam para fora suas insatisfações e dizem: “Você é achegado; não é meu Irmão-de-Santo; não é Filho do Àșę; eu não vi minha Mãe fazer sua “Obrigação; será que você é feito mesmo de Santo? Tenho minhas dúvidas; quando você se encostou no Àșę, já me encontrou como Filho da Casa, Filho legítimo da navalha de ‘fulana de tal’ e, não, achegado; cale a boca que o Àșę é meu, me pertence de direito. Eu sentei no *apoti* aqui...” Este comportamento é deprimente! Os insatisfeitos não estão agredindo o irmão, mas a mim e a Șàngó! Se não tenho responsabilidade, sou mentirosa, irresponsável, como posso cuidar espiritualmente desses juízes atroztes? A incompetência ou falta de responsabilidade é atribuída à Ìyálorișa, a porta-voz de Șàngó. O importante é o Àșę transmitido pelas mãos, boca e materiais necessários. É o Àșę dela quem qualifica o Olórișa como filho da Casa a que a Mãe-de-Santo pertença.

Mãe Aninha, de eterna memória, “pegou o vapor” de Itaparica para iniciar Ondina Valéria Pimentel fora do espaço físico do Ilê Àșę Òpó Àfonjá. Ondina foi Ìyákékeré dos Ègbé de sua Mãe-de-Santo e de Mãe Senhora, ascendendo, no falecimento da última,

ao posto de **Ìyáloríṣa**. Alguns não consideram esses aspectos de muita profundidade. Chegaremos a um consenso. Discriminação por este motivo é o produto de sentimentos vis e da ignorância. É falta de conhecimento religioso.

Existem jovens e adolescentes, por exemplo, que compõem o Coral do **Àṣẹ**. Não são Iniciados, mas “dão o sangue” pela Casa, com seus cânticos, trabalhando duro no que for preciso. Podemos não considerá-los Filhos do Terreiro? São todos considerados filhos. São filhos de consideração.

Não é comum para mim, enquanto **Ìyáloríṣa**, sair do espaço físico da Roça para realização de “obrigações” em outros locais. Deixei o **Àṣẹ** duas vezes para “obrigações” de complemento de iniciação, uma para um Assentamento-de-Santo e outra para dar comida aos **Oríṣa** de uma senhora. Fui ao Rio de Janeiro fazer “Obrigação” de sete anos para Vanda, Filha-de-**Lógunḗḍe**, iniciada por Mãezinha; a São Paulo, para a “Obrigação” de sete anos de Cléo (em Santana de Parnaíba), que fora iniciada por Carmelita; em São Paulo, ainda, assentei **Ọṣun** para Regina Serra (irmã do **Ọba Henrique Serra**), na residência da referida Filha-de-Santo; e, finalmente, à Brasília, onde dei comida aos **Oríṣa** de Leuzinéia (Néia), a qual já possuía as “Obrigações” completas. Todas são minhas Filhas, filhas de **Ọḍe** e **Ṣàngó Àfonjá**. Basta lembrar que não dou **obì** à cabeça de uma pessoa, sem consultar os referidos **Oríṣa**. Quem não sabia de tudo isso, que se oriente.

Os Filhos de **Qdê** têm um defeito: são de difícil reconciliação. Eu prefiro não brigar. Quem sai de meu coração geralmente não acha o caminho de volta. A vocês meus Filhos, em geral, faço uma advertência: todo Iniciado no Culto dos **Oríxa** é nosso irmão e digno de respeito. Jamais troquem a forma pelo conteúdo. Sejam mais espiritualizados, deixando de lado as coisas materiais. Sempre digo que Candomblé é coisa séria. Sabemos como o Candomblé chegou à Bahia. Se não fosse a abnegação de nossas “velhas tias” e resistência de seus sucessores, esta religião milenar não mais existiria, muito menos teria se fortalecido. O importante é que a resistência do africano e seus descendentes fizeram chegar a nós a essência do culto. Não podemos ignorar que muitas práticas se perderam, ao longo dos anos, em virtude da passagem oral, passível de falhas e deturpações. Por falar em essência, mantida pela resistência, é bom nos lembrarmos de que esta essência é a própria natureza viva. É cansativo, mas repito: os vegetais, minerais, animais, fenômenos naturais (chuva, vento, trovão, relâmpago), a própria terra que pisamos. O Deus supremo é **Olorum**, as demais divindades são os fenômenos da natureza, que têm vida, inteligência, dão respostas às nossas evocações de maneira surpreendente. Quem pratica e crê, presencia. O ser humano é livre para abraçar qualquer crença. A fé não se impõe, nem se chega a ela pelo intelecto. Chega-se ao **Oríxa** pelo coração. O descendente do africano, de pele negra, não tem que, obrigatoriamente, ser de Candomblé. Isso é ridículo! Nós não escolhemos o

Oríṣa, Ele é que nos escolhe. O mesmo acontecendo, eu creio, em todos os sacerdócios. Daí a palavra vocação. Já aconteceu de jovens negros me procurarem dizendo que queriam ser Iniciados. Por quê? pergunto. "Porque sou negro". Eu dou valor a todos que amam suas origens, mas isso não é motivo para que alguém seja **Oloríṣa**. Mesmo sendo negro, de repente o indivíduo não tem nada a ver com o Candomblé. Se fosse assim, todo descendente de africano só estaria ligado à religião dos **Oríṣa**, inexistindo padres, freiras, pastores protestantes e budistas negros. E também não existiria negro materialista e ateu. Saibamos diferenciar as coisas. A religião está inserida na cultura, mas não é simplesmente cultura. **Oríṣa** não tem preconceito de cor e de cultura. Nós é que temos.

Oríṣa não é espírito desencarnado, embora sua história dê, às vezes, esta falsa impressão. **Oríṣa** é a partícula divina existente em cada um. Quem recebe **Oríṣa**, não está recebendo espírito e sim a sua própria partícula divina, sua matéria já se encontra em condições de se vincular à essência divina que existe nela. Há o momento em que a criatura se transforma em **Oríṣa**, identificando-se, de maneira absoluta, com a natureza, voltando a ela, se confundindo com ela. Espíritos são espíritos. Nós cultuamos os ancestrais e sabemos que esses **Baba** são espíritos. Sabemos que existem espíritos de índios chamados, popularmente, de "Caboclos"; há espíritos superiores canonizados pelos católicos e, conseqüentemente, denominados de Santos; há os "irmãos-de-luz", das seções espíritas.

Sincretismo

Pensa-se somente no sincretismo que é feito com os Santos da Igreja Católica e os **Oríças** do Candomblé. E vocês sabem tudo o que já falei sobre o sincretismo. Prestem atenção: há pessoas que cultuam os Caboclos "sincretizados": Caboclo não usa **ójá**, não tem **Qgá**, **Ajóié**, **Eré**, Mãe-de-Santo, etc. Os Caboclos se vestem com tangas, usam penas, cantam em português e línguas indígenas. Existem excelentes Candomblés-de-Caboclos. Casa de Caboclo é cabana, em geral ao ar livre. Não sei se alguém ainda cultua o Caboclo aos moldes de Chica de Mineiro da Liberdade, a finada Dachê, falecida nos anos 80. Ela, sim, sabia dançar sem sincretizar o Caboclo com os **Bankice** do Angola. Isso eu combato: tratar Caboclo como se fosse **Oríça**, **Vodun** ou **Inkice**! O mais errado é festa de Caboclo onde antes se canta para os **Bankice**! "Q Luande, le Kossi..."

Combato o sincretismo, repito, na intenção de valorizar a essência dos ritos, os seus fundamentos, mas sei que Nação pura não existe. Isto é utopia e ignorância de nossa história. Eu não digo "Candomblé", que é expressão banto? E daí? As diferentes nações entraram no chamado processo de assimilação: **Òsumare** com **Bessen**, **Iroko** com **Loko** e **Tempo**, etc. Pergunto aos mais velhos: onde começa o culto do Arco-íris e termina o do deus-cobra e vice-versa? E de **Loko** com **Iroko**? É evidente a assimilação.

Outro assunto polêmico: “Não sei nada porque não me ensinaram”, ou “Em meu tempo era diferente...”

Saibamos aprender a conciliar as profissões com o Àçę, senão se cai na receita do bolo confeitado, tão bonitinho...

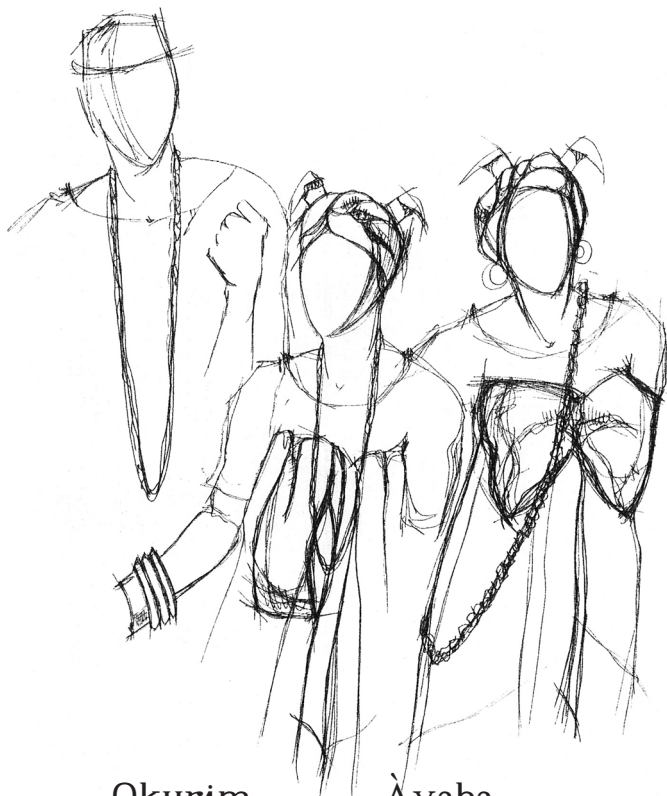
Uma coisa é certa: MEU TEMPO É AGORA! Qdę Súre fun o!

ILUSTRAÇÕES

Trajes de Iyawo e Ègbón



Maneiras de se vestir



Okurim

Àyaba

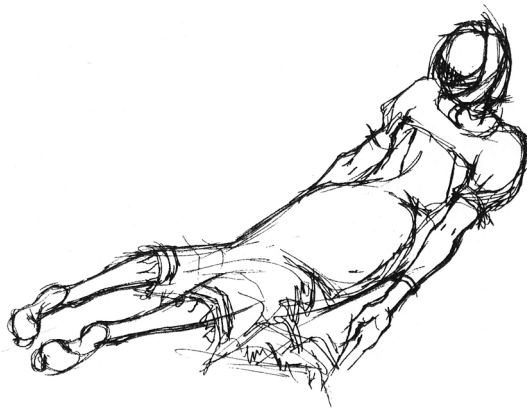
Saudação de uma Ayabá



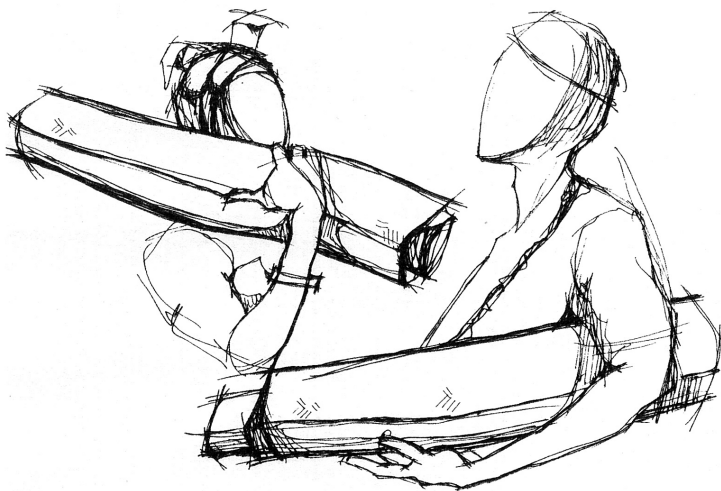
ILUSTRAÇÕES

151

Saudação do Omo Orişa Okurin



As Ayabás carregam esteiras
debaixo dos braços, independente
de ser homem ou mulher



ILUSTRAÇÕES

Iyawo e Ègbón sentados diante dos mais velhos



Ìyáloriṣa dançando, postura dos filhos



ILUSTRAÇÕES

Trajes de Iyawo



3 maneiras das Ègbón usarem pano da costa



ILUSTRAÇÕES

Trajes de Ajóíé



Em frente à Ìyá



ILUSTRAÇÕES

Ao passar diante dos mais velhos



Traje e postura de Așeșe



ILUSTRAÇÕES

Ritual de Așeșe



GLOSSÁRIO

A

Abiyan

Grau pré-iniciático. Literalmente, “aquele que tem parentesco por afinidade”.

Aboríṣa

Iniciado, cultuador de Oríṣa.

Àbúrò

Irmão ou irmã mais nova.

Adoṣu

Iniciado.

Àfonjá

Qualidade de Ṣàngó.

Africøde

“O chefe do Aramefá”. Título usado no Òpó Àfonjá como chefe do culto a Ọḍẹ.

Àgba Igena

Cargo de quem despacha a porta.

Àgba

O mais velho, o superior, o sábio.

Agbeni

Literalmente, “aquele que divide a mesma causa”.

Agere

Tipo de batida rítmica para Òṣósi.

Àgò

Primeira saudação ao aproximar-se de uma Casa para avisar a seus habitantes que alguém está chegando. O mesmo que “pedir licença”.

Águas de Oṣala

Ritual dedicado a Oṣala, que abre o ciclo de festas do Ilè Àṣẹ̀ Òpó Àfonjá.

Àgután

Ovelha.

Àiyé

Literalmente, “O Universo”.

Ajágunà (ou Ajagun)

Qualidade de Òṣàgiyán.

Àjèjé

“A vigília do caçador” o mesmo que Àṣṣṣé. Ritual religioso indispensável para todo e qualquer Adoṣu e Olóyè.

Ajóié

É considerada carinhosamente a “Mãe” do Oríṣa que a escolheu e confirmou. No Candomblé do Engenho Velho (Casa Branca) é chamada de Ekedé. No Terreiro do *Gantois*, são denominadas Ìyárobá Ekedé.

Akṳwé

É a secretária da Casa de Ṣàngó, responsável pelo zelo do Ilè e coisas relacionadas com Ètutu na Casa, além de orientações e compras de materiais necessários para “obrigações”.

Alabẹ

É responsável pela comunicação entre os Oríṣa e o Ègbé, o que é feito através de toques e cânticos.

Alaka

Pano-da-costa. Peça do vestuário tradicional.

Amalá

Alimento oferecido a Ṣàngó.

Apṳkan

Posto na Casa de Ọmṳlu.

Apoti

Espécie de banco, fundamental no processo de iniciação.

Àṣẹ̀ Ìyá Naso Oká

Candomblé do Engenho Velho.

Àṣẹ̀

Energia. Poder de realização através do sobrenatural. Significa também “Assim seja!”

Àṣẹ̀ṣẹ̀

Cerimônia que louva os ancestrais de todos os tempos e nações. A cerimônia do Àṣẹ̀ṣẹ̀ principia pelo **Ìpadé** fúnebre, ligeiramente diferenciado dos demais. Poderá durar de um a sete dias.

Asiwaju

Líder, “aquele que vai na frente”.

Asogbà

Importante título relacionado com a Casa de **Ọmọlu**.

Aṣògún

É o responsável pelos sacrifícios.

Assentamento

Ritual em que se efetiva a ligação com os **Oríṣa**.

Awo

Segredo.

Àyaba

Rainha, mulher do rei. Termo honorífico dado às divindades femininas da cultura Yorubá.

Ayrá

Qualidade de Şàngó.

B

Baba

Pai.

Baba Egún

Espíritos.

Babaláwo

Aquele que tem conhecimento e autoridade para realizar o jogo de Ifà. Literalmente, “senhor do segredo”.

Babalórişá

Pai-de Santo. Homem que ocupa a posição mais elevada na hierarquia do culto aos Oríşa.

Bālè Şàngó

Literalmente, chefe da tribo, aquele que segura o Ilè, uma espécie de administrador.

Balógún

“Aquele que segura a Casa de Ògún”. Posto na Ilê Ògún.

Baró

Espécie de conselheira, “aquela que medita e aconselha”.

Barracão

Lugar dos cultos públicos aos Oríṣa.

Borí

É uma cerimônia de grande significado litúrgico. É a adoração à cabeça, realizada pelo conjunto de oferendas, cânticos e louvações.

C

Camisu

Peça do vestuário das Filhas-de-Santo.

Candomblé

Nome dado no Brasil para o culto aos Oríṣa.

Casa de Oríṣa

Espaço sagrado onde ficam guardados os assentamentos do Oríṣa e dos seus Filhos.

Conta lavada

Colar ritual, que é preparado para ser usado como proteção.

Correio nago

Comunicação feita pela comunidade, boca-a-boca.

Culto de Egúngun

Culto aos Ancestrais.

D

Dagan

É a sacerdotisa que auxilia diretamente a **Ìyá Moro** (e vice-versa). É dentre outros atos sagrados também responsável pelo **Ìpadé**.

Dia do Orúko

Dia em que o **Oríša** revela o nome pelo qual o Iniciado passará a ser chamado.

Dòbálè

Tipo de saudação dos Filhos dos **Olóriša Okunrin**.

E

Ètutu

Ritual.

Éwò

É a proibição, no que diz respeito a comportamento e à alimentação.

Ewúré

Cabra.

Ẹbọ

Ritual de oferendas para o restabelecimento do Àṣẹ, da energia.

Ẹgbé

Sociedade, associação.

Ẹgbón

“O mais velho, mais maduro e experiente”.

Egún

É o espírito do ancestral.

Ẹkọ

Bolinho de feijão branco.

Ẹlèsè Oríṣa

O que está aos pés do Oríṣa, aquele que serve aos Oríṣa.

F

Fila

Chapéu, gorro.

Filha-de-Santo

Iniciada no culto aos Oríṣa.

Filho-de-Santo

Iniciado no culto aos Oríṣa.

Filho-de-Santo Assentado

Aquele que ainda não recebeu a Iniciação, mas está propenso a recebê-la.

Foríbalẹ

Tipo de saudação dos Filhos de Oríṣa Obìrin.

I

Ikákò (iká)

É o foríbalẹ característico das Àyaba.

Ilẹ̀

Casa.

Ilẹ̀ Àṣẹ

Casa de Energia, de força.

Ilẹ̀ Àṣẹ̀ Òpó Àfonjá

Casa da Energia cujo sustentáculo é Ṣàngó Àfonjá.

Ilẹ̀ Baba Agboula

Casa de Culto aos Egúngun, localizada em Amoreira, Itaparica.

Ilẹ̀ Èṣu

Espaço sagrado onde estão guardados os assentamentos do Oríṣa Èṣu e dos seus Filhos.

Ilẹ̀ Ibo Ikú

Casa dos mortos.

Ilẹ̀ Ọbalúáyé

Espaço sagrado onde estão guardados os assentamentos do Oríṣa Ọbalúáyé e dos seus Filhos.

Ilẹ̀ Ọdẹ

Espaço sagrado onde estão guardados os assentamentos do Oríṣa Ọdẹ e dos seus Filhos.

Iperilọde

“O Caçador de Elefantes”. Posto na Ilẹ̀ Ọdẹ.

Ilẹ̀ Ọgún

Espaço sagrado onde estão guardados os assentamentos do Oríṣa Ọgún e dos seus Filhos.

Ilẹ̀ Ohun Lailai

Nome do museu do Ilẹ̀ Àṣẹ̀ Ọpó Àfonjá.

Ilẹ̀ Oṣala

Espaço sagrado onde estão guardados os assentamentos do Oríṣa Oṣala e dos seus Filhos.

Ilẹ̀ Ọsányìn

Espaço sagrado onde estão guardados os assentamentos do Oríṣa Ọsányìn e dos seus Filhos.

Ilẹ̀ Ṣàngó

Espaço sagrado onde estão guardados os assentamentos do Oríṣa Ṣàngó e dos seus Filhos.

Ìlu

Atabaques, demais instrumentos sagrados.

Iniciação

Processo com duração de sete anos, que credencia a pessoa para ser uma Mãe ou Pai-de-Santo.

Iniciar um barco de Iyawó

Reunir um grupo de pessoas para passarem juntas pelo processo de Iniciação.

Inkice

O mesmo que *Oríṣa* na Nação *Angola*.

Irmãos-de-luz

Como são chamados os espíritos nas seções espíritas.

Iwin Dunsi

Cargo na *Ilê Oṣala*.

Ìyá

Mãe.

Ìyá Ègbé

É a conselheira do *Ègbé*, a líder feminina de uma sociedade, responsável pela manutenção da ordem, tradição e hierarquia. O posto segue paralelo ao da *Ìyáloriṣa*.

Ìyá Èfun

É a responsável por determinada cerimônia de grande fundamento litúrgico, realizada durante a Iniciação de *Iyawó*.

Ìyájímùdá

Oyè da Casa de Ọmọlu, diretamente ligado a Ọya. Cargo relacionado com a “obrigação” de Ìpadé, de grande responsabilidade.

Ìyá Labakè

A responsável pela alimentação dos iniciandos, enquanto “de obrigação”.

Ìyá Moro

É a Olóyè responsável pelo Ìpadé. Responde, também, por grandes “obrigações” junto aos Ancestrais.

Ìyá Naso

É a principal líder mulher do culto de Şàngó. Também referida como uma das três sacerdotisas fundadoras do Candomblé do Engenho Velho.

Ìyá Sihà

A Àyaba que segura o estandarte de Oşala, em ritual dedicada ao referido Oríşa.

Ìyá Tebeşe

A dona dos cânticos. O mesmo que Ọgálá na tradição Yorubá.

Ìyá Tojuomo

A responsável pelas crianças do Àşe.

Ìyábase

É a mulher responsável pelo preparo dos alimentos sagrados. Deve possuir grande conhecimento acerca da

culinária litúrgica, sendo auxiliada no preparo da iguaria dos **Oríṣa** por todas as **Olóríṣa**.

Ìyákékeré da Casa

Mãe-Pequena do **Ẹgbé**, da comunidade.

Ìyáloríṣa

Sacerdotisa que ocupa o mais elevado cargo dentro da hierarquia do culto aos **Oríṣa**.

Ìyámi Àgba

Minha Mãe Superior.

Iyawó

Literalmente, “a esposa”. No Candomblé, o iniciante, o recém-Iniciado seja do sexo feminino ou masculino.

J

Jinsi

Cargo responsável por colher as folhas e por alguns segredos na **Ilê Ọsányìn**.

Juba

Saudar, louvar.

K

Kaweó

Cargo na **Ilê Ọsányìn**.

Kólàbá

Um dos mais importantes **oyè** na Casa de **Şàngó**. A **Kólàbá** é a responsável pelo **Làbá** de **Şàngó**. Sua presença é indispensável em “obrigações” de Iniciação dos Filhos de **Şàngó**.

M

Mãe Preta do Brasil

Título dado à Mãe Senhora em 1965 no Rio de Janeiro.

Mãe-de-Santo

O mesmo que **Ìyáloriṣa**.

Mayè

Pessoa designada para tratar com coisas secretas de **Àṣẹ**. Posto ligado à Iniciação de **Adoṣu**.

Miṣangas

São as contas mais finas.

Monjolo

Coral.

Motumbá

“Eu vos saúdo”. Forma de saudar os superiores no **Candomblé**. A resposta é “**Motumbàṣẹ**”.

N

Nàná

Diminutivo de **Nàná Bùkùú**. É considerada a mais antiga das divindades das águas, mas das águas paradas, lamacentas, dos lagos, charcos e pântanos.

Nla Qdẹ

Grande Caçador.

Nupe

Grupo étnico da Nigéria de onde, segundo os mitos, tanto **Şàngó** como **Òşun** têm origem.

O

Obi

Noz de cola. Fruto de significado transcendental indispensável em qualquer ritual do Candomblé.

Ogálá

A dona dos cânticos.

Ójá de cabeça

É uma peça cuja função é proteger o **Orí** (cabeça).

Ójá de peito

É uma peça usada pela **Iyawó** demonstrando que ela esta enlaçada, abraçada, protegida pelo **Oríşá**.

Ojú Ọba

Literalmente, “Os Olhos do Rei”. Posto de honra da Casa de Şàngó.

Ojubona

Mãe-Pequena, criadeira de Iyawó.

Olórişa

O Iniciado, aquele que tem o **Oríşa** como religião.

Olórişa Obìrin

Filho ou Filha de **Oríşa** feminino.

Olórişa Okunrin

Filho ou Filha de **Oríşa** masculino.

Olóyè

Aquele que possui um cargo, posto no Candomblé.

Olúwo

Encarregado de se comunicar com os **Oríşa** através do Jogo de Búzios ou **Ifá**.

Omo-Oríşa

Filho-de-Santo.

Oníle

O Dono da Terra.

Oni-Oríşa

Iniciado no **Oríşa**.

Òpó Àfonjá

Literalmente, poste, pilar, sustentáculo de Şàngó Àfonjá.

Orí

Cabeça.

Oríkì

Versos de louvação para as divindades.

Orin

Cânticos que revelam o pensamento doutrinário e filosófico da religião dos Oríşa.

Oríşa

Divindade Yorubá.

Oríşa Funfun

Divindade da pureza, que tem como símbolo a cor branca, Oşala.

Orogbo

Fruto de significado transcendental indispensável no culto de Şàngó.

Orúko

Nome. Determina a função do Oríşa na vida do seu Filho.

Òşè

Chama-se o dia, durante toda primeira semana do mês, destinado à limpeza da Casa e pertences simbólicos de cada Oríşa. Literalmente quer dizer semana.

Oyè
Título.

Q

Qba
Ministro de Şàngó.

Qde
Divindade da caça.

Qdu
Caminho. Indicação de adivinhação pelo oráculo de Ifá. Predestinação.

Qdu Mege
“Obrigação” de sete anos.

Qgá
Considerado carinhosamente como uma espécie de pai espiritual do Filho do Oríşa que o suspendeu.

Qgotun
Oyè de Casa de Qşun.

Qlòpòndá
Cargo de grande responsabilidade em Iniciação, de âmbito altamente secreto.

Qlòrum
Divindade Suprema Yorubá.

Òrun

"Céu", mundo invisível, plano onde se encontram os Oríṣa.

Óyó

Região na, hoje, Nigéria.

P

Padé ou Ìpadé

O verdadeiro significado da palavra **Padé**: "expor perto da porta de uma cidade ou vila as roupas ou outros pertences deixados por um caçador após a sua morte". A palavra **Ìpadé** significa também "encontrar com", "reunir". Portanto Ìpadé é um ritual de reunião entre vivos e mortos, homens e **Oríṣa**.

Povo de Àṣẹ

Membros de uma comunidade de Candomblé.

Q

Quarto-de-Àṣẹ

Quarto onde ficam os **Olóriṣa** durante o período de Iniciação.

S

Şàngó Àfonjá

É uma qualidade de **Şàngó**.

Şàngó Aganjú

É uma qualidade de Şàngó.

Sarapegbé

Título, “O mensageiro de coisas civis”.

Sègi

Uma variedade de contas valiosas, usadas nos rituais.

Şiré

É usada por nós significando festa. Festa sagrada que homenageia, reverencia um Oríşa.

Şobalóju

O olheiro de Şàngó.

Sociedade Cruz Santa do Àşẹ Òpó Àfonjá

Sociedade civil formada apenas por homens, que é responsável pelos assuntos não religiosos do Terreiro.

Súre fún mi

Como os Filhos do Ilẹ Àşẹ Òpó Àfonjá pedem bênçãos a Mãe Stella.

T

Teobolá

Aquela que acompanha os Oba de Şàngó.

Terreiro de Candomblé

Comunidade onde se cultua os Oríşa.

© Copyright, Maria Stella de Azevedo Santos, 2010.
Direitos desta edição reservados à Assembleia Legislativa da Bahia
Nenhuma parte pode ser duplicada ou reproduzida
sem a expressa autorização.

Glossário e Revisão do Iorubá para esta edição

Mãe Stella

Ilustrações

Professora Jacira Oswald

Foto

Paulo Mocofaya

Coordenação Editorial

Paulo Bina e Délio Pinheiro

Assistente Editorial

Gelson Barbosa

Revisão e Consultoria Editorial do Ilê Axé Opô Afonjá

Oscar Dourado

Programação Visual

P55 Edições / André Portugal e Marcelo Portugal

Editoração Eletrônica

Carla Piaggio

Santos, Maria Stella de Azevedo.

Meu Tempo é Agora./ Maria Stella de Azevedo Santos.
2ª edição. — Salvador: Assembleia Legislativa do Estado
da Bahia, 2010.

184 p.

ISBN: 978-85-7196-136-4

1. Candomblé 2. Deuses afro-brasileiros 3. Orixás 4. Cultos afro-brasileiros 5. História oral 6. Religião 7. Rito e cerimônias I Título. II. Série.
